

## **INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO NO CAIS DO GINJAL**

MEMÓRIA DO LUGAR ATRAVÉS DA MATÉRIA DO PRÉ-EXISTENTE E DO NOVO



### **DOCUMENTO DEFINITIVO**

TERESA MARTINS DEUS 20121423

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM  
ARQUITETURA, ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

### **EQUIPA DE ORIENTAÇÃO:**

PROFESSOR DOUTOR JOSÉ AFONSO

### **JÚRI:**

PROFESSOR DOUTOR JOSÉ AFONSO

PROFESSOR DOUTOR JOÃO PERNÃO

PROFESSOR DOUTOR CARLOS MESQUITA

LISBOA, FA ULISBOA, JANEIRO 2019



“Há mulheres que trazem o mar nos olhos  
Não pela cor  
Mas pela vastidão da alma  
E trazem a poesia nos dedos e nos sorrisos  
Ficam para além do tempo  
Como se a maré nunca as levasse  
Da praia onde foram felizes.  
Há mulheres que trazem o mar nos olhos  
Pela grandeza da imensidão da alma  
Pelo infinito modo como abarcam as coisas e os homens...  
Há mulheres que são maré em noites de tardes...  
E calma”

**Sophia de Mello Breyner Andresen**, *O mar dos meus olhos*.

(Porto, 6/11/1919 – Lisboa, 2/7/2004)



**Imagem 00 1** Vista do passeio marítimo do Cais do Ginjal. Fotografia da autora. Outubro 2016.

**TÍTULO**

Intervenção de Reabilitação no Cais do Ginjal

**SUBTÍTULO**

Memória do Lugar através da Matéria do Pré-existente e do novo

**NOME**

Teresa Martins Deus

**ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA**

Professor Doutor José Afonso

Dissertação/Projeto elaborado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura,  
especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

**Lisboa, Janeiro, 2019**

## **RESUMO**

Descobre-se no recorte da margem do Tejo, um lugar singular entre a terra e o rio. Um lugar que foi escolhido pelo reconhecimento das suas potencialidades e qualidades arquitetónicas.

A partir deste, a presente dissertação de Mestrado trata o processo de revitalização de áreas portuárias degradadas, sendo esta direcionada para a reabilitação e estudo desse mesmo lugar, o Cais do Ginjal em Cacilhas, Almada. Dedicou-se especial atenção ao estudo da materialidade e do detalhe arquitetónico e no modo como estes conseguem caracterizar de forma distinta o que é pré-existente e o que é proposto, novo.

Segundo a atual situação urbanística, o Cais do Ginjal possui grandes potencialidades de requalificação urbana, usufruindo de uma localização central no contexto da Área Metropolitana de Lisboa. Com a presença destes valores históricos, sociais, culturais, de memória e singularidade, procurou-se assim, promover uma nova leitura e conferir um novo dinamismo na reestruturação desta frente ribeirinha.

Com este projeto, criam-se então, novas valências neste espaço, concebendo um programa dinâmico virado para a cultura, serviços, lazer e turismo.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Memória | Materialidade | Reabilitação | Detalhe

**TITLE**

Intervenção de Reabilitação no Cais do Ginjal

**SUBTITLE**

Memória do Lugar através da Matéria do Pré-existente e do novo

**NAME**

Teresa Martins Deus

**ADVISERS TEAM**

Professor Doutor José Afonso

Dissertation/Project to obtain the Master's Degree in Architecture,  
specialization in Interiors and Building Rehabilitation

**Lisbon, January, 2019**

## **ABSTRACT**

It's discovered in the cliff of the Tejo, a singular place between the land and the river. A place that was chosen for the recognition of its architectural potentialities and qualities.

From this, this Dissertation discusses the process of revitalization of degraded port areas, being directed towards the rehabilitation and study of this same place, Cais do Ginjal in Cacilhas, Almada. It was paid special attention to the study of architectural materiality and detail and to the way in which they are able to characterize separately what is preexisting and what is proposed, new.

According to the current urban situation, Cais do Ginjal has great potential for urban renewal, enjoying a central location in the context of the Lisbon Metropolitan area. With the presence of these historical, social, cultural, memory and singularity values, it was sought to promote a new reading and to impart a new dynamism in the restructuring of this riverside front.

With this project, new values are created in this space, designing a dynamic program focused on culture, services, leisure and tourism.

### **KEYWORDS**

Memory | Materiality | Rehabilitation | Detail



## **AGRADECIMENTOS**

Ao Professor Doutor José Afonso, pela disponibilidade e pelas críticas construtivas, pela paciência e por toda a ajuda que foi fundamental para a concretização deste trabalho.

A todas as entidades e pessoas a quem me dirigi e que, sem pensar duas vezes me apoiaram e deram todas as ferramentas que tinham em seu poder, destacando o Arquiteto Samuel Torres de Carvalho e a sua equipa e o apoio da Câmara Municipal de Almada e de algumas associações como: Centro de Arqueologia de Almada - Francisco Manuel Silva; Museu Naval - Fátima Monção; Posto Municipal de Turismo de Cacilhas (Departamento de Turismo) - Isabel Moreira e Casa Pargana – Arquivo Histórico de Almada.

Por fim, mas não menos importante, à minha família, aos meus pais, irmã e ao João, por sempre se mostrarem disponíveis a ajudar. Um obrigada especial aos meus pais pelo apoio, pelo amor, pela paciência em dias menos bons e por fazerem muitas vezes tantos sacrifícios para que este dia fosse possível.

Aos meus amigos, em especial à Inês, à Mariana, à Alexandra, ao Nuno e ao Miguel que não me deixaram desistir, que me deram força e que dispensaram do seu tempo para me ajudar. A todos os que ajudaram a criar momentos de descontração, essenciais em todo este caminho.

A todas as pessoas que fizeram parte da minha vida durante todo o meu caminho académico, que ainda presentes ou não, foram essenciais e me ajudaram a crescer como pessoa e como profissional.



# ÍNDICE DE CONTÉUDOS

<b>RESUMO</b> .....	<b>V</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>VII</b>
<b>ÍNDICE DE FIGURAS</b> .....	<b>XIII</b>
<b>PREFÁCIO</b> .....	<b>27</b>
<b>01 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>31</b>
01.1 Estado da Arte.....	37
01.1.1 Intervenções urbanas e arquitetónicas em frentes de água.....	54
01.2 Contextualização e Objetivos.....	66
01.3 Metodologia de Trabalho.....	68
<b>02 O TEJO E AS SUAS MARGENS</b> .....	<b>71</b>
02.1 Modelos de revitalização de Zonas Portuárias.....	74
02.1.1 Identidade Cultural das Cidades Portuárias.....	76
02.1.2 Estudar. Pensar. Atuar.....	79
02.1.3 A necessidade de Reutilizar.....	83
02.2 Caracterização e enquadramento do caso do Cais do Ginjal.....	84
02.2.1 Contextualização Geográfica e Geomorfológica.....	84
02.2.2 Contextualização Histórica.....	85
<b>03 A NOVA PORTA DE ENTRADA PARA ALMADA</b> .....	<b>99</b>
03.1 Conceito.....	101
03.2 Estratégia e Funcionalidade.....	109
03.3 Acessos e Saídas de Emergência.....	114
03.4 Programa Funcional.....	116
<b>04 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>125</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>131</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>147</b>



# ÍNDICE DE FIGURAS

## 01 | INTRODUÇÃO

<b>Imagem 00 1</b> Fotografia do edifício a entrevir. Cais do Ginjal. Fotografia da autora. Março 2017. ....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
<b>Imagem 00 2</b> Vista do passeio marítimo do Cais do Ginjal. Fotografia da autora. Outubro 2016. ....	III
<b>Imagem 00 3</b> Vista do passeio marítimo do Cais do Ginjal. Fotografia da autora. Outubro 2016. ....	29

## 02 | O TEJO E AS SUAS MARGENS

<b>Imagem 00 4</b> Carrinha de publicidade ao vinho produzido no Ginjal. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Abril de 2017. ....	32
<b>Imagem 00 5</b> Vista sobre o Ginjal a partir do Largo Boca do Vento. Arquivo fotográfico do Museu da Cidade de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Abril 2017. ....	36
<b>Imagem 00 6</b> Fotografias de Eugène Viollet-le-Duc, pelo fotógrafo Félix Nadar. Médiathèque de l'architecture & du patrimoine. Consultado em Outubro 2018. ....	39
<b>Imagem 00 7</b> Poster da Exposição "Uncovering Viollet-le-Duc's "Unexpected" Career. Imagem de Cité de l'Architecture Paris. Consultado em Outubro 2018. ....	40
<b>Imagem 00 8</b> Vista aérea sobre o Chiado na altura do incêndio de 1988. Fotografia de Jorge Paula. Consultado em Junho 2018. (lado direito).....	45
<b>Imagem 00 9</b> Vista de uma das ruas do Chiado, após o incêndio de 1988. Fotografia de Carlos Almeida. Consultado em Junho de 2018. (em baixo).....	45
<b>Imagem 00 10</b> Fachada do Centro de Artes CaixaForum, pela rua Calle Almadén, em Madrid. Fotografia do Arquiteto e Fotógrafo Duccio Malagamba. Consultado em Junho de 2018. (em cima, esquerda)..	47

<b>Imagem 00 11</b> Detalhe da materialidade que compõem a cobertura do CaixaForum Madrid. Fotografia do Arquiteto e Fotógrafo Duccio Malagamba. Consultado em Junho de 2018. (em cima, direita) .....	47
<b>Imagem 00 12</b> Fotografia em perspetiva, vista pela avenida Paseo del Prado, em Madrid. Fotografia do Arquiteto e Fotógrafo Duccio Malagamba. Consultado em Junho de 2018. (em baixo).....	47
<b>Imagem 00 13</b> Vista do interior do pátio do Museu Municipal Amadeo de Souza Cardoso, Amarante. Fotografia de Fernando Guerra. Archdaily. Consultado em Junho de 2018. ....	49
<b>Imagem 00 14</b> Vista do interior de um dos pátios do Museu de Arqueologia da Praça nova do Castelo de São Jorge, Lisboa. Fotografia da autora. Outubro 2018. (esquerda) .....	51
<b>Imagem 00 15</b> Fotografia do exterior do Museu de Arqueologia da Praça nova do Castelo de São Jorge, Lisboa. Fotografia da autora. Outubro 2018. (em cima).....	51
<b>Imagem 00 16</b> Vista exterior do Museu de Arqueologia da Praça nova do Castelo de São Jorge, Lisboa. Fotografia da autora. Outubro 2018. (em baixo) .....	51
<b>Imagem 00 17</b> <i>Esboço do possível pavimento do Cais do Ginjal, no plano de intervenção. Desenhos da autora. Maio 2018. (em cima) .</i>	53
<b>Imagem 00 18</b> Fotografia da Piazza del Campidoglio de frente para a estátua equestre de Marco Aurélio, Roma, Itália. Fonte: Viveroma. Consultado em Junho 2018. (em baixo) .....	53
<b>Imagem 00 19</b> Banhistas na Praia da Ribeira, c.1900 – Coleção Antiga do Município. Arquivo Histórico Municipal de Cascais. Consultado em Outubro 2018. (em cima).....	55
<b>Imagem 00 20</b> Banhistas na praia da Parede, c.1950 – Coleção José Santos Fernandes. Arquivo Histórico Municipal de Cascais. Consultado em Outubro 2018. (no centro).....	55
<b>Imagem 00 21</b> Baía de Cascais, c.1950 – Coleção António Passaporte. Arquivo Histórico Municipal de Cascais. Consultado em Outubro 2018. (em baixo).....	55

<b>Imagem 00 22</b> Fotografia do interior o átrio da Fortaleza da Cidadela. Pousada Cascais – Cidadela Historic Hotel. Fotografia da autora. Outubro 2018. (em cima) .....	59
<b>Imagem 00 23</b> Fotografia do Museu Farol de Santa Marta, corredor exterior. Fotografia da autora. Outubro 2018. (em baixo, à esquerda) .....	59
<b>Imagem 00 24</b> Fotografia do museu visto da Ponte de Santa Marta, Cascais. Fotografia da autora. Outubro 2018. (em baixo, à direita)..	59
<b>Imagem 00 25</b> Imagem do projeto de Requalificação da Entrada Nascente de Cascais. Frente do novo supermercado Jumbo. Fonte: Câmara Municipal de Cascais. Outubro 2018. (em cima) .....	60
<b>Imagem 00 26</b> Imagem do projeto de Requalificação da Entrada Nascente de Cascais. Vista dos condomínios pelo novo jardim. Fonte: Câmara Municipal de Cascais. Outubro 2018. (em baixo, à esquerda) .....	60
<b>Imagem 00 27</b> Vista aérea do novo projeto para a Marina de Cascais. Fonte: Saraiva e Associados (online). Consultado em Outubro 2018. (em cima) .....	61
<b>Imagem 00 28</b> Vista do interior de um terraço, do novo projeto da Marina de Cascais. Fonte: Saraiva e Associados. Consultado em Outubro 2018. (em baixo) .....	61
<b>Imagem 00 29</b> Fotografia de quatro elefantes a regressar da tour Chipperfield's Circus da África do Sul, 1968. Fonte: Museu de Londres – Coleção PLA. Consultado em Outubro 2018. (em cima) .....	63
<b>Imagem 00 30</b> Fotografia de um carregador de peixe em Billingsgate, 1893. Fotografia de Paul Martin. Fonte: Museu de Londres. Consultado em Outubro 2018. (em baixo).....	63
<b>Imagem 00 31</b> Vista sobre o London Eye e o rio Tamisa, Londres. Fotografia da autora. Fevereiro 2017. (em cima) .....	65
<b>Imagem 00 32</b> Fotografia de uma das famosas cabines telefónicas de Londres. Fotografia da autora. Fevereiro 2017. (em baixo, à esquerda) .....	65

**Imagem 00 33** Fotografia do Big Ben e Casa do Parlamento de Londres, a partir da ponte de Westminster. Fotografia da autora. Fevereiro 2017. (em baixo, à direita)..... 65

### **03 | A NOVA PORTA DE ENTRADA PARA ALMADA**

**Imagem 00 34** Vista sobre Lisboa, a partir passeio marítimo do Cais do Ginjal. Fotografia da autora. Outubro 2016..... 72

**Imagem 00 35** *Planta de Lisboa no século XVII. Fonte: Arquivo Nacional Torre do Tombo. Consultado em Outubro de 2018..... 77*

**Imagem 00 36** *Plano-Piloto para Lisboa, pós terramoto, por Eugénio dos Santos e Carlos Mardel (1755-1758). Fonte: Wordpress Fábio Silva. Consultado em Outubro 2018..... 77*

**Imagem 00 37** Vista aérea anterior à Expo'98. Fonte: ufrgs. Consultado em Junho 2018..... 78

**Imagem 00 38** Planta de análise morfológica do Estuário do Tejo, onde é possível observar as diferentes profundidades que compõem o rio. Fonte: LOPES, Catarina Lara Moço (2016). Consultado em Junho 2018. .... 82

**Imagem 00 39** Fotografia da fachada de um dos armazéns do Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Abril 2017. (em cima)..... 86

**Imagem 00 40** Fotografia aérea sobre o Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico da Administração do Porto de Lisboa. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em baixo) ..... 86

**Imagem 00 41** Fotografia dos trabalhadores da fábrica do vinho do Ginjal, a embarcarem. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Abril 2017. (em cima, à esquerda) ..... 89

**Imagem 00 42** Fotografia dos trabalhadores da fábrica do vinho do Ginjal, a embarcarem. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Abril 2017. (em baixo, à direita)89

**Imagem 00 43** Fotografia da “esquina” do fim do percurso do Cais do Ginjal em frente à Praia das Lavadeiras, onde hoje se encontra o restaurante “Atira-te ao Rio”. Arquivo do Museu da Cidade de Almada.

Ano desconhecido. Consultado em Abril 2017. (em baixo, à esquerda)	89
<b>Imagem 00 44</b> Fotografia do interior de uma das fábricas do vinho do Ginjal. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Janeiro 2017. (à esquerda).....	90
<b>Imagem 00 45</b> Fotografia do Clube Náutico do Ginjal, a partir do Rio. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Janeiro 2017. (em baixo).....	90
<b>Imagem 00 46</b> Fotografia da Ponte 25 de Abril, no “início” da sua construção. Arquivo Fotográfico da Administração do Porto de Lisboa. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. ....	92
<b>Imagem 00 47</b> Fotografia da Praia das Lavadeiras, no Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. ....	95
<b>Imagem 00 48</b> <i>Planta envolvente. Linha de Costa de Cacilhas, 1958. Desenho da autora. ....</i>	96
<b>Imagem 00 49</b> <i>Planta envolvente. Linha de Costa de Cacilhas, 2011. Desenho da autora. ....</i>	96
<b>Imagem 00 50</b> <i>Planta envolvente. Linha de Costa de Cacilhas, 2017. Desenho da autora. ....</i>	96
<b>Imagem 00 51</b> Linha de Costa de Cacilhas. Largo Alfredo Dinis ao Elevador Panorâmico da Boca do Vento. <b>1958</b> . Arquivo Fotográfico da Administração do Porto de Lisboa. Fonte: Atelier Arq. Samuel Torres de Carvalho. Março 2018.....	97
<b>Imagem 00 52</b> Linha de Costa de Cacilhas. Largo Alfredo Dinis ao Elevador Panorâmico da Boca do Vento. <b>2011</b> . Fonte: Atelier Arq. Samuel Torres de Carvalho. Março 2018.....	97
<b>Imagem 00 53</b> Linha de Costa de Cacilhas. Largo Alfredo Dinis ao Elevador Panorâmico da Boca do Vento. <b>2017</b> . Google Maps. Consultado em Junho 2018. ....	97
<b>Imagem 00 54</b> <i>Fotografia da vista de uma janela, sobre o rio e o paredão. Fotografia da autora. Junho 2018. (à esquerda) .....</i>	100

<b>Imagem 00 55</b> Fotografia da vista de uma janela, sobre as ruínas no interior dos edifícios do Ginjal. Fotografia da autora. Junho 2018. (à direita).....	100
<b>Imagem 00 56</b> Fotografia de uma banca de venda de flores, junto ao cais. Fonte: Livro “Cacilhas – Imagens d’antigamente.....	103
<b>Imagem 00 57</b> Fotografia do que seria um dia normal no Cais do Ginjal, junto ao cais dos barcos. Fonte: Livro “Cacilhas – Imagens d’antigamente.....	104
<b>Imagem 00 58</b> Planta de Enquadramento urbano. Proposta Urbana. Desenho da autora. Junho 2018. ....	107
<b>Imagem 00 59</b> Esquema de funcionamento do anfiteatro Junto à nova Praça do Ginjal. Desenho da Autora. Junho de 2018. ....	111
<b>Imagem 00 60</b> Planta de Enquadramento urbano. Proposta Urbana. Organização do Programa. Desenho da Autora. Junho 2018.....	113

#### **04 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

<b>Imagem 00 61</b> Foto montagem da frente do Cais do Ginjal, vista a partir do rio Tejo. Fonte: Atelier Arq. Samuel Torres de Carvalho..	129
--	-----

#### **ANEXOS**

<b>Imagem 00 62</b> Planta do Cais do Ginjal e os componentes. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018.....	148
<b>Imagem 00 63</b> Planta de um dos armazéns de Teotónio Pereira, no Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018.....	148
<b>Imagem 00 64</b> Fotografia do interior da Fábrica de Óleo de Fígado de Bacalhau, no Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em cima, à esquerda).....	148
<b>Imagem 00 65</b> Fotografia do interior do antigo Clube Náutico do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em cima, à direita)...	148

- Imagem 00 66** Fotografia de um dos “becos” do Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em baixo).....148
- Imagem 00 67** Fotografia de um dos armazéns do Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (à esquerda) .....148
- Imagem 00 68** Fotografia de uma das habitações junto ao cais. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (à direita).....148
- Imagem 00 69** Fotografia do pormenor de uma porta. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em cima).....148
- Imagem 00 70** Fotografia de uma das hortas no cais, plantadas pelos que lá viviam. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (no centro) .....148
- Imagem 00 71** Fotografia da fachada de um edifício do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em baixo).....148
- Imagem 00 72** Fotografia de uma das ruas criadas por entre os edifícios do Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018.....148
- Imagem 00 73** Fotografia ao Elevador da Boca do Vento, ainda em construção. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em cima, à esquerda).....148
- Imagem 00 74** Fotografia tirada a partir do paredão do Ginjal, com vista para o rio. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em cima, à direita).....148

**Imagem 00 75** Fotografia do pormenor de uma janela tradicional no cais. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em baixo) ..... 148

**Imagem 00 76** Fotografia de um dos antigos guindastes do Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em cima) ..... 148

**Imagem 00 77** Fotografia ao Cais do Ginjal, a partir do rio. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (no centro) ..... 148

**Imagem 00 78** Fotografia tirada ao cais, a partir do agora Jardim Boca do Vento. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em baixo) ..... 148

**Imagem 00 79** Fotografia ao Cais do Ginjal, a partir do rio. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em cima) ..... 148

**Imagem 00 80** Fotografia ao Cais do Ginjal, a partir do rio. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (no centro) ..... 148

**Imagem 00 81** Fotografia ao Cais do Ginjal, a partir do rio. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em baixo) ..... 148

**Imagem 00 82** Fotografia de um dos antigos guindastes do Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (à esquerda) ..... 148

**Imagem 00 83** Fotografia de uma das ruas criadas por entre os edifícios do Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (à direita) ..... 148

**Imagem 00 84** Fotografia tirada a partir do paredão do Ginjal, com vista para o rio. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (à esquerda) ..... 148

- Imagem 00 85** Fotografia de um dos antigos guindastes do Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (à direita).....148
- Imagem 00 86** Fotografia de um edifício em ruínas. Fotografia da autora. Março 2017. (em cima) .....148
- Imagem 00 87** Fotografia do interior de um edifício em ruínas. Fotografia da autora. Março 2017. (no centro).....148
- Imagem 00 88** Fotografia do restaurante “Floresta do Ginjal”. Fotografia da autora. Março 2017. (em baixo, à esquerda).....148
- Imagem 00 89** Fotografia à fachada de um dos armazéns abandonados do cais. Fotografia da autora. Março 2017. (em baixo, à direita).....148
- Imagem 00 90** Fotografia à fachada de um dos edifícios abandonados do cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à esquerda) .....148
- Imagem 00 91** Fotografia à fachada de um dos edifícios abandonados do cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à direita).148
- Imagem 00 92** Fotografia ao interior do lago onde antigamente se encontrava a cantina dos trabalhadores do cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo) .....148
- Imagem 00 93** Fotografia tirada a partir do paredão do Ginjal, com vista para o rio. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima) ....148
- Imagem 00 94** Fotografia à fachada de um dos edifícios abandonados do cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à esquerda) .....148
- Imagem 00 95** Fotografia à fachada de um dos edifícios abandonados do cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à direita).148
- Imagem 00 96** Fotografia ao resto das memórias dos pescadores no cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à direita).....148
- Imagem 00 97** Fotografia à fachada de um dos edifícios e aos seus azulejos. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).....148

<b>Imagem 00 98</b> Fotografia à fachada de um edifício e a porta que dá para um dos “becos” criados por entre os edifícios do cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à esquerda) .....	148
<b>Imagem 00 99</b> Fotografia à fachada de um dos edifícios abandonados do cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à direita)	148
<b>Imagem 00 100</b> Fotografia de uma das ruas criadas por entre os edifícios do Cais do Ginjal. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).....	148
<b>Imagem 00 101</b> Fotografia ao interior de um dos edifícios abandonados do cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (no centro). .....	148
<b>Imagem 00 102</b> Fotografia a um urso de peluche abandonado, no interior de um dos edifícios abandonados. Fotografia da autora. Outubro 2016. (no centro). .....	148
<b>Imagem 00 103</b> Fotografia de uma das ruas criadas por entre os edifícios do Cais do Ginjal. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo). .....	148
<b>Imagem 00 104</b> Fotografia da fachada de um edifício abandonado. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à esquerda). .....	148
<b>Imagem 00 105</b> Fotografia da fachada interior de um dos edifícios do cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à direita). .....	148
<b>Imagem 00 106</b> Fotografia a uma das escadas que dão para o rio, junto ao cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo). .....	148
<b>Imagem 00 107</b> Fotografia do edifício de intervenção, no cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).....	148
<b>Imagem 00 108</b> Fotografia do edifício de intervenção, no cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (no centro).....	148
<b>Imagem 00 109</b> Fotografia do edifício de intervenção, no cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo).....	148
<b>Imagem 00 110</b> Fotografia de um pormenor da fachada do edifício de intervenção, no cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. ....	148
<b>Imagem 00 111</b> Fotografia do edifício que se encontra na envolvente imediata do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima). .....	148

<b>Imagem 00 112</b>	<i>Fotografia de um pequeno edifício que ajudava a reparação dos barcos na “Praça do Ginjal”. Fotografia da autora. Outubro 2016. (no centro).</i>	148
<b>Imagem 00 113</b>	<i>Fotografia da envolvente junto ao talude no cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo).</i>	148
<b>Imagem 00 114</b>	<i>Fotografia da envolvente do espaço de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).</i>	148
<b>Imagem 00 115</b>	<i>Fotografia da envolvente do espaço de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (no centro).</i>	148
<b>Imagem 00 116</b>	<i>Fotografia da envolvente do espaço de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo).</i>	148
<b>Imagem 00 117</b>	<i>Fotografia do interior do piso térreo do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).</i>	148
<b>Imagem 00 118</b>	<i>Fotografia do interior do piso térreo do edifício de intervenção.. Fotografia da autora. Outubro 2016. (no centro).</i>	148
<b>Imagem 00 119</b>	<i>Fotografia do interior do piso térreo do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo).</i>	148
<b>Imagem 00 120</b>	<i>Fotografia do interior do piso térreo do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).</i>	148
<b>Imagem 00 121</b>	<i>Fotografia do interior do piso térreo do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à esquerda).</i>	148
<b>Imagem 00 122</b>	<i>Fotografia do interior do piso térreo do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à direita).</i>	148
<b>Imagem 00 123</b>	<i>Fotografia do interior do piso térreo do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à esquerda).</i>	148
<b>Imagem 00 124</b>	<i>Fotografia do interior do piso térreo do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à direita).</i>	148
<b>Imagem 00 125</b>	<i>Fotografia do interior do piso térreo do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo).</i>	148

<b>Imagem 00 126</b> Fotografia da envolvente exterior, vista do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima). .....	148
<b>Imagem 00 127</b> Fotografia da envolvente exterior, vista do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à esquerda).....	148
<b>Imagem 00 128</b> Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à direita). .....	148
<b>Imagem 00 129</b> Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).....	148
<b>Imagem 00 130</b> Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (no centro). .....	148
<b>Imagem 00 131</b> Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo).....	148
<b>Imagem 00 132</b> Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à esquerda).....	148
<b>Imagem 00 133</b> Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à direita). .....	148
<b>Imagem 00 134</b> Fotografia da envolvente exterior, vista do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo). .....	148
<b>Imagem 00 135</b> Fotografia da Fábrica de Óleo de Fígado de Bacalhau, vista do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).....	148
<b>Imagem 00 136</b> Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (no centro). .....	148
<b>Imagem 00 137</b> Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo).....	148
<b>Imagem 00 138</b> Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à esquerda).....	148

<b>Imagem 00 139</b> Fotografia do pormenor do corrimão da escada interior, no edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à esquerda). .....	148
<b>Imagem 00 140</b> Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (à direita). .....	148
<b>Imagem 00 141</b> Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (à esquerda). ....	148
<b>Imagem 00 142</b> Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à direita). .....	148
<b>Imagem 00 143</b> Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à direita). .....	148
<b>Imagem 00 144</b> Fotografia da vista sobre o rio e Lisboa, a partir de uma janela do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (à esquerda). .....	148
<b>Imagem 00 145</b> Fotografia da vista sobre o rio e Lisboa, a partir de uma janela do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (à direita). .....	148
<b>Imagem 00 146</b> Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima). .....	148
<b>Imagem 00 147</b> Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (no centro). .....	148
<b>Imagem 00 148</b> Fotografia da envolvente exterior, vista do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo). .....	148
<b>Imagem 00 149</b> Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima). .....	148
<b>Imagem 00 150</b> Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à esquerda). .....	148

- Imagem 00 151** Fotografia da vista sobre o rio e a Ponte 25 de Abril, a partir de uma janela do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à direita). ..... 148
- Imagem 00 152** Render exterior do projeto de intervenção Holbæk HavneBy e a sua envolvente. Autoria de Kullegaard e Dimension Design. Consultado em Maio de 2018. (à direita)..... 148
- Imagem 00 153** Render dos terraços. Vista do interior dos mesmos para o exterior. Autoria de Kullegaard e Dimension Design. Consultado em Maio de 2018. (em baixo)..... 148
- Imagem 00 154** Ponte Vecchio, Florença, Itália. Fonte: Cicloturismo. Consultado em Junho 2018..... 148
- Imagem 00 155** Fotografia a um dos desenhos do arquiteto Samuel Torres, sobre a nova proposta para o Ginjal. Fotografia da autora. Fevereiro 2018. (em cima). ..... 148
- Imagem 00 156** Fotografia de uma planta esquemática do programa. Fotografia da autora. Fevereiro 2018. (em baixo)..... 148
- Imagem 00 157** Fotografia a uma das zonas da maquete de apresentação do arquiteto. Fotografia da autora. Fevereiro 2018. 148

## PREFÁCIO

Esta dissertação é desenvolvida em torno dos processos de reabilitação de zonas ribeirinhas, com a intenção de revitalizar e modernizar esses espaços.

A estrutura adotada neste trabalho é composta por duas componentes, uma **teórica** e uma **prática**, que se organizam da seguinte forma:

- A **componente teórica** aparece como uma forma de tornar credível a proposta e as escolhas feitas na solução de projeto adotada. Esta ajuda também a perceber o raciocínio feito ao longo do decorrer do processo de trabalho. Corresponde aos capítulos **01 Introdução** e **02 O Tejo e as suas Margens**.

No primeiro capítulo (01), é feita uma introdução inicial ao estudo da frente ribeirinha, explicando o contexto em que se insere o projeto.

É também realizada a caracterização e explicação dos vários conceitos nos quais se baseia o projeto, como o estudo do Estado da Arte, de modo a fundamentar a estratégia de abordagem ao projeto e em que contexto ela se enquadra. Em conjunto, são apresentados casos de estudo, de modo a existirem referências de como podem ser resolvidos projetos em áreas de implantação semelhantes. Estes foram selecionados com o objetivo de ilustrar alguns dos conceitos desenvolvidos e, todos eles, representam exemplos práticos de projetos urbanos e arquitetónicos de importante relevância para compreender diferentes tipos de identidade, pensamento, abordagem e/ou intervenção.

No segundo capítulo (02), é efetuada uma contextualização histórica, geográfica e geomorfológica de áreas portuárias variadas e por fim do objeto de estudo. As suas particularidades, os ambientes vividos na altura e os tipos de usos que eram definidos e utilizados nestas frentes de rio.

- A **componente prática** aparece como forma de expor a proposta arquitetónica e concetual, resultado da reflexão e estudo das temáticas expostas na componente teórica. Corresponde aos capítulos **03 A nova porta de entrada para Almada** e **04 Considerações Finais**.

O terceiro capítulo (03), é dedicado à exposição dos vários elementos gráficos da proposta final. Neste, são também apresentados elementos escritos e gráficos, como o Conceito, a Estratégia e Funcionalidade e a importância dos Acessos e Saídas de Emergência no projeto. A estes segue-se a explicação do Programa Funcional e a apresentação do projeto.

No quarto e último capítulo (04) são apresentadas as minhas considerações finais, com base na reflexão sobre os objetivos definidos e, de que forma estes foram conseguidos e aplicados na resolução do projeto final, traduzindo uma intervenção possível e real para a problemática da frente ribeirinha do Cais o Ginjal.

Por fim, o presente trabalho foi redigido segundo o atual Acordo Ortográfico, tendo sido utilizada a Norma Portuguesa APA enquanto norma de referência bibliográfica.

**Imagem 00 2** *Vista do passeio marítimo do Cais do Ginjal.*  
*Fotografia da autora. Outubro 2016.*





# 01

## INTRODUÇÃO



*Imagem 00 3 Carrinha de publicidade ao vinho produzido no Ginjal. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Abril de 2017.*

# 01

## INTRODUÇÃO

Os rios e os mares, que outrora eram símbolos de perigo e do desconhecido, acabaram por se transformar no fator principal do crescimento da maior parte dos territórios. Com este crescimento, deu-se a construção de inúmeros portos que, por sua vez, atuavam como elementos de ligação com os grandes oceanos e passaram a representar um papel importante na subsistência e na evolução das cidades.

A estruturação de redes e caminhos de ligação entre pontos do território, esteve sempre intrinsecamente ligada ao desenvolvimento do processo de humanização. O rio Tejo, aparece então, como um caminho natural e fornecedor de elementos vitais, tais como a pesca e os transportes entre margens. Este tem sido de igual modo responsável pelas suas intensas atividades e trocas comerciais, dando origem ao aparecimento dos diversos cais espalhados por toda a margem, consolidando assim estas frentes ribeirinhas.

O planeamento da cidade moderna dos séculos XIX e XX, foi brutalmente influenciado por esta dualidade entre a cidade e a paisagem de água.

*“Contudo, na maioria das cidades portuárias, numa fase pós-industrial, uma descaraterização de extensos territórios, acabou por surgir frequentemente, onde o conseqüente abandono e disfuncionamento das áreas destinadas ao porto, ditaram ainda mais o declínio de algumas cidades”.<sup>1</sup>*

Estes espaços têm como base características sociais, territoriais e, acima de tudo histórico-culturais. Estas características são usadas como base numa estratégia de intervenção, de forma a valorizar a identidade do lugar.

Com base nessa premissa, os novos planos urbanísticos, paisagísticos e arquitetónicos, não podem servir apenas uma nova ideia de turismo, mas acima de tudo a população que habita e vive estes espaços.

Existe a necessidade de criar novos contextos, onde as intervenções são fundamentadas pela preservação de edifícios históricos, uma vez que estes possuem a capacidade de transformar os espaços, tornando-os mais atrativos e remetendo-nos para um ambiente social e cultural que nos transporta para o passado.

**O abandono sucessivo destas localizações privilegiadas, é ainda hoje um mistério.**

Desse abandono surge a oportunidade para uma requalificação urbana e paisagística, com uma ligação muito forte ao rio Tejo. Estes espaços vazios, tornam-se hoje em locais que proporcionam novas oportunidades de centralização, onde devem existir os equipamentos necessários à cidade e onde o espaço público possa restabelecer ligações perdidas com o rio e com a cidade.

---

<sup>1</sup> LOPES, Catarina Iara Moço (2016). *A Cidade e o Rio – Um Ícone na Frente Ribeirinha de Santos*. Dissertação não publicada (Mestrado), Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p.3.



*Imagem 00 4* Vista sobre o Ginjal a partir do Largo Boca do Vento. Arquivo fotográfico do Museu da Cidade de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Abril 2017.



## 01.1 Estado da Arte

O diálogo entre as relações cidade/rio é intemporal e estará sempre presente enquanto existirem cidades portuárias. É com base nesse diálogo que se fundamenta o tema escolhido para esta Dissertação/Projeto de Mestrado.

*“A crença no significado da arquitetura reside na noção de que, para o melhor e para o pior, em lugares diferentes somos pessoas diferentes e na convicção de que a tarefa da arquitetura é fazer-nos ver quem podíamos idealmente ser.”<sup>2</sup>*

A modelação do projeto arquitetónico, reflete-se através dos hábitos pessoais e o estilo de vida de um indivíduo ou de uma sociedade, como uma marca de comportamento diário. O ser humano tem tendência em ligar ações e acontecimentos, a espaços e a lugares específicos.

Quando vemos a arquitetura como um testemunho da história, esta passa a desempenhar uma função numa outra escala, a escala temporal. Esta é desempenhada não só por edifícios de carácter emblemático, como por exemplo os monumentos, mas também por outros do dia a dia. Como formas que criam uma memória coletiva, a arquitetura e a cidade, criam oportunidades de diálogo com a história, sustentando a nossa memória e proporcionam às nossas perceções uma profundidade temporal.

Quando se está a tratar de um projeto de reabilitação, a identidade do lugar e do edifício em si é sem dúvida um dos fatores mais importantes a absorver. Esta identidade é aquilo que reconhecemos que existe no momento em que nos deparamos com a pré-existência, sendo esta o resultado da passagem do tempo, de eventuais intervenções e do

---

<sup>2</sup> BOTTON, Alain de (2009). A Arquitetura da Felicidade. Lisboa: Publicações Dom Quixote, p.14.

próprio significado que aquele objeto ganhou naquele lugar, para aquelas pessoas.

O objeto que pretendemos reabilitar está sempre suportado por uma base histórica já existente, dotada de características que lhe conferem um carácter e uma identidade: o seu "Genius Loci".

Este conceito ajuda-nos a compreender o que o edifício nos diz, como se relaciona com o espaço em que se insere, o que diz às pessoas que o conhecem e, conseqüentemente, a descobrir a melhor abordagem de projeto a seguir na sua reabilitação. Este processo deve tentar responder da melhor forma às necessidades atuais, mas respeitando sempre o passado.

*“rehab* abbr. for *rehabilitation*.

*rehabilitation* 1. (post-WWII) To repair an existing building to good condition with minimal changes to the building fabric; may include **adaptive use, restoration**.

Also known as **rehab**. 2. (post-WWI) Same as **renovation**. See also **reconstruction, remodeling**. 3. (late 20c) "The act or process of returning a property to a state of utility through repair or alteration which makes possible an efficient contemporary use while preserving those portions or features of the property which are significant to its historical, architectural, and cultural values". (Secretary of the Interior's Standards for Rehabilitation)"<sup>3</sup>

Um projeto de reabilitação tem como base a aplicação de estratégias de abordagem ao projeto mais conscientes e fundamentadas, de forma a valorizar as características da pré-existência. Reabilitar, é então, um processo que pretende devolver a identidade e função à mesma, através de reparos ou alterações, possibilitando um uso contemporâneo eficiente, mas preservando as porções ou características já existentes.

---

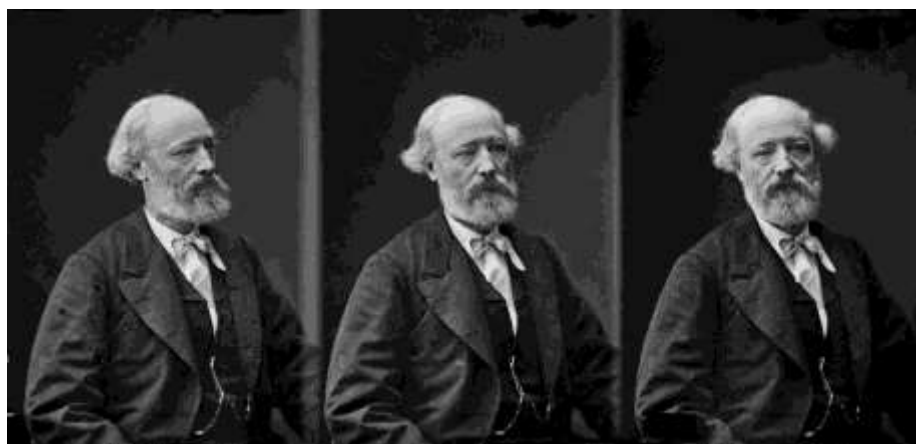
<sup>3</sup> BUCHER, Ward. (1996). Dictionary of Building Preservation. New York: Preservation Press, J. Wiley, p.285.

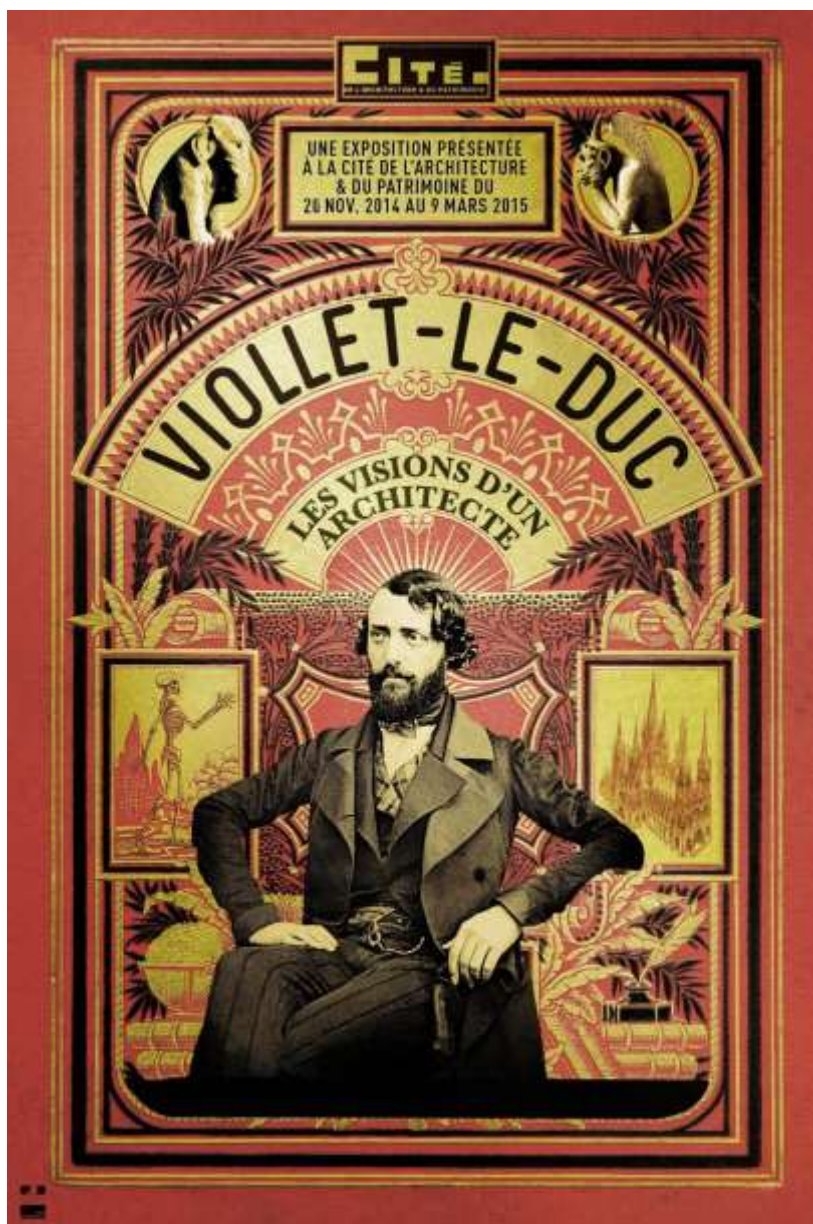
A vontade de preservar os edifícios resulta do reconhecimento do seu valor patrimonial, da vontade de permitir que estes continuem a ocupar um lugar na memória das gerações. Contudo, a evolução constante da sociedade faz com que surja a necessidade de adaptar estes edifícios a novas funções.

A base com que se criou o conceito de reabilitação, remonta ao século XVIII, onde o restauro arquitetónico estava focado apenas em preservar obras de caráter religioso. No entanto, no final desse mesmo século, as escavações de Pompeia e Herculano e o auge da arqueologia, contribuíram para que a vontade de preservar se estendesse a qualquer estrutura do passado, sempre e quando esta tivesse um valor artístico e/ou cultural.

Anos mais tarde, no século XIX os ideais românticos e a moda do historicismo levou a uma maior consciencialização sobre o tema, visando defender a intervenção em monumentos com base num certo ideal estilístico. O arquiteto francês **Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc**, conhecido pela "restauração" de Notre-Dame de Paris, foi um dos primeiros teóricos a preocupar-se com a preservação do património histórico, elaborando os primeiros conceitos de restauração nesse século.

**Imagem 00 5** Fotografias de Eugène Viollet-le-Duc, pelo fotógrafo Félix Nadar. Médiathèque de l'architecture & du patrimoine. Consultado em Outubro 2018.





**Imagem 00 6** Poster da Exposição "Uncovering Viollet-le-Duc's "Unexpected" Career. Imagem de Cité de l'Architecture Paris. Consultado em Outubro 2018.

De 21 a 30 de Outubro de 1931, em Atenas, deu-se a Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos. Nesta foi criada a primeira Carta sobre restauro, a **Carta de Atenas**.

De um modo geral, esta tem como princípio base “(...) *que se mantenha a ocupação dos monumentos, que se assegure a continuidade da sua vida consagrando-os contudo a utilizações que respeitem o seu carácter histórico ou artístico.*”<sup>4</sup>

É fundamental que os princípios básicos da preservação e o restauro, sigam um acordo de âmbito internacional, a partir do qual cada país se possa responsabilizar pela sua aplicação, tendo em conta as suas próprias cultura e tradições.

Ao definir este principio, a Carta de Atenas contribuiu para o progresso deste amplo movimento internacional, sendo este materializado em documentos nacionais, como no trabalho do ICOM - International Council of Museums (Conselho Internacional de Museus) e da UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) e ainda, na criação de um Centro Internacional para o Estudo da Preservação e Restauro dos Bens Culturais.<sup>5</sup>

Com o desenvolvimento da investigação face a este tema, apareceu a necessidade encarar e resolver problemas mais complexos e diversificados e com estes, a inevitabilidade de criar uma nova Carta, mais atualizada.

De 25 a 31 de Maio de 1964, em Veneza, deu-se então o IIº Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos, onde foi aprovada a agora chamada **Carta de Veneza - Sobre a Conservação e Restauro dos Monumentos e dos Sítios**.

---

<sup>4</sup> Carta de Atenas (1931) - Conclusões da Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos, p.1.

<sup>5</sup> Carta de Atenas (1931) - Conclusões da Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos, p.1.

Esta tem como principais definições e objetivos os seguintes:

### **"Definições**

Art. 1.º

*A noção de monumento histórico engloba a criação arquitetónica isolada bem como o sítio rural ou urbano que testemunhe uma civilização particular, uma evolução significativa ou um acontecimento histórico. Esta noção estende-se não só às grandes criações mas também às obras modestas que adquiriram com o tempo um significado cultural.*

Art. 2.º

*A conservação e o restauro dos monumentos constituem uma disciplina que apela à colaboração de todas as ciências e de todas as técnicas que possam contribuir para o estudo e salvaguarda do património monumental.*

### **Objetivos**

Art. 3.ª

*A conservação e o restauro dos monumentos visam salvaguardar tanto a obra de arte como o testemunho histórico."*<sup>6</sup>

No Comité que redigiu a Carta de Veneza, estiveram presentes uma diversidade de representantes internacionais, onde como Presidente esteve Piero Gazzola (Itália) e como Secretário Raymond Lemaire (Bélgica). Entre estes ainda esteve Luis Benavente (Portugal); Jose Bassegoda-Nonell (Espanha); Djurdje Boskovic (Jugoslávia); Hiroshi Daifuku (UNESCO); P.L de Vrieze (Holanda); Harald Langberg (Dinamarca); Carlos Flores Marini (México); S.C.J Pavel (Checoslováquia); Victor Pimentel (Perú); Deoclecio Redig de Campos (Vaticano); Eustathios Stikas (Grécia); Mrs. Gertrud Tripp (Áustria); Jan Zachwatowicz (Polónia); Mustafa S. Zbiss (Tunísia); Paul Philippot

---

<sup>6</sup> Carta de Veneza – Sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios, 1964, p.1 e 2.

e Harold Plenderleith (ICCROM)<sup>7</sup>; Mario Matteucci e Roberto Pane (Itália); Jean Merlet, Jean Sonnier e Francois Sorlin (França).<sup>8</sup>

Atuando sobre as linhas da Carta de Veneza (1964), e de modo a facilitar o processo da unificação europeia na entrada do novo milénio, foi desenvolvida uma nova carta, mais recente, a **Carta de Cracóvia** (2000) - Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído, deliberada a 26 de Outubro de 2000, em Cracóvia, na Polónia.

Conscientes de que vivemos um tempo no qual as identidades dos países, no contexto internacional, se tornam cada vez mais distintas e singulares, cada comunidade, tendo consciência do seu passado e da sua cultura, é agora responsável quer pela identificação, quer pela gestão do seu património. *“A Europa actual caracteriza-se pela diversidade cultural e, assim, pela pluralidade de valores fundamentais associados ao património móvel, imóvel e intelectual, o que implica diferentes significados que originam conflitos de interesse.”*<sup>9</sup>

Com o passar dos tempos as Cartas sobre Restauro têm sido alteradas e adaptadas, sendo estas as mais importantes: **Carta de Atenas** (1931); **Carta Italiana de Restauro** (1932); **Carta de Veneza** (1964); **Carta de Restauro** (1972); **Carta da Conservação e do Restauro de Objetos de Arte e Cultura** (1987); **Carta de Cracóvia** (2000).

Foram então criadas três tendências principais de restauro. Em França o "Restauro Estilístico", teoria que tem como base a restituição "científica" do original; em Inglaterra o "Restauro Romântico", tendência com ideais oposta às de França; e em Itália o "Restauro Arqueológico". A partir dessa estrutura de pensamento, apareceu então a **reabilitação**, agora focada não só em monumentos históricos, mas em todos os edifícios que podem, ou não, fazer parte do património de uma cidade. Cada projeto de reabilitação é um caso

<sup>7</sup> ICCROM - The International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property.

<sup>8</sup> Carta de Veneza – Sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios, 1964, p.4 e 5.

<sup>9</sup> Carta de Cracóvia 2000 - Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído, p.1.

único e está sujeito a processos distintos. Não existe então, nem é possível produzir um manual da reabilitação. Existem naturalmente referências e precauções gerais a ter em conta, sendo fundamental entender a intervenção de um modo global e não como um conjunto de projetos individualizados.

Para perceber melhor esta “corrente” arquitetónica e as suas origens, não posso deixar de mencionar um dos muitos casos de sucesso e de referência, o caso particular do projeto de reabilitação/recuperação que abrangeu um aglomerado enorme de edifícios no Chiado, em Lisboa. Este foi um caso paradigmático, não só por se situar no centro histórico da cidade, mas também, porque para alguns, poderia ter sido concretizado de forma diferente.

A 25 de Agosto de 1988, um incêndio bastante violento, deixou parte do Chiado em ruínas. Este destruiu por completo os armazéns Grandella e Chiado, onde nele morreram duas pessoas e mais de 50 ficaram feridas. No total foram 18 os edifícios que ficaram destruídos e, até hoje, não se sabe a origem do incêndio.

O arquiteto a cargo do projeto de reconstrução foi Álvaro Siza Vieira. Apesar de, para alguns, a forma mais fácil de execução deste projeto passava pela demolição dos destroços e a construção de novos e modernos edifícios, para Siza, este projeto de reabilitação urbana não era assim tão linear. O traçado pombalino e a sua imensa carga histórica são um dos fatores que dão sentido ao sistema de relações com a envolvente, algo que o arquiteto não estava disposto a perder. Tirando um ou dois edifícios, a arquitetura, mesmo a feita no princípio do século XX, é pombalina e, portanto, integra-se no que é a Baixa. A Baixa tem como característico um edifício grande e pré-fabricado e, como tal, o novo projeto foi feito á sua semelhança.

Contra a opinião de alguns, o projeto foi em frente e é hoje o que nos permite ver a cidade como um centro histórico de ambiente homogéneo.

**Imagem 00 7** Vista aérea sobre o Chiado na altura do incêndio de 1988. Fotografia de Jorge Paula. Consultado em Junho 2018. (lado direito)



**Imagem 00 8** Vista de uma das ruas do Chiado, após o incêndio de 1988. Fotografia de Carlos Almeida. Consultado em Junho de 2018. (em baixo)



Para além da relação com a envolvente, os materiais usados e, a forma como são inseridos, têm um papel fundamental na nossa perceção daquilo que nos rodeia.

*“**material**, (pre-20c) **materiall** (19c-present) The substance of which something is composed or constructed; used as both singular, such as the stone material of a wall, and plural, such as the **building material** of a house.*

***materials** 1. A plural form of **material**. 2. The physical elements that were combined or deposited in a particular pattern or configuration to form a historic property.”<sup>10</sup>*

Os materiais têm o poder de destacar características especiais nos edifícios. Na maioria das vezes, apenas quando estes estão em interação com outros materiais, na forma como se modelam, contrastam ou acentuam uns aos outros. A localização específica e as transições entre materiais esclarece a estrutura arquitetónica do edifício, podendo estes manifestar-se também como elementos arquitetónicos da mesma. Podem fazer referência a um estatuto social ou tradições regionais, de forma a caracterizar uma determinada altura da história, de um local ou um contexto específico. Somos capazes de ver a maneira como algo se sente ao toque. As superfícies dos edifícios podem ser feitas de modo a poderem ser não só tocadas, como também digitalizadas visualmente como uma extensão do sentido do tato.

Um caso de estudo que se adequa como referência é a **CaixaForum em Madrid**. Projetado pelos arquitetos Herzog & de Meuron, o centro de artes foi inaugurado em 2008. A atração que gira em volta desta antiga Central Elétrica, passa não só pelo seu programa cultural, mas também pelo próprio edifício, na medida em que este foi desconstruído de modo a dar a ilusão de uma enorme massa suspensa que parece desafiar as leis da gravidade.

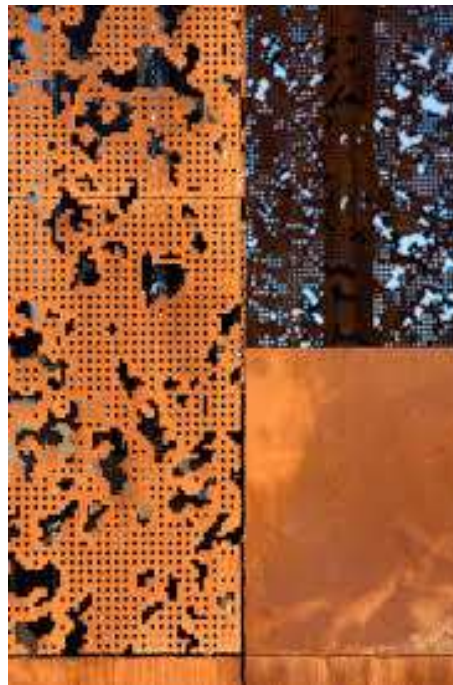
---

<sup>10</sup> BUCHER, Ward. (1996). Dictionary of Building Preservation. New York: Preservation Press, J. Wiley, p.286.

**Imagem 00 9** Fachada do Centro de Artes CaixaForum, pela rua Calle Almadén, em Madrid. Fotografia do Arquiteto e Fotógrafo Duccio Malagamba. Consultado em Junho de 2018. (em cima, esquerda)



**Imagem 00 10** Detalhe da materialidade que compõem a cobertura do CaixaForum Madrid. Fotografia do Arquiteto e Fotógrafo Duccio Malagamba. Consultado em Junho de 2018. (em cima, direita)



**Imagem 00 11** Fotografia em perspectiva, vista pela avenida Paseo del Prado, em Madrid. Fotografia do Arquiteto e Fotógrafo Duccio Malagamba. Consultado em Junho de 2018. (em baixo)



O edifício é constituído por vários andares e oferece um grande carácter flexível dos espaços expositivos e uma complexidade espacial que pode ser distinguida pela materialidade que separa o preexistente do novo.

A eliminação da base do prédio criou uma praça coberta sob a casca de tijolos e, do que restava da Central Elétrica, a casca exterior em tijolo foi o único material preexistente usado neste projeto. Estas paredes de tijolo são reminiscências da era industrial que se viveu em Madrid.

Tal como este, um projeto de reabilitação deve possibilitar a existência de um diálogo entre o novo e o pré-existente, entre as materialidades escolhidas e entre a linguagem que a forma nos traduz. Ao intervir numa preexistência podemos escolher seguir uma perspetiva mais conservadora ou uma perspetiva de transição clara do novo com o pré-existente. Na arquitetura e na reabilitação, esse diálogo pode ser intensificado a partir do detalhe.

A formação de detalhes tem como principal objetivo a configuração de zonas onde os elementos construtivos terminam ou se unem com outros, de modo a articular a estrutura total. Estes podem ser evidenciados ou escondidos, através de transições graduais ou até dissociações, chamando assim a atenção para a inter-relação dos diferentes materiais ou até mesmo a inexistência dessa linha de separação.

Um projeto de grande referência, que tenho de destacar, é o **Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso**. Este projeto de reabilitação do arquiteto Alcino Soutinho, é uma perfeita simbiose entre o novo e o preexistente. Esta é concretizada através dos materiais, das linhas, dos cheios e vazios, das transparências e da opacidade, do toque dos edifícios, dos detalhes.

A intervenção foi feita não só de modo a restituir a autenticidade a este antigo Convento, mas também, a introduzir estruturas novas e modernas capazes de responder às novas realidades funcionais.

Os detalhes e os materiais aparecem de forma a evidenciar determinados percursos, espaços e/ou elementos arquitetónicos.

O espaço que faltava no edifício para completar a ligação dos vários espaços no mesmo propõe, através de uma nova estrutura em vidro, um diálogo renovado com a história, profundamente estimulado pelas préexistências.

Este projeto nunca foi entendido com o sentido de recomposição arqueológica, dado o estado de degradação das estruturas construtivas. O resultado foi um projeto que evidencia o que de melhor tem a preexistência e atribui ao mesmo tempo um caráter moderno que destaca a sua nova função.

Os detalhes arquitetónicos asseguram assim que o significado, função ou papel social e histórico de um edifício são exatamente visíveis, refletindo o seu conteúdo simbólico. O caráter do edifício é mostrado através da escolha minuciosa dos detalhes que o compõem e, pela forma como estes fazem parte de uma seleção de “palavras” que explicam o edifício.

**Imagem 00 12** Vista do interior do pátio do Museu Municipal Amadeo de Souza Cardoso, Amarante. Fotografia de Fernando Guerra. Archdaily. Consultado em Junho de 2018.



**O Museu de Arqueologia da Praça nova do Castelo de São Jorge** em Lisboa, projetado pelo Arquitecto Carrilho da Graça e a sua equipa, é também um excelente exemplo do contraste entre materialidades do que é novo e do que é ruína e da importância do detalhe na arquitetura e na reabilitação.

O espaço, hoje ocupado pelo Castelo de São Jorge, foi objeto de uma extensa escavação arqueológica, iniciada em 1986, que expôs vestígios dos seus sucessivos períodos de ocupação — povoamento da Idade do Ferro, habitações muçulmanas medievais e um palácio do século XV — tendo os artefactos mais relevantes sido removidos e expostos no Museu do Castelo, ficando assim a escavação aberta a uma intervenção de proteção e musealização.

O primeiro passo tomado pela intervenção do arquiteto foi a clara delimitação do sítio arqueológico usando uma membrana de aço corten, sendo esta inserida, para conter a topografia sobrelevada, permitindo assim um melhor acesso e leitura panorâmica do sítio.

Degraus, patins e bancos, marmóreos e perenes foram também inseridos na envolvente de modo a serem distinguidos da textura rugosa das paredes e das fundações expostas.

De modo a proteger as estruturas domésticas muçulmanas do século XI e os frescos que no local se encontravam, criou-se um volume coberto, organizado numa sequência de espaços independentes em torno de pátios, que introduzem luz e ventilação ao edifício. <sup>11</sup>

Este tem um caráter claramente abstrato e cenográfico, materializando-se através das suas paredes brancas que flutuam sobre os troços de parede visíveis, ancorando-se no chão por apenas seis pontos em que esses troços o permitem, enquanto que a cobertura, em policarbonato e ripas de madeira, filtra a luz solar.

---

<sup>11</sup> SOUTINHO, Alcino (s/data). Intervenção do Arquitecto Alcino Soutinho.

A história deste lugar, é então descodificada e apresentada, não apenas através da leitura da informação escrita que acompanha a visita, mas principalmente através da experiência construída pela materialização desta intervenção.



**Imagem 00 13** Vista do interior de um dos pátios do Museu de Arqueologia da Praça nova do Castelo de São Jorge, Lisboa. Fotografia da autora. Outubro 2018. (esquerda)



**Imagem 00 14** Fotografia do exterior do Museu de Arqueologia da Praça nova do Castelo de São Jorge, Lisboa. Fotografia da autora. Outubro 2018. (em cima)



**Imagem 00 15** Vista exterior do Museu de Arqueologia da Praça nova do Castelo de São Jorge, Lisboa. Fotografia da autora. Outubro 2018. (em baixo)

Por fim, mas não menos importante, o espaço envolvente e a forma como este se compõe, pode por vezes ser o fator chave de um projeto. Um excelente exemplo disso mesmo é a **Piazza del Campidoglio**, sendo esta a mais alta das sete colinas de Roma. Situada no Monte Capitolino, onde se encontra um dos monumentos mais importantes da cidade, o "Tabularium".

Depois de ter conhecido os tempos altos da antiga Roma, esta área foi sendo gradualmente abandonada. Mais tarde, a partir do século XII, quando o Tabularium foi escolhido como sede do Município, deu-se início a um lento processo de recuperação. No século XVI, a pedido do Papa Paulo III Farnese, o arquiteto Michelangelo começou a formalizar um projeto que pretendia consertar a praça. Parte deste, era renovar as fachadas do Palazzo Senatorio, do Palazzo dei Conservatori, e ainda construir um terceiro edifício, o Palazzo Nuovo, formando assim na praça um quadrado trapezoidal, decorado com esculturas clássicas e com um enorme desenho geométrico no pavimento da mesma.

Apesar das obras terem começado em 1546, Michelangelo teve apenas tempo de supervisionar a escadaria dupla que levaria à entrada do Palazzo Senatorio. O projeto foi apenas concluído já no século XVII por Giacomo Della, mas fiel ao projeto original.

Devido à forma trapezoidal do pavimento, o desenho aparece como que com uma geometria de um ovo, com uma extremidade mais estreita do que a oposta. A combinação da forma oval com as formas em "diamante", criam um jogo geométrico entre os círculos e os quadrados, costume na era Renascentista. No centro do pavimento encontra-se uma estrela de doze pontas como uma referência subtil para as constelações. Este ponto é chamado Caput mundi, "a cabeça do mundo", expondo o papel central do homem e da arquitetura Renascentista. O pavimento da praça foi o último a ser concluído, tendo sido complementado em 1940 por ordem de Benito Mussolini.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Corradino Mineo (2016). IL PASTICCIACCIO BRUTTO DEL CAMPIDOGLIO

**Imagem 00 16** Esboço do possível pavimento do Cais do Ginjal, no plano de intervenção. *Desenhos da autora.* Maio 2018. (em cima)

**Imagem 00 17** Fotografia da Piazza del Campidoglio de frente para a estátua equestre de Marco Aurélio, Roma, Itália. Fonte: Viveroma. Consultado em Junho 2018. (em baixo)



### **01.1.1 Intervenções urbanas e arquitetónicas em frentes de água**

#### **A Frente Ribeirinha de Cascais, Lisboa**

À semelhança de muitas outras, a frente ribeirinha de Cascais tem sofrido alterações ao longo dos tempos. Seja pela falta de manutenção, pelo abandono e conseqüente degradação ou pela fraca gerência daqueles que comandam as nossas cidades, as frentes de rio/mar são zonas da cidade a que se deve dar especial atenção.

Geograficamente, Cascais encontra-se no extremo sul-ocidental da Península de Lisboa e é limitada, a norte por Sintra, a leste por Oeiras e a sul e a oeste pelo Oceano Atlântico. Estes pedaços de terra, atualmente, são a origem e muitas vezes a causa, do crescimento abundante do turismo em Portugal.

Esta pequena vila piscatória portuguesa, é considerada o destino de férias mais popular da costa de Lisboa. Maioritariamente conhecida como um destino de luxo, um lugar onde apenas os mais abastados têm a hipótese de viver. Esta reputação deve-se ao facto de, entre 1838 e 1889, o rei Luís I a escolher para o seu retiro de verão real. Somando, a alta sociedade de Portugal, decidiu também por sua vez começar a construir mansões luxuosas e ornamentadas com enormes jardins nesta zona.

A crescente urbanização do concelho chega nos meados do século XX, e com ela a construção de uma via rodoviária panorâmica ao longo do litoral, a atual Estrada Marginal, e ainda de e uma via rápida no interior que permitisse o desenvolvimento de aglomerados urbanos ao longo do seu percurso, a autoestrada A5.

Na década de 60, em 1968, a história do concelho fica marcada pela queda do Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar, marcando o processo de decadência do seu regime.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Câmara Municipal de Cascais – Arquivo Histórico Municipal.

**Imagem 00 18** *Banhistas na Praia da Ribeira, c.1900 – Coleção Antiga do Município. Arquivo Histórico Municipal de Cascais. Consultado em Outubro 2018. (em cima)*



**Imagem 00 19** *Banhistas na praia da Pareda, c.1950 – Coleção José Santos Fernandes. Arquivo Histórico Municipal de Cascais. Consultado em Outubro 2018. (no centro)*



**Imagem 00 20** *Baía de Cascais, c.1950 – Coleção António Passaporte. Arquivo Histórico Municipal de Cascais. Consultado em Outubro 2018. (em baixo)*



Hoje, Cascais é uma fusão entre a arquitetura decorativa do século XIX, as fachadas tradicionais portuguesas e as construções novas, que aparecem de modo a agradar a massa turística que para lá se muda todos os anos. Desde estátuas, a praças com chão tradicionalmente em calcada e uma variedade de museus culturais, Cascais oferece não só uma grande variedade de espaços públicos, como também eventos que neles se realizam.

A zona central de cascais, mais junto ao mar, é considerada como o centro histórico, o coração e o símbolo desta vila. Casas antigas têm vindo a ser restauradas e reabilitadas, possibilitando a visão do que outrora aquele lugar foi, mas ao mesmo tempo permitindo a utilização das mesmas de forma responsável. As praias, sendo em grande parte o que constrói a frente, formam acima delas um longo paredão que permite a prática de desporto ou simplesmente espaços onde se possa disfrutar de um bom restaurante com vista para o mar e para os antigos palacetes que se encontram ao longo da baía. Para além destes, existem outras atividades como o mergulho, Surf, canoagem e yoga na praia, que pretendem ligar a população ao mar.

A marina, é também um fator importante nesta escala de vila, pois é a partir dela que muitos chegam do estrangeiro. Entre jardins, como o Parque Marechal Carmona, praças, ruas estreitas e mercados, toda esta frente ribeirinha nos oferece variadas opções de lazer e entretenimento, sem contar com hotéis, hostels, pousadas e edifícios de alojamento local, que permitem que pessoas de todas as idades, famílias, ou meros viajantes se possa estabelecer junto a costa, enquanto descobrem esta pequena vila e as suas histórias.

Cascais proporciona também uma agradável viagem a partir de Lisboa, para quem vem de carro ou comboio pela marginal, dando a conhecer edifícios históricos, museus e a infundável vista para o mar. Quanto às praias, existem dois litorais distintos: a leste, praias calmas e familiares, e no Norte, praias selvagens e acidentadas da Serra da Sintra.

Para além do seu interesse urbano e cultural, na vila existem projetos de arquitetura e reabilitação, que são de destacar, como o **Museu Farol Santa Marta** e o Forte da Cidadela, agora transformado no **Pestana Cidadela Cascais Pousada & Art District**.

O **Museu Farol Santa Marta**, foi um projeto de reabilitação pelos arquitetos Aires Mateus e programa museológico de Joaquim Boiça. Este está localizado no Forte de Santa Marta, na Ponta do Salmôdo, e é um projeto de 435.0 m<sup>2</sup> feito em 2007, sobre um edifício que data 1868. Este museu, aberto ao público desde Julho de 2007, foi reabilitado com base num protocolo combinado entre a Câmara Municipal de Cascais e o Estado Maior da Armada Portuguesa, e é dedicado aos cinco séculos de vida dos faróis portugueses, à sua história e ao seu valor patrimonial. À exceção da bala de canhão encontrada em escavações arqueológicas, a coleção foi inteiramente restaurada e depositada no Farol Museu pela Marinha Portuguesa/Direção de Faróis, tendo ainda acesso a um pequeno anfiteatro e visitas às baterias.<sup>14</sup>

O **Pestana Cidadela Cascais Pousada & Art District**, situado na antiga Cidadela de Cascais, foi um projeto arquitetónico de Gonçalo Byrne e David Sinclair, que aposta na preservação da estrutura fortificada, mas assume o carácter contemporâneo das novas edificações através do revestimento em aço oxidado.

A estrutura existente do forte, foi iniciada em 1594 e mais tarde danificada durante o terramoto de 1755, tendo vindo a sofrer intervenções de restauro apenas a partir de 1985.

Atualmente, a Cidadela de Cascais, incluindo o Forte de Nossa Senhora da Luz e a Torre de Santo António de Cascais, compreendendo toda a parte fortificada entre a Ponta do Salmôdo e o Clube Naval de Cascais, encontra-se classificada como Imóvel de Interesse Público.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Arch Daily Brasil (2016). Museu Farol Santa Marta/ Aires Mateus.

<sup>15</sup> Câmara Municipal de Cascais – Arquivo Histórico Municipal.



**Imagem 00 21** *Fotografia do interior o átrio da Fortaleza da Cidadela. Pousada Cascais – Cidadela Historic Hotel. Fotografia da autora. Outubro 2018. (em cima)*

**Imagem 00 22** *Fotografia do Museu Farol de Santa Marta, corredor exterior. Fotografia da autora. Outubro 2018. (em baixo, à esquerda)*

**Imagem 00 23** *Fotografia do museu visto da Ponte de Santa Marta, Cascais. Fotografia da autora. Outubro 2018. (em baixo, à direita)*

Esta frente ribeirinha tem vindo a crescer e a amadurecer de forma responsável, mantendo a pesca e herança reais, como tal, novos projetos já estão em cima da mesa para melhorar algumas das zonas desta vila.

A lista de obras vai deste uma faculdade de Medicina da Universidade Católica, um Projeto de Requalificação da Entrada Nascente de Cascais, uma nova Marina de Cascais e um projeto de reabilitação para o edifício Cruzeiro, cujo projeto de arquitetura albergará a Escola de Teatro de Cascais, a nova sede do TEC -Teatro de Cascais e o respetivo arquivo, entre outros.<sup>16</sup>

Destes projetos, dois são destacados pelo seu programa e pela sua importância.

**O Projeto de Requalificação da Entrada Nascente de Cascais**, esteve em apresentação pública, no dia 15 de Fevereiro de 2017, no Centro cultural de Cascais. Neste dia estiveram presentes Miguel Pinto Luz, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Cascais, João Mourão, Comité de Direção Auchan Portugal, e alguns membros da comunidade de Cascais.

O projeto do atelier português Fragmentos de Arquitetura, pretende eliminar a “desorganização urbanística”, como explicou Miguel Pinto Luz, daquele espaço.

O plano é gerado á volta do enterramento do supermercado Jumbo, aberto desde 1973. Em cima nasceram, mais espaços de uso público e jardins, um Food court, edifícios de habitação com coberturas e fachadas verdes e, no subsolo, um estacionamento da área de todo o lote.<sup>17</sup>

<sup>16</sup> Câmara Municipal de Cascais – Arquivo Histórico Municipal.

<sup>17</sup> SANTOS, Lina (2018). Cascais planeia Marina de luxo e Jardim que esconde o Jumbo.



**Imagem 00 24** Imagem do projeto de Requalificação da Entrada Nascente de Cascais. Frente do novo supermercado Jumbo. Fonte: Câmara Municipal de Cascais. Outubro 2018. (em cima)



**Imagem 00 25** Imagem do projeto de Requalificação da Entrada Nascente de Cascais. Vista dos condomínios pelo novo jardim. Fonte: Câmara Municipal de Cascais. Outubro 2018. (em baixo, à esquerda)

O novo projeto que visa melhorar a Marina de Cascais, é um projeto de remodelação que propõe a construção de um hotel, novos espaços comerciais e vários apartamentos e imóveis de exceção. O projeto do grupo de Arq. Saraiva e Associados, destaca-se pelo desenho urbano e pela melhoria geral das acessibilidades e espaços verdes.

Este é apresentado de forma a que o conceito incorpore respostas mais adequadas para as questões iminentes da atualidade, como a sustentabilidade, o ambiente e a ecologia.

No parque de estacionamento já existente na zona superior à marina, nascerá o MARCC - Museu de Arte Urbana e Contemporânea de Cascais.<sup>18</sup>

**Imagem 00 26** Vista aérea do novo projeto para a Marina de Cascais. Fonte: Saraiva e Associados (online). Consultado em Outubro 2018. (em cima)



**Imagem 00 27** Vista do interior de um terraço, do novo projeto da Marina de Cascais. Fonte: Saraiva e Associados. Consultado em Outubro 2018. (em baixo)



<sup>18</sup> Saraiva e Associados (s/data). Marina de Cascais.

## A Frente Ribeirinha de Londres, Inglaterra

No passado, as cidades e os portos mediterrânicos, ainda que, estando a enfrentar novas realidades com novas condicionantes, mantinham uma relação próxima entre o desenho da cidade e do porto. A realidade inglesa era um pouco diferente. Esta não promovia as relações entre a cidade e o porto, e as suas docas eram consideradas como o elemento negro e pobre da cidade, devendo ser por esse motivo escondidas.<sup>19</sup>

A zona do Porto de Londres, conhecida e hoje chamada de London Docklands, compreende toda a área ao longo do rio Tamisa, abrangendo cerca de 22km<sup>2</sup> de área ribeirinha, centrada nos bairros de Tower Hamlets, Newham, Southwark, Lewisham e Greenwich. Esta área foi durante muitos séculos, o principal centro do comércio marítimo britânico, mas como a maior parte das zonas portuárias na última metade do século XX, foi abandonada e mais tarde entregue a novos empreendimentos.

Do século XII ao XIV, foram recuperados cerca de 110km<sup>2</sup> de área pantanosa, criando um aterro junto ao rio, a leste da London Bridge. Mas, foi apenas durante o reinado da rainha Elizabeth I (1558–1603), que os cais foram estabelecidos na margem norte do Tâmisia.

Entre 1700 e 1770, a atividade portuária multiplicou-se e onde, num espaço criado para cerca de 600 navios, continha 1.775, o que resultava no engarrafamento marítimo por semanas, estando estes sujeitos a furtos. Para combater esta situação, em 1802, as Docas da Índia Ocidental foram abertas, no extremo norte da Ilha dos Cães. Mais tarde abriram também as Docas de Londres em Wapping (1805), as Docas das Índias Orientais (1806), entre outras. Anos mais tarde, em 1909, foi criada a Autoridade do Porto de Londres (PLA).<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> GUIMARÃES, João F (2006). *Cidade portuária, o porto e as suas constantes mutações no contexto europeu e norte-americano*. Lisboa: Parque Expo'98, p.39.

<sup>20</sup> Encyclopaedia Britannica (2015). *London Docklands*.

**Imagem 00 28** Fotografia de quatro elefantes a regressar da tour Chipperfield's Circus da África do Sul, 1968. Fonte: Museu de Londres – Coleção PLA. Consultado em Outubro 2018. (em cima)



**Imagem 00 29** Fotografia de um carregador de peixe em Billingsgate, 1893. Fotografia de Paul Martin. Fonte: Museu de Londres. Consultado em Outubro 2018. (em baixo)



*“Nearly all the Docklands facilities suffered extensive damage in the bombings that targeted London in World War II. Without having fully recovered from the wartime devastation, London’s port facilities were soon supplanted by operations at Tilbury (still run by the PLA) and at other deepwater ports that offered access for the large containerhips and tankers that came to dominate international shipping.”<sup>21</sup>*

Estes portos, agora com um vasto património de edifícios para reabilitação e de reutilização complexas, deixam estes espaços nas mãos das cidades e dos seus novos dinamizadores. Foi nesta época que as transformações feitas nas docas começaram por ser maioritariamente para usos de escritórios, habitação e lazer. Estes territórios, parcial ou totalmente abandonados, estavam abertos para investimento, o que causava competição por parte de investidores, que estavam à procura de novas oportunidades e espaços para localizarem os seus investimentos.

Uma das primeiras parcelas a ser comprada foi a St. Katharine Docks. Esta compra deu-se em 1969, pelo Greater London Council, onde apesar de alguns dos armazéns originais terem sido mantidos, foram igualmente construídos um hotel, marina de iates, restaurantes e apartamentos. St. Katharine Docks, é um exemplo, não de uma frente imutável de edifícios, mas de uma peça arquitetónica única, referente a uma época de novas oportunidades.<sup>22</sup>

Hoje, esta frente ribeirinha é uma das maiores atrações turísticas do Reino Unido e da Europa, sendo considerado o centro da cidade, onde estão localizados alguns dos mais emblemáticos edifícios históricos de Londres. Destes temos de salientar O Big Ben e a Casa do Parlamento (Palácio de Westminster), a Tower Bridge, a Tower of London, o Butler’s Wharf, e ainda algumas atrações como o London Eye, o Museu de Londres, entre outros.

---

<sup>21</sup> Encyclopaedia Britannica (2015). *London Docklands*.

<sup>22</sup> GUIMARÃES, João F (2006). *Cidade portuária, o porto e as suas constantes mutações no contexto europeu e norte-americano*. Lisboa: Parque Expo’98, p.39.

Esta frente é também acompanhada com um passeio junto ao rio, que nos dá acesso aos grandes edifícios de habitação e comércio. Desde jardins, pequenas praças, restaurantes e cantores de rua, estes espaços, sempre cheios, estão direcionados para o uso público e para o turismo. No interior da cidade, podemos encontrar também, em quase todas as ruas, edifícios e praças de caráter histórico que foram recuperados e que nos contam a história da cidade.

**Imagem 00 30** Vista sobre o London Eye e o rio Tamisa, Londres. Fotografia da autora. Fevereiro 2017. (em cima)

**Imagem 00 31** Fotografia de uma das famosas cabines telefónicas de Londres. Fotografia da autora. Fevereiro 2017. (em baixo, à esquerda)

**Imagem 00 32** Fotografia do Big Ben e Casa do Parlamento de Londres, a partir da ponte de Westminster. Fotografia da autora. Fevereiro 2017. (em baixo, à direita)



## 01.2 Contextualização e Objetivos

Este trabalho tem como ponto de partida a temática da reabilitação com base na “memória do lugar” e na sua materialização. O desenvolvimento do projeto é feito através das várias escalas que interferem com o respetivo lugar de intervenção. Começando por uma leitura estratégica a nível urbano e do território envolvente, passando pela escala intermédia e terminado numa escala particular e de detalhe, sendo estas mudanças de escala sempre realizadas seguindo a mesma génese e princípios de intervenção. Questiona-se o abandono destes edifícios devolutos perante a sua envolvente de frente de rio e, procuro saber como se deve intervir num espaço de carácter tão industrial, respeitando ao máximo as suas qualidades existentes e tirando o maior proveito destas.

O conjunto edificado é constituído pelo grupo de edifícios do Cais do Ginjal, que compreende toda a extensão da margem sul do Tejo, entre a Estação Fluvial de Cacilhas e os armazéns situados no cais, junto às escadas e elevador que dão acesso a Almada pela Boca do Vento.

Com base neste tema e princípios escolhidos, existiram algumas questões de partida com as quais comecei por abordar o trabalho. Algumas dessas questões são:

- Será viável a sua reabilitação baseada no seu interesse histórico e arquitetónico ou será preferível a sua demolição devido à inviabilidade económica da sua reabilitação, ou o potencial económico do terreno que ocupa?
- Como pode ser formalizado o contacto entre a estrutura nova e a pré-existência na abordagem ao projeto, sem descaracterizar a mesma?
- Como é que a definição de um programa funcional pode adequar-se ou destruir a característica de uma estrutura construída?
- Como podemos revitalizar esta zona portuária, direccionando o seu estudo para a ligação com a sua identidade histórica?

A frente ribeirinha em questão, apesar de isolada do resto da cidade, descaracterizada e sobretudo desintegrada do contexto urbano, apresenta-se como uma zona privilegiada face à sua proximidade com o rio Tejo. A presença elevada de armazéns devolutos e a inexistência de atividades e espaços sociais que suscitem um interesse público a longo prazo, podem surgir como dificuldades, mas também como oportunidades.

Esta é uma zona estagnada da cidade de Almada, e como tal, representa uma oportunidade única, possibilitando a consolidação de vários pontos de interesse que a cidade tem vindo a desenvolver ao longo dos anos, junto ao rio.

Este projeto surge então, como a oportunidade de intervir num território com importância histórica e cultural, de forma a aumentar a sua valorização urbana e a enquadrar as especificidades relacionadas com o seu passado portuário.

**De um modo geral, este projeto pretende devolver a frente ribeirinha à cidade e as pessoas.**

Os objetivos acima mencionados, seguem um conjunto de premissas que permitem que exista um processo de trabalho coerente e organizado, e estas premissas são:

- Compreender a composição do preexistente e o seu papel na cidade;
- Possibilitar a intervenção na estrutura pré-existente, estabelecendo relações físicas e conceptuais entre edifícios com diferentes funções e de diferentes épocas, sem a descaracterização dos mesmos;
- Estabelecer um método de projeto baseado na ligação entre o novo e a estrutura histórica;
- Criar estratégias de transição harmoniosas entre o novo e o existente;
- Utilizar a escala, a materialidade e os processos construtivos de modo a tornar perceptível a relação entre o novo e o existente.

### **01.3 Metodologia de Trabalho**

A metodologia aparece como um conjunto de processos que servem para conhecer e perceber o espaço, produzir uma proposta e por fim desenvolver um projeto. O método serve para que a solução seja compreensível por todos.

O processo de trabalho que suporta o presente estudo, recorreu não só à pesquisa e análise de casos de estudo como método de investigação, mas também à análise de teses, livros e artigos científicos da área, que vão de acordo com o tema e o lugar escolhido.

Este processo foi inicialmente elaborado a partir de conceitos gerais, partindo em seguida para uma escala de cidade, e por fim, para uma escala e lógica de projeto focada no detalhe. A sua organização pode ser compreendida da seguinte forma:

1. Pesquisa bibliográfica referente aos conceitos-chave e levantamento de informação através da recolha de elementos referentes ao objeto de estudo no seu contexto histórico e geográfico.
2. Medições, levantamentos, recolha de elementos fotográficos e elaboração de desenhos técnicos que constituam uma base fidedigna para o desenvolvimento do projeto. Estes elementos podem vir a complementar-se com o levantamento cromático e de elementos físicos (materiais), que possam constituir bases importantes para a criação de diferentes soluções de projeto e reabilitação.
3. Leitura e análise dos elementos bibliográficos e de enquadramento histórico. Começando pelos elementos relacionados com o estudo dos conceitos-chave mencionados anteriormente, seguido da interpretação dos elementos referentes ao contexto histórico e geográfico do objeto de estudo.
4. Seleção, análise e interpretação de casos de estudo ilustrativos do tema e conceitos aqui definidos, como estratégia de abordagem ao projeto.

5. Análise do tema de estudo e possíveis soluções de projeto, definindo estratégias e elaborando várias hipóteses de solução de projeto.
6. Produção de variadas propostas de uso e estratégias de reabilitação para o objeto em estudo.
7. Conclusão da solução de projeto e consequente elaboração de elementos finais de apresentação do projeto, tais como: desenhos técnicos, modelos digitais 3D e protótipos à escala, tornando clara a percepção do projeto final.
8. Conclusão dos elementos gráficos e autoavaliação dos resultados finais, refletindo se e de que forma os objetivos definidos foram conseguidos e claramente expressos.

Conciliada com todas estas fases esteve a produção escrita da parte teórica do projeto, onde são tratados mais aprofundadamente os temas em questão e todo o seu contexto, englobando o que existia e o que proponho.



# 02

## O TEJO E AS SUAS MARGENS



**Imagem 00 33** Vista sobre Lisboa, a partir passeio marítimo do Cais do Ginjal. Fotografia da autora. Outubro 2016.

## 02

# O TEJO E AS SUAS MARGENS

*“Onde a terra se acaba e o mar começa. O mar é o mais poderoso factor de relações geográficas remotas. Caminho aberto para todos os lugares do mundo, (...) Mas ele marca também o fim da terra habitada (...) Muito antes que a vista dê a noção do promontório, vai-se fazendo sentir o isolamento da finisterra. O ar carrega-se de humidade; no solo, varrido por ventos impetuosos, a vegetação rarefaz-se em tufos esparsos cosidos com o chão.”<sup>23</sup>*

A relação entre a cidade e a margem do rio nem sempre foi a mesma, esta é caracterizada por diversas fases de aproximação e afastamento ao longo dos anos. As conquistas ao rio, os processos de transformação das cidades portuárias, as suas funções e o seu desenvolvimento foram sofrendo transformações não só geográficas, mas também sociais. Estas transformações e a evolução das tecnologias, em vez de ajudarem á valorização destes espaços, foram em grande parte a causa da sua “morte”.

Hoje, num período pós-industrial, surgem novas oportunidades e interesses para zonas como estas. Surge a oportunidade de repensar e recriar a ligação cidade-rio e de criar novos polos de atração não só turísticos e com fins económicos, mas também, com fins sociais.

---

<sup>23</sup> RIBEIRO, Orlando (2011). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Coimbra: Livraria Sá da Costa Editora, p.143.

## 02.1 Modelos de revitalização de Zonas Portuárias

*“revitalization. The planned economic and social improvement of a commercial or residential neighborhood or other geographic area through physical improvements and social and economic programs, such as a **main street program**; typically includes **rehabilitation** and **redevelopment** of private and public properties.”<sup>24</sup>*

O passado das cidades portuárias remete para um tempo em que um dos principais elos de ligação entre cidades era a água. Era através desta que se promoviam as trocas comerciais, o movimento de populações e a partida para novos territórios.

A identidade das zonas portuárias foi-se definindo o longo dos tempos, pelas estruturas físicas, movimentos e pela cultura muito própria de cada cidade. Estas estruturas desenvolveram-se junto ao rio sob a forma de docas, barras, piers, enquanto que em terra surgiram os grandes armazéns de comércio.

No século XIX, a frente portuária já tinha ganho poder como elemento ativo do comércio internacional, deixando de ser cenário para passar a ser “ator”.

Com o passar do tempo, a falta de condições de adaptação e resposta às necessidades tecnológicas, assim como a sua respetiva configuração e, conseqüente estagnação económica das atividades portuárias, gerou uma incapacidade de dar resposta ao crescimento do volume de negócios, tendo originado a degradação desses territórios.

**O que fazer agora com a herança estrutural destes territórios, quando estes perderam a função para a qual foram feitos no passado?**

---

<sup>24</sup> BUCHER, Ward. (1996). Dictionary of Building Preservation. New York: Preservation Press, J. Wiley, p.383.

Para uma melhor compreensão da cidade e do porto, alternando entre a realidade e o futuro desejado e, para podermos responder a esta pergunta, temos de ter como base o conhecimento da sua história, procurar a sua origem.

**Como pode a memória do lugar e a sua cultura, ajudar à definição de um programa para o local? Qual a definição de cultura?**

“Cultura” diz respeito ao conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização e, aos conhecimentos adquiridos pelo indivíduo. Esta definição é aplicável nas intervenções das frentes portuárias, no sentido em que estas definem uma cultura de costumes do passado e do presente.

Não podemos ignorar a imensa tradição histórica de relação entre a cidade e o mar, a nível europeu/mediterrânico. Esta tradição, assente num eixo de trocas culturais e comerciais, com o transporte marítimo como principal elemento, torna indissociável a evolução das cidades mediterrânicas da sua relação profunda com a água.<sup>25</sup>

Por esta razão, é fundamental que se tenha especial atenção ao modo como a intervenção é feita, de modo a que esta não interfira excessivamente com o existente, mas que permita uma convivência harmoniosa entre as várias realidades e épocas.

---

<sup>25</sup> GUIMARÃES, João F (2006). *Cidade portuária, o porto e as suas constantes mutações no contexto europeu e norte-americano*. Lisboa: Parque Expo'98, p.122

### **02.1.1 Identidade Cultural das Cidades Portuárias**

Estas frentes ribeirinhas, agora obsoletas e transformadas em algo estático e distante, foram maioritariamente construídas no decorrer do século XIX. Este distanciamento e consequente degradação, é em grande parte devido ao florescimento da mecanização movida a vapor e carvão, associada à revolução industrial, que ocorrera naquela época e, aos novos e mais rápidos meios de transporte.

Um espaço, que em tempos, era caracterizado como o Pólo de movimentos e negócios nas cidades, foi-se gradualmente isolando da vida urbana. Estes territórios estão hoje, cobertos por infraestruturas degradadas que compunham essa realidade portuária.

As propostas para estes espaços encaram a necessidade de mudanças funcionais, que podem levar a alterações na morfologia dos velhos cais, estaleiros e armazéns, cuja função para que estavam destinados se perdeu.

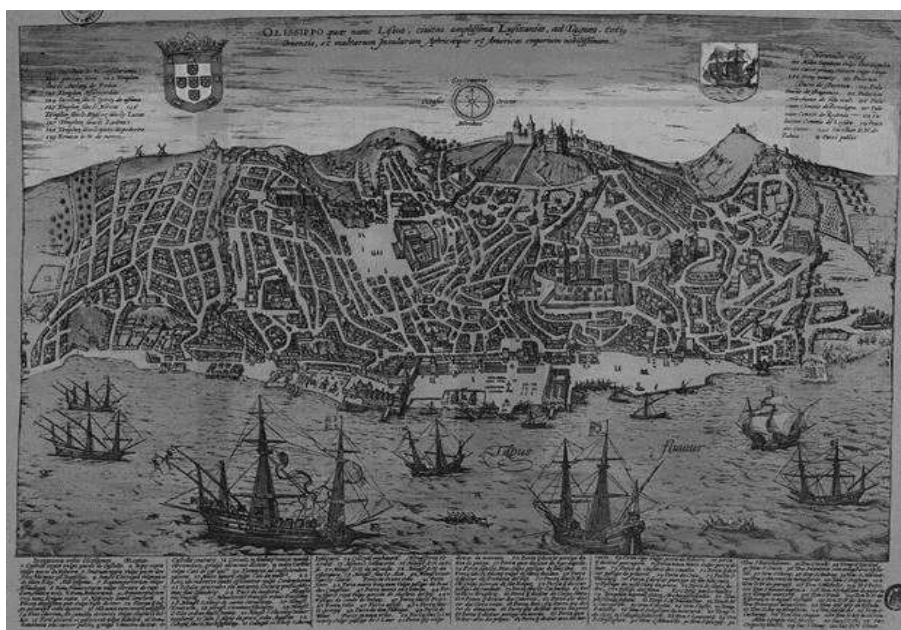
A cidade dos dias de hoje já não está organizada de uma forma compacta, orientada para o centro histórico. Esta é agora composta por diversas dinâmicas, aliadas a diferentes culturas, atividades e, como tal, as novas formas e estruturas espaciais têm que contar com essa diversidade. Estes espaços passam a ser então, centros económicos mundiais, destinos turísticos e centros de cultura.

*“(...) a cidade constitui uma realidade física, não é volátil. Faz-se de permanências, de realidades territoriais e edificadas que não desaparecem facilmente e que vão densificando o seu ADN, mediante a síntese de sucessivas intervenções.”<sup>26</sup>*

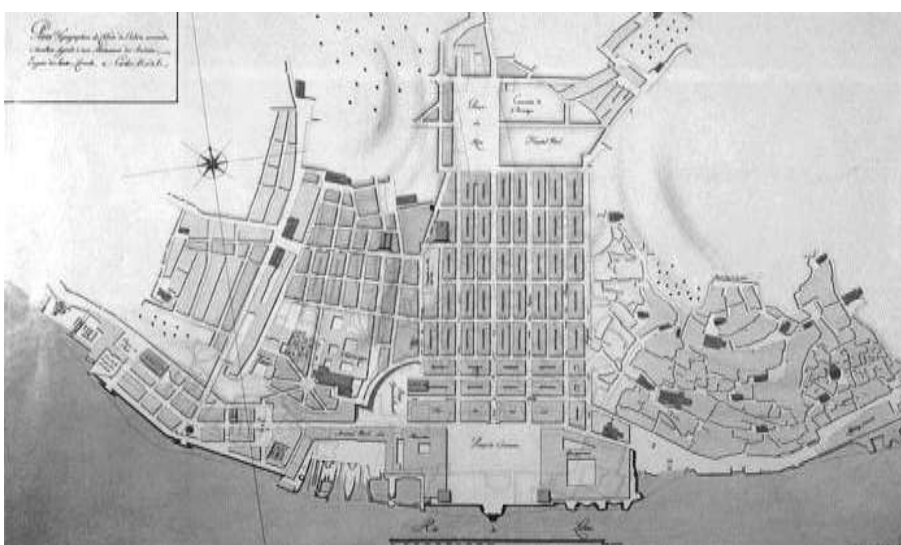
---

<sup>26</sup> COSTA, João Pedro. (2013). *Urbanismo e Adaptação às Alterações Climáticas, As Frentes de Água*. Lisboa: Livros Horizonte, p.20.

**Imagem 00 34** Planta de Lisboa no século XVII. Fonte: Arquivo Nacional Torre do Tombo. Consultado em Outubro de 2018.



**Imagem 00 35** Plano-Piloto para Lisboa, pós terramoto, por Eugénio dos Santos e Carlos Mardel (1755-1758). Fonte: Wordpress Fábio Silva. Consultado em Outubro 2018.



“O plano de Eugénio dos Santos contrapunha-se á Lisboa anterior, cheia de igrejas, paróquias e de ruas escuras. Tratava-se de uma Lisboa sem afinidades com o passado, de facto, uma nova cidade.”<sup>27</sup>

<sup>27</sup> GUIMARÃES, João F (2006). *Cidade portuária, o porto e as suas constantes mutações no contexto europeu e norte-americano*. Lisboa: Parque Expo'98, p.36.



**Imagem 00 36** Vista aérea anterior à Expo'98. Fonte: ufrgs. Consultado em Junho 2018.

*“A Expo'98, Exposição Mundial que teve lugar em Lisboa, foi centralmente uma operação de reconversão urbana. O evento, propriamente dito, ocorreu com sucesso, entre 22 de maio e 30 de setembro. Mas desde o início, o evento foi entendido como uma oportunidade para a requalificação de uma vasta área degradada, na zona oriental da cidade. A festa iria possibilitar uma regeneração do território e “abrir” a cidade para o rio Tejo, aí conhecido como Mar da Palha, um desígnio recorrente em Lisboa desde os anos 1980. Nesse sentido, é uma operação que tem um tempo curto – o da Exposição propriamente dita – e um tempo longo – este que a doze anos de distância já nos permite tirar algumas conclusões. A Expo'98 permitiu reconverter uma área portuária impregnada de lixo industrial, reservatórios e materiais obsoletos, dotando a cidade de novas infraestruturas culturais, comerciais, ferroviárias e de um novo parque habitacional. Nesse sentido mais panorâmico foram cumpridos os objetivos.”<sup>28</sup>*

<sup>28</sup> FIGUEIRA, Jorge (s/data). A EXPO 98 DE LISBOA: projeto e legado, p.2.

### 02.1.2 Estudar. Pensar. Atuar.

O primeiro passo para definir e realizar corretamente um novo plano estratégico e de reconversão destes territórios, passa pela seleção das áreas a revitalizar e, em seguida, antecipar problemáticas inerentes a esses espaços, adotando um esquema base regulador que defina os princípios gerais da transformação e as opções possíveis de infraestruturas.

*“Planear, gerir e projetar o território e a cidade em cenários de (in)previsibilidade: uma previsibilidade possível no quadro de vários fatores de incerteza, permanentemente aferida por novos inputs científicos na área das alterações climáticas; diria, pois, um fator adicional para um urbanismo que aprende a viver com a incerteza.”<sup>29</sup>*

As atividades propostas têm de ser capazes de usufruir de estruturas já existentes, sendo estas combinadas com cuidado e de modo a fomentar a atração do indivíduo para o espaço público. O planeamento deve ser pensado nos seus diversos níveis, de modo a resolver os problemas e não sendo o gerador dos mesmos.

Nestes processos de revitalização e reabilitação, destacam-se ainda algumas questões base importantes que têm de ser resolvidas, tais como: a aquisição do terreno; o estudo do meio ambiente; a complexidade construtiva; a capacidade de acesso e transportes; o desenvolvimento de um plano geral e a aceitação do projeto por parte da comunidade.<sup>30</sup>

Dentro das variadas problemáticas inerentes a estes territórios, uma das mais preocupantes tem vindo a ser as alterações climáticas.

---

<sup>29</sup> COSTA, João Pedro. (2013). *Urbanismo e Adaptação às Alterações Climáticas, As Frentes de Água*. Lisboa: Livros Horizonte, p.23.

<sup>30</sup> GUIMARÃES, João F (2006). *Cidade portuária, o porto e as suas constantes mutações no contexto europeu e norte-americano*. Lisboa: Parque Expo'98, p.146 e 147.

Este fenómeno global é a maior ameaça ambiental do século XXI e tem consequências profundas que afetam as mais variadas áreas da sociedade. Variando conforme a localização geográfica, podem afetar áreas de caráter económico, social e principalmente ambiental.

*“Variando localmente, as perspetivas de transformação do clima em Portugal têm vindo a ser identificadas. Antecipam-se como muito preocupantes estimativas como a elevada subida da temperatura média, em particular nos meses de verão no interior do país; a alteração dos padrões de precipitação; a transformação da paisagem, com impacto na agricultura ou na saúde pública; ou a subida do nível médio do mar.”*<sup>31</sup>

Para além destes, deveram também ser tidos em consideração os transportes e a mobilidade públicos, como parte destas intervenções. O metro de superfície ou subterrâneo, os elétricos, as linhas de autocarro, e todos os outros, deveram funcionar como elementos que ajudam a dinamizar as atividades locais e que permitem a diminuição do excesso de veículos privados na zona, facilitando o acesso ao comércio, lazer e trabalho.

Em suma, pretende-se com estes novos planos atingir um equilíbrio entre os interesses das massas, as necessidades sociais e as necessidades ambientais.

Uma das premissas usada como ponto de partida para projetos nestas áreas, passa por usar o espaço público como espaço dominante.

A diferenciação entre o que é o espaço público e o espaço privado, começa a ser um dos princípios fundamentais para a prática correta do planeamento urbano dos dias de hoje. O espaço público ganha cada vez maior importância no sentido em que é nele que se dá o encontro das diferentes épocas, culturas e estatutos sociais.

---

<sup>31</sup> COSTA, João Pedro. (2013). *Urbanismo e Adaptação às Alterações Climáticas, As Frentes de Água*. Lisboa: Livros Horizonte, p.16.

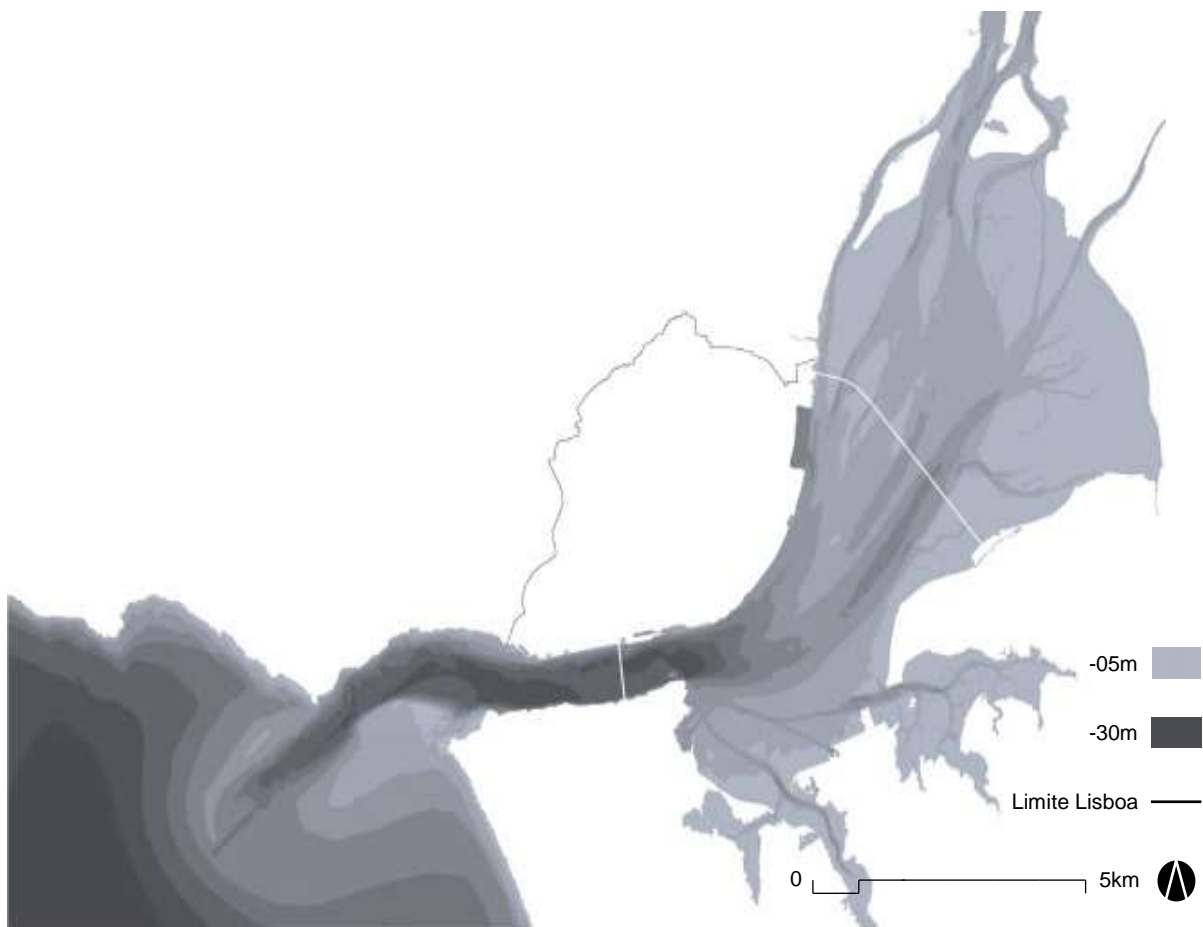
*“O espaço público é isso mesmo, o confronto de culturas. O espaço público não está apenas destinado às elites, mas também à grande diversidade de gentes, que poderão não dispor de capacidade monetária para usufruir de artefactos, para saborear certos alimentos ou para participar em atividades culturais mas que podem desfrutar do espaço que é de todos.”*<sup>32</sup>

O espaço público foi e ainda é hoje, talvez, o único local onde os cidadãos se podem movimentar sem grandes restrições. O maior desafio ao criar estes espaços é conseguir que o mesmo proporcione esse mesmo tipo de experiência para todos, sem excluir ninguém.

Estes espaços devem ser criados de modo a facilitar a interação entre os vários tipos de identidades não só pessoais, como sociais. Deve promover a interação entre o habitante local e o visitante e/ou a classe média/baixa e a alta. O espaço público, como o próprio significado da palavra sugere, é para todos.

---

<sup>32</sup> GUIMARÃES, F. João (2006). *Cidade portuária, o porto e as suas constantes mutações no contexto europeu e norte-americano*. Lisboa: Parque Expo'98, p.75.



**Imagem 00 37** Planta de análise morfológica do Estuário do Tejo, onde é possível observar as diferentes profundidades que compõem o rio. **Fonte:** LOPES, Catarina Lara Moço (2016). Consultado em Junho 2018.

### **02.1.3 A necessidade de Reutilizar**

As novas estratégias e planos delineados para as frentes de água portuárias, têm como objetivo melhorar e reestruturar uma situação existente, baseando-se no reaproveitamento de estruturas antigas preexistentes, visão promover a inserção de diversas atividades: culturais, recreativas, comerciais e turísticas.

Estes novos programas e sistemas tentam corromper a carga negativa associada às cidades de hoje, caracterizadas como locais impessoais sem identidade ou tradição, poluídos e inseguros. Os usos dominantes usados nestes planos são os serviços, a habitação, o comércio, o recreio, o lazer e o turismo.

Tendo em conta a sua estrutura social e cultural, e os diferentes territórios, existem alguns sistemas que são usados como base e princípio comum nas diferentes intervenções. Dois desses são:

O sistema norte-americano: Tem como base a transformação de peças fragmentadas em conjuntos de intervenção. Existe a incapacidade de usufruir de elementos de referência devido á grande dimensão do território e, como tal, tem como principal objetivo a criação de espaços dedicados ao turismo de massas e a ampliação dos centros económicos.

O sistema europeu: Procura manter o ambiente singular e a identidade histórica da frente ribeirinha e da cidade em que se inserem, através de processos de revitalização/regeneração.

Para a concretização da maioria destes projetos, o volume de investimento necessário é imenso, e como tal, apenas grupos de investidores/promotores bastante sólidos têm a capacidade logística e financeira para os desenvolver. Estes processos de revitalização, não podem apenas ser feitos através do espaço físico. Existe a responsabilidade de cativar na sociedade a noção do que é “cultura cívica”, onde o bem comum de todos está diretamente ligado ao bem-estar de cada indivíduo singular.

## **02.2 Caracterização e enquadramento do caso do Cais do Ginjal**

### **02.2.1 Contextualização Geográfica e Geomorfológica**

Almada é uma cidade portuguesa, o ponto de encontro entre o Tejo e o Atlântico. Esta faz parte do Distrito de Setúbal, região de Lisboa e sub-região da Península de Setúbal, sendo a sexta cidade mais populosa de Portugal, com cerca de 95 000 habitantes.

A presença desta cidade enquanto elemento de articulação entre as duas margens, Margem Sul e Margem Norte, Almada e Lisboa, proporcionou o desenvolvimento de várias realidades económicas e culturais. A presença próxima de Lisboa, potenciou o desenvolvimento das relações económicas entre as margens.

Pequenos núcleos distribuem a população pelas várias zonas da cidade – Almada Velha, Pragal, Cacilhas, Cova da Piedade, Mutela e Caramujo/Romeira. Estas zonas estão por sua vez envolvidas por uma série de quintas vocacionadas para a atividade agrícola e de lazer.

Junto ao rio Tejo existe uma larga interface de transportes públicos. Entre estes está o tradicional Cacilheiro da Transtejo.

Devido à existência de dois portos de mar na orla ribeirinha do Tejo, Fonte da Pipa e Cubal, no século XVIII, esta zona ribeirinha possuía um grande tráfego fluvial, sendo o local onde se realizava o transporte de passageiros e de mercadorias de uma margem para a outra.

Dentro desta, existe uma freguesia ribeirinha, Cacilhas, que é localizada na área urbana da cidade e é autónoma desde 1985. Compreende uma área total de um quilómetro quadrado e integra lugares como: o Ginjal, parte do Olho de Boi, a Quinta da Alegria e parte da zona da Margueira.

*“O recorte da linha costeira, é favorável à acostagem de embarcações, o que veio a ser decisivo, a partir do século XVIII, na construção grandes naves industriais para a exploração dos recursos piscatórios e outras atividades marítimas, bem como, o estabelecimento de um conjunto de unidades industriais que, sucessivamente se implantaram nas suas margens, com cais próprios. Deste modo, a indústria naval, passou a conformar a paisagem ribeirinha da freguesia de Cacilhas.”<sup>33</sup>*

A posição em que se encontra o Ginjal, na base do planalto, implica que este esteja confinado entre a arriba fóssil e o rio Tejo. A arriba, com a sua inacessibilidade e riqueza de reentrâncias, apresenta uma flora arbustiva e herbácea que serve de suporte a uma comunidade de aves e pequenos animais.

Com a gradual descida da cota do nível das águas do mar, deu-se a formação de praias, que foram a base para a construção do cais do Ginjal.

### **02.2.2 Contextualização Histórica**

Cais do Ginjal, é o nome dado a toda a extensão de cais, desde a estação Fluvial de Cacilhas até aos últimos armazéns imediatamente antes do Elevador da Boca do Vento.

Este cais sempre foi privado, embora tenha resultado de uma exigência feita por Francisco Inácio Lopes, da Câmara Municipal de Almada, em 1860, que, tomando partido dos dois portos de mar na orla ribeirinha do Tejo que já lá existiam - um na fonte da pipa e outro, com praia espaçosa, no Cubal - permitia a existência de um tráfego fluvial bastante considerável.

---

<sup>33</sup> GIL, Ana Filipa da Costa (2010). *Projectar com o Lugar - Indústrias Criativas: Escola de Artes Cénicas do Ginjal*. Dissertação não publicada (Mestrado), Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, p.14.



**Imagem 00 38** Fotografia da fachada de um dos armazéns do Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Abril 2017. (em cima)

**Imagem 00 39** Fotografia aérea sobre o Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico da Administração do Porto de Lisboa. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em baixo)



“E assim nasceu o Cais, ponto de passagem e paragem quase obrigatória. Localizado num sítio estratégico, frente à capital e perto da barra do Tejo. O Ginjal foi muito importante numa época em que todo o trânsito se fazia por via fluvial. E durante largos anos teve muita atividade, muita vida e muita gente.”<sup>34</sup>

<sup>34</sup> CARRIÇO, Marlene (2015). CAIS DO GINJAL. DA FORTUNA Á DECADÊNCIA . In: Observador Online [online].

Com uma enorme procura de investidores interessados naqueles terrenos, a autarquia começou a criar um sistema de lotes, obrigando à construção de uma parcela de cais em frente dos edifícios.

As mais antigas residências do Ginjal datam do final do século XVII, início do século XVIII, com avanços para o rio e para o cais, além de modificações visíveis do séc. XIX e princípios do séc. XX.

Ainda durante o ano de 1845, João Teotónio Pereira, ligado ao comércio, instalou-se no Cais do Ginjal. Este levou a indústria de abastecimento de água aos navios, as primeiras fábricas e armazéns ligados à atividade pesqueira, vinagres e azeites. Tornou assim este espaço num local social, frequentado pelos trabalhadores das fábricas aí existentes. João Teotónio Pereira, construiu também uma residência e uma quinta, com várias árvores de frutos e muita ginja, nas traseiras dos edifícios, onde passava férias com a família.

A família Teotónio Pereira, exercia, já nessa altura, um papel importante no mundo financeiro segurador, nomeadamente na Companhia de Seguros Fidelidade, e teve sempre uma forte ligação ao mundo da política.

Estes papéis importantes na sociedade, estendem-se a toda a família. Pedro Teotónio Pereira, neto de João Teotónio Pereira, foi subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social e Ministro do Comércio e Indústria, na altura sob a liderança de Salazar e, foi também, Embaixador de Portugal nos Estados Unidos durante a II Guerra mundial.

Luís Teotónio Pereira, um dos irmãos, foi presidente da Câmara Municipal de Almada, do Grémio do Comércio de Exportação de Vinhos, do Grémio dos Exportadores de Azeite, integrou a Câmara Corporativa e foi deputado à Assembleia Nacional.

Ainda antes da Revolução, em 1973, esta família começou a vender os armazéns e a indemnizar os trabalhadores.

Como esta, também outras sentiram as dificuldades financeiras a aumentar, acabando os bancos por ficar, na altura, com muitas das parcelas.

Os Teotónio Pereira regressaram mais tarde, em 1986, ao Ginjal, onde instalaram uma fábrica de formas de alumínio, mas saíram novamente passado dez anos, para Sintra.

Estas atividades foram sendo gradualmente complementadas por outros serviços como: artesanato, tanoaria, conserva de peixe, oficinas e armazéns de aprestos navais, armazéns de isco e frigoríficos.

Na segunda metade do séc. XIX, após ser feito o reforço da arriba ao longo do cais, implantou-se a indústria de construção naval: os estaleiros de António José Sampaio primeiro e, de Harry Parry depois. As outras atividades foram passando para segundo plano gradualmente.

Os vários armazéns já encerrados foram sendo adaptados a restaurantes e/ou retiros típicos.

**Imagem 00 40** Fotografia dos trabalhadores da fábrica do vinho do Ginjal, a embarcarem. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Abril 2017. (em cima, à esquerda)

**Imagem 00 41** Fotografia dos trabalhadores da fábrica do vinho do Ginjal, a embarcarem. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Abril 2017. (em baixo, à direita)

**Imagem 00 42** Fotografia da “esquina” do fim do percurso do Cais do Ginjal em frente à Praia das Lavadeiras, onde hoje se encontra o restaurante “Atirrite ao Rio”. Arquivo do Museu da Cidade de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Abril 2017. (em baixo, à esquerda)





**Imagem 00 43** Fotografia do interior de uma das fábricas do vinho do Ginjal. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Janeiro 2017. (à esquerda)

**Imagem 00 44** Fotografia do Clube Náutico do Ginjal, a partir do Rio. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Janeiro 2017. (em baixo)



### **Causa do abandono**

Entre as mais variadas causas, algumas foram apontadas como a principal razão do abandono deste cais, entre elas está a melhoria das rodovias que vieram mobilizar o tráfego e os acessos entre margens.

Esta melhoria começou com a construção da primeira ponte sobre o Tejo na região de Lisboa, a Ponte de Vila Franca de Xira, de nome oficial Ponte Marechal Carmona, em 1951.

A construção desta, permitiu a ligação da margem Norte ao Sul do país e encurtou em dezenas de quilómetros a distância entre Vila Franca de Xira e o Porto Alto, sendo que na altura a ponte mais próxima de Lisboa era a de Santarém, a cerca de 80 quilómetros da capital.

Quinze anos mais tarde, em 1966, foi construída a Ponte de Salazar, mais conhecida como Ponte 25 de Abril. Esta rapidamente substituiu o grande tráfego fluvial, tornando a travessia entre as duas margens do rio Tejo mais fácil e rápida.

Dos barcos que navegavam o tejo, apenas o cacilheiro resistiu até aos dias de hoje. Na altura muitos outros existiram como: as faluas, o varino e a fragata, barco dos moinhos, o bote ou muleta do Seixa e Barreiro, a bateira, batelão, catraio, canoa, e o bote de espicha.

**Imagem 00 45** Fotografia da Ponte 25 de Abril, no "início" da sua construção. Arquivo Fotográfico da Administração do Porto de Lisboa. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018.



A estes motivos acrescem outros como a descolonização, a criação de cooperativas vinícolas, a proibição de exportação de vinho em barris, entre outras. Embora estas sejam algumas das razões mais faladas, é de conhecimento público que a consecutiva falta de gestão das fábricas por parte dos donos, devido a problemas familiares entre os mesmos, fez com que o cais fosse abandonado lentamente.

Em 1973, várias famílias e empresas começaram gradualmente a sair do cais. Com a chegada do 25 de Abril, vários edifícios foram sendo ocupados e a degradação não parou mais desde então.

### **Património Físico**

Atualmente, o património edificado, caracteriza-se por tipologias arquitetónicas bem definidas. Neste, predomina o edifício de um e dois pisos, assim como o armazém de pé direito bastante elevado. As construções são simples, onde prevalece a funcionalidade e homogénea dos espaços, reconhecível ainda hoje.

Fruto da conjuntura política pós 25 de Abril, verificou-se, um pouco por todo o país, o abandono de estruturas fabris, como por exemplo os estaleiros da Lisnave em Almada. Estas alterações tiveram como consequência a diminuição do aglomerado populacional e consequentemente, o declínio da economia no concelho.

Segundo dados recolhidos pelo Centro de Arqueologia de Almada em 1992, até então, residiam no Ginjal permanentemente 15 agregados familiares.

Estariam também a funcionar 14 empresas de diversos ramos de atividades tais como: 7 restaurantes; 2 serviços da Transtejo; 1 indústria metalomecânica; 2 oficinas de carpintaria; 1 armazém de redes para tratamento de bacalhau; 1 produtor de embalagens de plástico e alumínio e alguns armazéns de vinhos.<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> SILVA, Fernando (1994). *GINJAL um núcleo histórico em análise*. In: *al-madan*, Julho, p.132.

O património portuário do Ginjal, apesar de ser constituído por edifícios singulares, tornou-se também conhecido pelas relações espaciais e pelos seus caminhos e corredores escondidos. Pelas tensões compositivas das diferentes massas construídas, localizadas entre os socacos da falésia, funcionando como elemento de conexão e separação entre o tecido urbano e a água.

## **Século XX**

*“A falência das indústrias ribeirinhas, a transferência das atividades de apoio à frota pesqueira de alto mar e a perda de importância do tráfego fluvial no transporte e mercadorias, conduziram à progressiva degradação do Cais do Ginjal enquanto estrutura urbana de suporte a atividades económicas. Ao ritmo quotidiano da azáfama do porto sucedeu o silêncio lúgubre dos armazéns e o vazio do abandono dos edifícios. O Cais do Ginjal deixou-se assim arrastar inexoravelmente para uma morte lenta, sem dignidade e sem esperança.”<sup>36</sup>*

Toda a extensão desta frente ribeirinha, desde Cacilhas ao Olho de Boi, passando pela Fonte da Pipa, carrega uma imensa carga histórica a preservar.

Apesar de existir um leque de projetos que visam a dinamização económica de todo este passeio ribeirinho, ligando o Núcleo Histórico ao Cais do Ginjal, ainda nada foi feito na zona.

Estes projetos têm como objetivo conceder uma importante posição à área da restauração, do lazer e do recreio.

No ano 2000, foi inaugurado O Elevador Panorâmico da Boca do Vento. Este liga a zona ribeirinha ao centro histórico da cidade, transportando os visitantes através de uma cápsula envidraçada, poupando-os a um desnível de cerca de 50 metros.

---

<sup>36</sup> SILVA, Fernando (1994). *GINJAL um núcleo histórico em análise*. In: *al-madan*, Julho, p.132.

O Tejo é a única companhia de quem lá passa e faz todo este percurso. Enquanto se avista Lisboa ao longe “(...) apenas o bulício do rio e o zunir metálico do vento a passar entre a ponte 25 de Abril acompanham os passos de quem lá vai passear à beira rio.”<sup>37</sup>

**Imagem 00 46** Fotografia da Praia das Lavadeiras, no Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018.

Deste lugar, resta um património valioso e imortal. Desde a beleza do lugar á vista panorâmica sobre Lisboa, o Cais do Ginjal oferece-nos este património paisagístico, enquadrado pela imponência da falésia ribeirinha, que traduz de forma singular uma memória da anterior ocupação da zona.

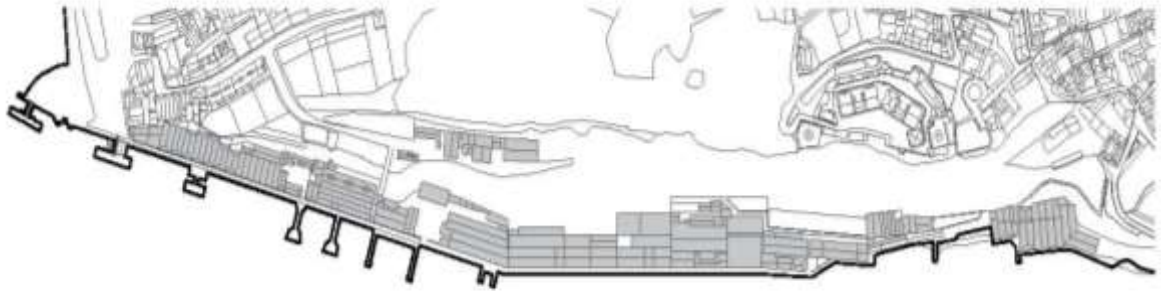


---

<sup>37</sup> Geocaching (2007) - Cais do Ginjal [Cacilhas] [online].

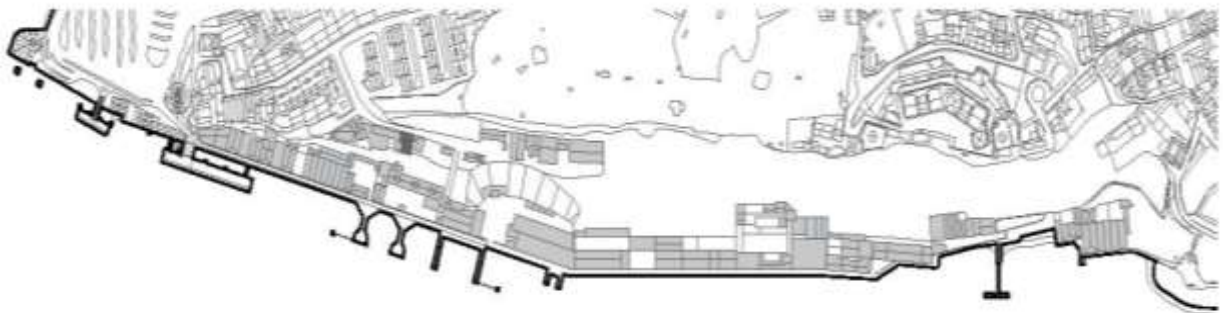
**Imagem 00 47** Planta envolvente. Linha de Costa de Cacilhas, 1958.

Desenho da autora.



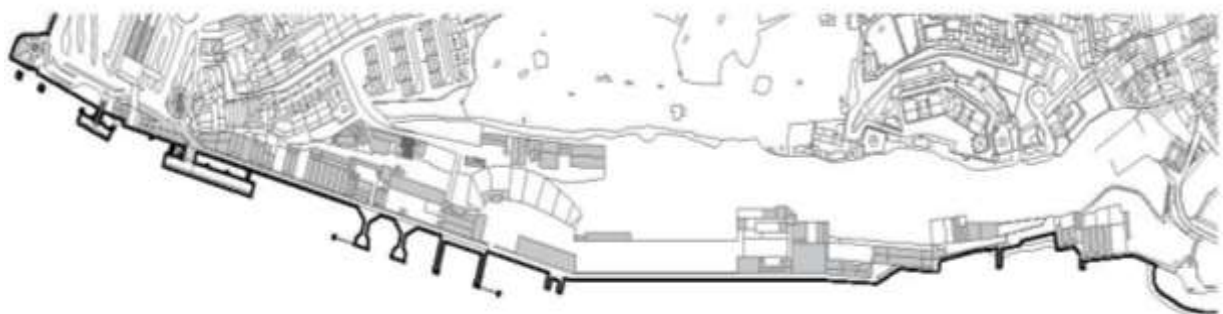
**Imagem 00 48** Planta envolvente. Linha de Costa de Cacilhas, 2011.


Desenho da autora.



**Imagem 00 49** Planta envolvente. Linha de Costa de Cacilhas, 2017.

Desenho da autora.



0 ————— 285m 

**Imagem 00 50** Linha de Costa de Cacilhas. Largo Alfredo Dinis ao Elevador Panorâmico da Boca do Vento. **1958**. Arquivo Fotográfico da Administração do Porto de Lisboa. Fonte: Atelier Arq. Samuel Torres de Carvalho. Março 2018.



**Imagem 00 51** Linha de Costa de Cacilhas. Largo Alfredo Dinis ao Elevador Panorâmico da Boca do Vento. **2011**. Fonte: Atelier Arq. Samuel Torres de Carvalho. Março 2018.



**Imagem 00 52** Linha de Costa de Cacilhas. Largo Alfredo Dinis ao Elevador Panorâmico da Boca do Vento. **2017**. Google Maps. Consultado em Junho 2018.





**03**

**A NOVA PORTA DE ENTRADA  
PARA ALMADA**



**Imagem 00 53** Fotografia da vista de uma janela, sobre o rio e o paredão. Fotografia da autora. Junho 2018. (à esquerda)

**Imagem 00 54** Fotografia da vista de uma janela, sobre as ruínas no interior dos edifícios do Ginjal. Fotografia da autora. Junho 2018. (à direita)



# 03

## A NOVA PORTA DE ENTRADA PARA ALMADA

### 03.1 Conceito

A presente proposta pretende alterar a imagem da frente ribeirinha e da sua cidade, sobretudo para quem a vê a partir de Lisboa. O intuito é tornar este cais como um ponto de passagem obrigatório, uma nova entrada para Almada, de acesso direto pelo rio Tejo.

Apesar da área de intervenção estar focada numa pequena zona central do Cais do Ginjal, para que todo o conceito de projeto fizesse sentido, existiu a necessidade de estruturar um plano urbano para a zona, de modo a que o Ginjal seja visto como uma unidade e não como um conjunto de vários espaços fragmentados.

*“Parecemos divididos entre a necessidade de ignorar os nossos sentidos e de nos conformarmos com o nosso enquadramento e o impulso contraditório para reconhecer até que ponto a nossa identidade está indelevelmente ligada à nossa localização e como a primeira alterar-se de acordo com a segunda. Uma sala feia pode cristalizar qualquer suspeita isolada sobre a imperfeição da vida, enquanto um cenário iluminado pelo sol com ladrilhos de calcário cor de mel pode dar apoio ao que de mais esperançoso existe em nós.”<sup>38</sup>*

---

<sup>38</sup> BOTTON, Alain de (2009). *A Arquitetura da Felicidade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, p.14.

O homem é o ator neste palco que é o Ginjal, sendo-lhe dado a escolher o seu “cenário”. Desta forma, os espaços sugerem uma utilização, mas não sendo esta uma obrigatoriedade, sendo o limite infinito.

A escolha destes “cenários” transporta-se também para o interior dos edifícios, através de perceções e ligações espaciais, sincronizadas com diferentes ambientes interiores e exteriores.

A ligação entre todo este passeio marítimo junto ao Tejo, forma um só espaço percorrível, oferecendo diferentes atividades e sensações ao longo do mesmo, sendo que a única barreira física entre a terra e o rio é a ravina, gerando este pequeno oásis que é o Ginjal.

Neste projeto, os espaços exteriores têm como base conceptual a relação entre os elementos que o compõem, sendo estes a terra e o rio. Associado aos mesmos, está a relação entre os “cheios” e os “vazios”, pretendendo usar o “vazio” como elemento estruturador do espaço arquitetónico e urbano do local.

Os edifícios, tentam igualmente manifestar-se no sentido dos elementos acima mencionados, tomando partido dos mesmos na sua composição e orientação.

O objeto de estudo escolhido, surge como ponto central deste passeio marítimo. A revelação da praça já existente, o novo anfiteatro e os espaços verdes circundantes reestruturam esta zona, que no passado assumiu diversas funções sendo uma das mais importantes o Estaleiro de Construção e Reparação Naval da Parry, de onde saíram muitos barcos rumo ao rio.

A envolvente, através do pavimento, cria caminhos com um ritmo semelhante ao anterior, mas mais livre, criando um corredor exterior junto ao rio e outro interior junto a ravina.

Estes espaços desenham as diversas possibilidades de percurso consoante os sistemas de vistas e, podem assumir variados sentidos.

Estes pretendem ser caminhos no qual todas as paragens serão quase que obrigatórias.

Sendo a cultura e identidade do Cais do Ginjal resultado das tradições, dos rituais, dos costumes e da apropriação territorial deste espaço, o Ginjal é desta forma revitalizado e reestruturado, com o objetivo de captar a memória do lugar, não pelas funções aí implementadas, mas pela “memória visual” deste espaço, trazendo de volta as pessoas, os barcos e a sua relação com o rio Tejo.

**Imagem 00 55**

*Fotografia de uma banca de venda de flores, junto ao cais.*

*Fonte: Livro “Cacilhas – Imagens d’antigamente.”*



Este, era antigamente, um espaço bastante densificado, tanto na ocupação física como na importância funcional. Um lugar cheio de vida, frequentado maioritariamente pelos trabalhadores das fábricas que aqui se reuniam.

Esta proposta pretende chamar a este espaço a reunião das pessoas, o poder observar e conhecer com alguém, em vez de sozinho.

A criação de vários espaços de encontro, com objetivos e ambientes diferentes, pretendem dinamizar esta frente ribeirinha, aproveitando várias praças, largos e espaços verdes que sofrem atualmente uma constante degradação.

A criação de uma marina pretende trazer de novo os barcos ao Ginjal, fator que foi desde sempre muito importante, sendo o que mantinha “vivo” este lugar.



**Imagem 00 56** Fotografia do que seria um dia normal no Cais do Ginjal, junto ao cais dos barcos. Fonte: Livro “Cacilhas – Imagens d’antigamente.

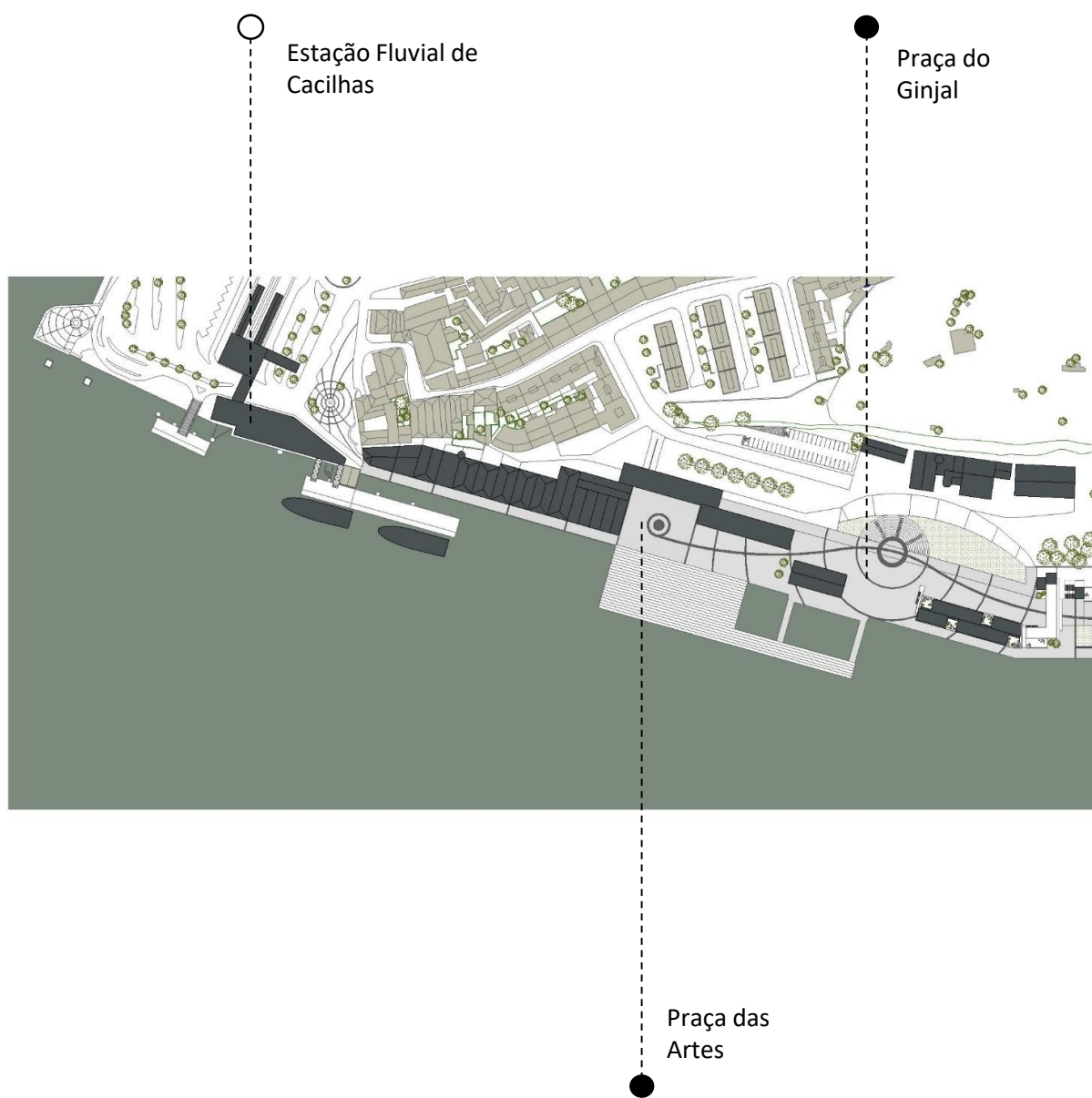
Materiais como a madeira, o betão e o zinco, tentam transportar-nos para a era industrial, enquanto que as formas geométricas, as linhas retas e as cores neutras como o branco e o cinza nos dão uma visão limpa e moderna que é comum na arquitetura dos dias de hoje. Estes materiais, na forma como contrastam com o novo, projetam uma ideia de leveza e homogeneidade entre todos os componentes daquela frente.

A natureza já existente é também evidenciada de modo a proporcionar um ambiente acolhedor.

Em resumo, a intenção foi criar espaços efémeros, que se possam alterar com o tempo e com a necessidade. Espaços que nutram de propriedades e características que possibilitem essa alteração, para que possam avançar com o tempo e não caiam em desuso novamente. Lugares que tenham a possibilidade de crescer e de serem modificados.

Este espaço público, hoje delimitado por uma estreita faixa do cais e por construções devolutas sem função e inacessíveis, transforma-se num lugar dinâmico, com relação de continuidade entre os espaços arquitetónicos e a envolvente. Um lugar ativo 24h por dia, 365 dias por ano.


Um espaço inclusivo, de todos para todos, usufruindo das extraordinárias condições que ambas as cidades têm na sua relação com o rio e entre si.





Pontos de Referência ○

Marcação de Espaços Públicos ●

0 ————— 95m 

**Imagem 00 57** Planta de Enquadramento urbano. Proposta Urbana. Desenho da autora. Junho 2018



### **03.2 Estratégia e Funcionalidade**

Para que esta fosse uma proposta flexível, não só no espaço, mas também no tempo, houve necessidade de criar um plano funcional que fosse adaptado às economias destes territórios em transformação. Economias do presente e do futuro.

Esta estratégia pretende inverter a atual situação deste local e dotá-lo das condições necessárias para a sua transformação e regeneração.

Com base nessa premissa, os espaços e funções escolhidos neste plano, pretendem criar uma cenografia urbana natural, de modo a não quebrar a comunicação visual entre a cidade e o rio. Virado para as novas empresas, novos designs e necessidades dentro das cidades, mas, ao mesmo tempo, longe da azáfama que essas mesmas cidades de hoje tanto detêm.

A partir dos espaços de transição, das diferentes escalas e da atmosfera que se torna então possível neste lugar, são escolhidas várias funções, que combinando em harmonia e possibilitam a vivência e uso das mesmas tanto durante o dia como durante a noite.

Esta pequena “cidade” criada no Ginjal, tem um ar jovem e inovador. Abrange uma vasta gama de atividades que vão desde o comércio de mercadorias à administração pública, passando pela restauração, educação, desporto, atividades no ramo da habitação temporária e permanente e, edifícios especialmente destinados a novas empresas, criando assim novos postos de trabalho.

A necessidade de espaços verdes urbanos é uma das consequências da evolução que as cidades têm vindo a sofrer ao longo do tempo. O interesse cultural destes espaços urbanos sintetiza-se na possibilidade de incentivar as pessoas à apreensão e vivência dos conjuntos em que se organizam.

De forma a garantir a melhoria das condições neste espaço, o alargamento do cais, junto á Praça das Artes, e a criação de uma

marina junto ao Largo dos Pescadores, servem como suporte a uma rede contínua de percursos para peões, de lazer e recreio, convidando á promoção social.

O anfiteatro criado, no já existente talude, oferece um palco aquele espaço e possibilita não só o reaproveitamento daquela zona de uma forma mais útil, mas também, diversas utilizações e oportunidades de eventos ao ar livre de maior escala na zona.

Neste projeto, o comércio, a habitação e os equipamentos de carácter lúdico e cultural são considerados os usos-âncora.

A implementação de habitações com novas e diferentes tipologias, menos convencionais, mais flexíveis e adaptadas as necessidades de hoje, foi o fator chave no desenvolvimento do projeto de um novo complexo habitacional nesta frente ribeirinha.

A habitação permanente aparece apenas em edifícios nos quais esta já existia antes da intervenção, não sendo o caso deste novo complexo criado, com base no fato deste poder vir a perder utilidade e dinamismo caso o fosse.

É aqui que entra o conceito do hostel. O edifício principal desta intervenção aparece, junto a Praça do Ginjal, como um elemento que pretende ser um ponto de encontro. Este gira em torno do “social housing” (habitação social), albergando viajantes e outros que pretendem conhecer não só o local, mas também as pessoas que nele vivem.

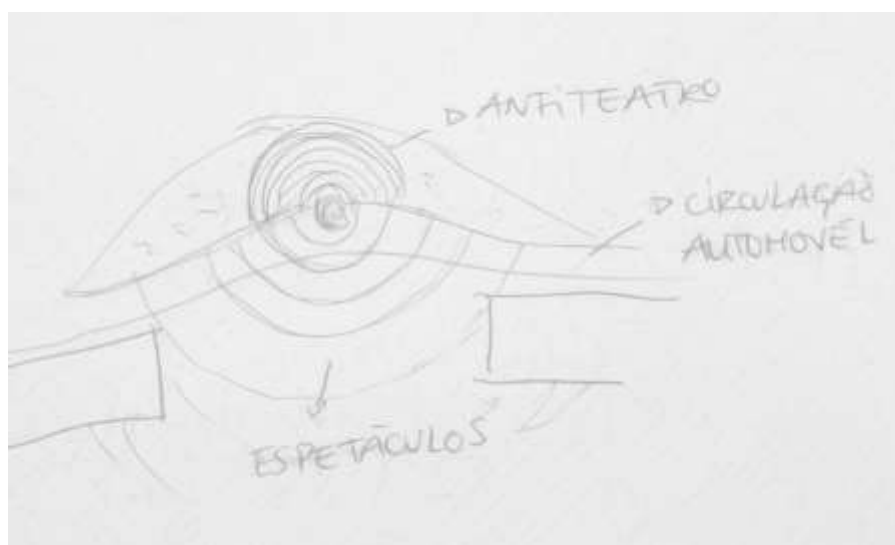
O volume que incorpora os apartamentos, aparece como uma extensão deste mesmo conceito, mas de uma forma mais privada e pessoal. Estes posicionam-se num patamar já existente no local e, a sua localização e orientação teve como base a vista privilegiada para Lisboa e para o rio, estando a uma cota mais elevada, o que permite a separação entre estes e os outros espaços públicos.

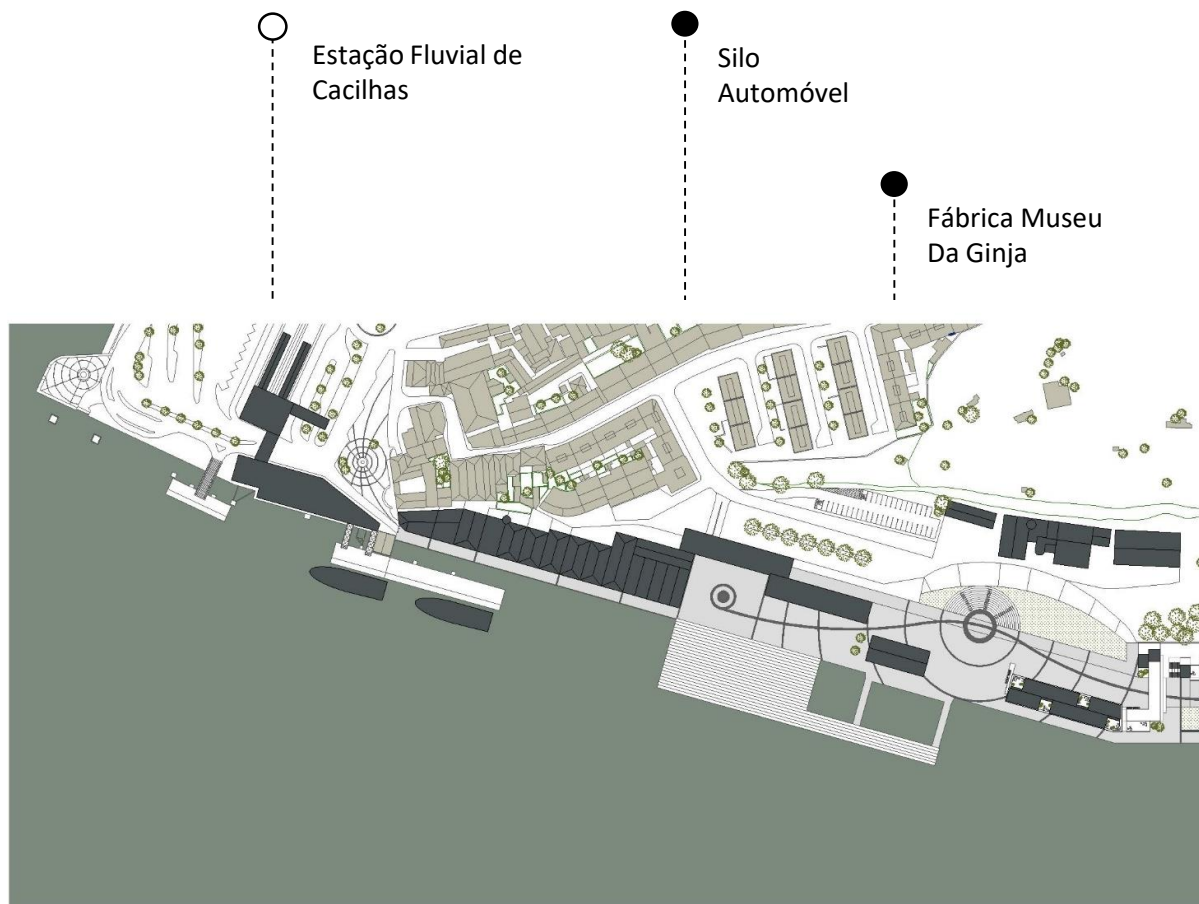
Criar um espaço para todos, esse foi o objetivo. Conseguir reunir pessoas das mais diferentes faixas etárias e estatutos sociais, concebendo diferentes espaços para diferentes tipos de pessoas.

No nível superior da ravina, na Rua Trindade Coelho, foram reabilitados não só os espaços urbanos, onde encontramos um jardim com um miradouro sobre o Tejo e a cidade de Lisboa, como também a antiga Fábrica de Óleo de Fígado de Bacalhau, sendo agora reconvertida no Arquivo Museológico de Cacilhas.

Em suma, esta proposta pretende apenas reabilitar edifícios devolutos, resguardado e aproveitando os edifícios nos quais funções já estão implementadas.

**Imagem 00 58**  
Esquema de funcionamento do anfiteatro Junto à nova Praça do Ginjal.  
Desenho da Autora.  
Junho de 2018.





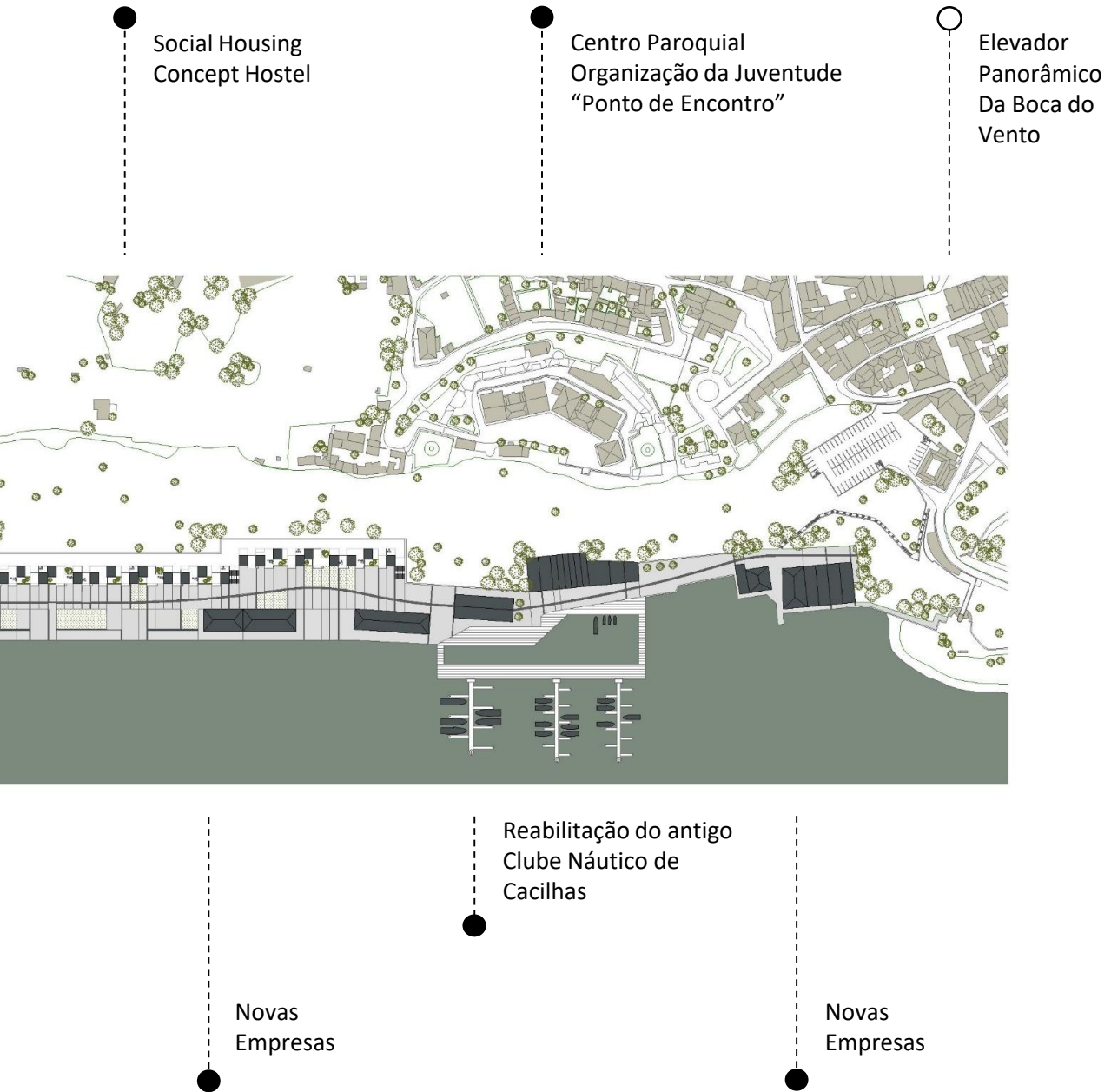
Estação Fluvial de  
Cacilhas

Silo  
Automóvel

Fábrica Museu  
Da Ginja

Escola/Oficina  
das Artes

Restauração e  
Comércio



Pontos de Referência ○

Marcação das Funções ●

0 ————— 95m

**Imagem 00 59** Planta de Enquadramento urbano. Proposta Urbana. Organização do Programa. Desenho da Autora. Junho 2018.

### **03.3 Acessos e Saídas de Emergência**

Os acessos principais a este cais são: a Nascente através da Rua do Ginjal, que se encontra na lateral da Estação Fluvial de Cacilhas e, a Poente, igualmente através da Rua do Ginjal, que nos dá ainda acesso ao Jardim da Boca do Vento, Fonte da Pipa, Museu Naval e Museu de Arqueologia e História Local.

O Elevador Panorâmico da Boca do vento, é um dos acessos verticais que nos leva até ao cimo da arriba. Nesse espaço deparamo-nos com um miradouro que nos conduz até ao Largo Boca do Vento, onde se situa grande parte do centro histórico da cidade.

Foi também criado um edifício, localizado estrategicamente sob a atual Casa da Juventude e Centro Paroquial, que vence o desnível entre a cota da Rua Trindade Coelho e a cota baixa na zona nascente do cais, resolvendo assim os problemas de acessibilidade e de ligação entre as cotas nesta zona.

Este edifício é usado como silo automóvel, sendo um dos três pontos de estacionamento público neste plano, de modo a facilitar o acesso e a permanência no local. Existe ainda outro ponto de estacionamento, sendo este privado e de acesso exclusivo a clientes do complexo habitacional, que se encontra ao nível do cais a um patamar inferior dos apartamentos. O acesso a este é feito igualmente através do silo automóvel.

No total existem cerca de 250 lugares de estacionamento público exteriores e interiores (inclui 30 mobilidade reduzida) e 53 lugares de estacionamento privado interiores (inclui 5 mobilidade reduzida).

Foi também necessário garantir as condições de acessibilidade rodoviária ao cais, criando percursos interiores que permitam a circulação de trânsito condicionado a veículos autorizados, de cargas e descargas, de emergência e limpeza urbana.

A nível estratégico e de segurança, a estabilização sustentável da arriba, foi também um fator obrigatório, de modo a permitir uma utilização segura da área junto da sua base.

### 03.4 Programa Funcional

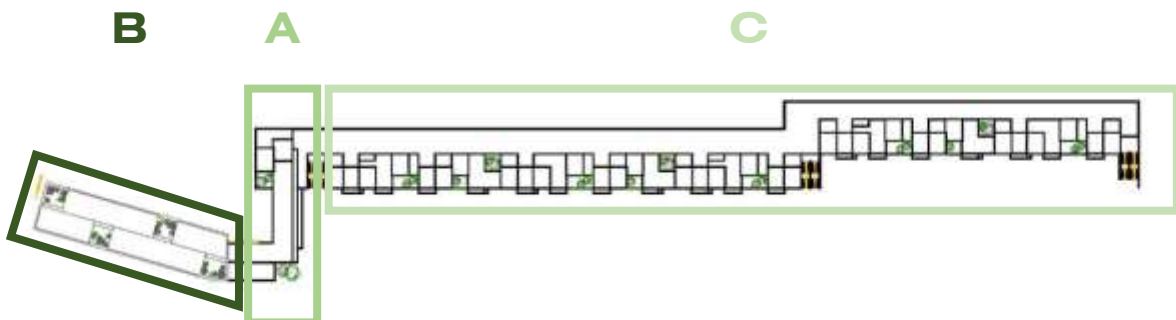
O projeto desenvolvido no Cais do Ginjal constitui um programa funcional que pretende estabelecer, numa escala de pequena cidade ou vila, um novo Pólo/Centro de lazer e trabalho.

A zona de intervenção escolhida, pretende a inserção de um complexo de edifícios, destinados essencialmente á habitação temporária e parcialmente a outras atividades e serviços.

Apesar de estar organizado como uma unidade só, o mesmo é organizado segundo três volumes funcionais, inscritos sobre um espaço de circulação que se desenvolve ao seu redor: o edifício de administração e serviços (volume A), o Hostel (volume B) e o núcleo de apartamentos (volume C).

Os volumes são uma fusão entre uma construção preexistente e novas construções, com formas geométricas elementares e equilibradas, que têm a intenção de pertencer ao extenso plano do rio, comunicando visualmente com a cidade e a natureza. Estes têm como objetivo reforçar a capacidade das restantes infraestruturas, mencionadas no subcapítulo anterior (imagem 0060).

Esta intervenção promove, deste modo, a descoberta espacial e qualitativa dos diferentes ambientes proporcionados, conferindo ao público os mais variados tipos de atmosfera.



## **PISO 0**

Neste piso térreo é onde encontramos toda a envolvente adjacente ao complexo habitacional e aos outros edifícios, não havendo pisos inferiores a este nível. Esta envolvente imediata engloba a Praça do Ginjal, onde encontramos o anfiteatro; o Jardim do Ginjal, que acompanha quase toda a extensão do complexo e a Praça do Rio, que se situa perto da nova marina.

## **VOLUME A**

Neste piso, o volume está dividido em dois, tocando no solo em dois pontos, numa zona junto ao rio e numa outra junto a ravina, criando assim no piso superior uma zona suspensa no meio de ambos.

A noroeste, esta zona define-se como sendo o "hall" de entrada do edifício. Nesta estão concentrados a receção, com comunicação interior ao gabinete administrativo e zonas de serviço; os acessos verticais (corpo de escada e elevador); uma pequena sala de espera e ainda um acesso interior direto ao volume B.

A sudeste, encontramos neste piso a lavandaria, os arrumos, mais um conjunto de acessos verticais (corpo de escada e elevador), públicos e de serviço a funcionários e ainda o acesso ao parque de estacionamento privativo do complexo.

## **VOLUME B**

Este é dividido em duas grandes zonas. A sudoeste, junto do volume A, encontramos um espaço polivalente de pé direito alto (cerca de 4m), que pode ser utilizado para todo o tipo de atividades de exposição e promoção cultural e social. O mesmo pretende ser um espaço de circulação e de permanência, tendo como base espaços como: zona de jogos, zona de leitura, zona lounge, zonas de exposições, etc.

A nordeste, virados para a Praça do Ginjal, encontramos ainda um restaurante com estilo industrial moderno. Este tem como objetivo ser um restaurante dinâmico e versátil, aberto todo o ano, de manhã à

noite, servindo não só os hóspedes do complexo, mas também o público em geral.

Este piso é complementado ainda com dois pontos de instalação sanitária localizados de forma equidistante do centro do edifício, sendo todos os espaços acima mencionados de domínio público, onde apenas as zonas de apoio aos serviços e as áreas de acesso aos pisos superiores, são restritas aos funcionários e hóspedes, respetivamente.

Sendo este edifício organizado longitudinalmente e paralelo ao rio, a vista para o exterior fica dividida entre o jardim interior e a vista sobre o Tejo. Os vãos e a decoração com zonas verdes, aparecem como uma forma de ligar a natureza do exterior para o interior.

### **VOLUME C**

Define-se maioritariamente como sendo o espaço onde parte das funções orientadas ao público e o estacionamento coberto estão reunidos. Este, com acesso para o Jardim do Ginjal, reúne uma multiplicidade de funções, tais como espaços de convívio e lazer, zonas de comércio local e oficinas/ateliers.

Os cinco espaços comerciais existentes, estão divididos em quatro pequenas lojas/oficinas, posicionadas nas extremidades do volume e, um espaço maior, que se encontra no centro e pretende servir na área da restauração/alimentação.

Todos estes espaços estão equipados com zonas de arrumos e salas para funcionários com instalação sanitária, acesso direto para o estacionamento, para cargas e descargas, e reúnem ainda um pequeno núcleo de instalação sanitária para os clientes, caso necessário.

Encontramos, a sudoeste, um grande armazém, com ligação direta ao estacionamento e, ao longo do volume, dois núcleos de instalação sanitária exterior que são de utilização pública.

## **PISO 1**

### **VOLUME A**

Define-se como o piso técnico, estruturante de toda a zona superior do complexo. Neste o edifício fica parcialmente suspenso, criando um edifício ponte de ligação entre os três volumes.

Reúnem-se aqui as principais zonas de serviço e armazenamento de todo o complexo, acompanhando estas o corpo do edifício até a extremidade mais a sudeste, através da divisão entre os corredores públicos (interior e exterior) e os corredores de serviço, com acesso exclusivo aos funcionários. Em ambas as extremidades do volume, estão localizados um conjunto de acessos verticais (corpo de escada e elevador).

Embora técnico, a utilização deste piso é pensada não apenas para garantir os acessos verticais e as zonas de serviço no complexo, mas também para suportar salas de arrumos e todas as estruturas de apoio aos funcionários (vestiários, balneários, zona de estar e de refeição), necessários para o bom funcionamento de todo o complexo. Este espaço inclui também um pequeno terraço verde privado para usufruto dos funcionários.

Neste encontramos ainda acesso direto a ambos os volumes complementares, volume B e C, e ainda acesso a umas escadas de emergência exteriores.

### **VOLUME B**

Neste piso é onde estão concentrados os quartos, dispostos em camaratas, que servem este complexo.

Nele encontramos 16 quartos, com capacidade máxima para 38 hóspedes, sendo distribuídos para ambos os lados, a partir de um corredor central já existente. Destes 16 quartos, dois estão equipados para hóspedes com mobilidade reduzida, tendo dentro dos mesmos

uma I.S adaptada. Não obstante, existem outros com a possibilidade de serem adaptados para a função, mas sem I.S privada.

Sete dos dezasseis quartos, estão dispostos de forma possível a que as camas, que são modelares, possam ser adaptados dependendo da procura, podendo aumenta o número de hóspedes no mesmo.

Intervalado com os quartos encontramos quatro “rooftop gardens” (terraços verdes), dois nas exterminadas e dois centrais, em que dois destes estão virados para o interior do jardim e os outros orientados para o lado do rio Tejo. Estes terraços são privados e para uso apenas dos hóspedes, pretendendo promover a socialização entre os mesmos, mas ao mesmo tempo assegurando alguma privacidade.

De modo a garantir uma estadia confortável, existem ainda dois núcleos de instalação sanitária e balneários neste piso, um para o sexo feminino e outro para o sexo masculino. Ambos incluem uma zona de lavatórios, um conjunto de duches e I.S, com um adaptado para mobilidade reduzida e ainda uma zona de vestir com bancos e bengaleiro.

O corredor central que divide toda esta estrutura, dá acesso a duas saídas, uma em cada extremidade do volume. A noroeste, encontramos uma saída direta para o exterior, para a Praça do Ginjal, ao qual temos acesso através de um corpo de escada feito de modo a parecer uma peça escultural, servindo também de escada de emergência. Na extremidade contrária, encontramos uma outra saída que nos leva a entrar no volume A, onde encontramos á nossa direita um acesso a um terraço exterior virado para o rio, acessos verticais, um corredor de ligação com o corpo C e, do lado esquerdo, um acesso ao exterior que nos leva a um outro corpo de escada, visualmente semelhante ao anterior e que pretende servir igualmente de saída de emergência.

## **VOLUME C**

Na zona exterior deste volume, encontramos um enorme corredor exterior coberto, com acesso aos apartamentos. A partir deste, temos dois acessos verticais, que inclui elevador e corpo de escadas, que nos levam ao piso 0, dando-nos acesso ao estacionamento coberto privado e ao Jardim do Ginjal. Para além destes, existem ainda três corpos de escadas exteriores ao longo do volume, dois nas extremidades e um central.

De modo a facilitar a manutenção e logística dos espaços, temos não só acesso coberto ao volume A, como também a três salas de arrumação distribuídas de forma estratégica ao longo do volume.

Os apartamentos estão organizados de forma modelar de quatro em quatro. Desses quatro, temos um T1 (quarto no piso 2), dois T2 (um quarto no piso 1 e outro no piso 2) e um outro T2 (dois quartos no piso 2), onde apenas dois dos apartamentos têm acesso a um terraço verde privado no piso 1 (rés-do-chão do apartamento).

Este conjunto de quatro apartamentos repete-se três vezes de forma completa e duas vezes apenas com três apartamentos, tendo no total apenas oito terraços verdes privados no piso 1, sendo que todos têm grandes terraços próprios na cobertura, ambos com conexão direta com a acomodação.

Ao todo temos dezoito apartamentos, onde oito estão preparados para receber hóspedes com mobilidade reduzida.

O layout do apartamento é feito com base num espaço open space e no conceito moderno dos apartamentos dos dias de hoje. Estes são luminosos e com as salas de estar e cozinha de frente para o grande terraço e para os grandes vãos, que têm vista para a rua, os jardins, as praças e sobretudo o rio Tejo e Lisboa.

Todos os apartamentos estão organizados de forma semelhante, sendo a sala de estar, a cozinha (com zona de refeição) e as instalações sanitárias, sempre no primeiro piso. Os quartos por sua vez, vão alterando dependendo do apartamento, existindo sempre quartos no segundo piso, mas nem sempre no primeiro. Para cada apartamento existe um lugar de estacionamento, bem como a oportunidade de adquirir mais um por casa.

Estes apartamentos aparecem como uma opção de usufruir de uma estadia mais luxuosa e privada, sendo mais apropriado para famílias ou grupos de pessoas em negócios.

## **PISO 2**

### **VOLUME A**

Neste volume, apenas a parte superior à zona dos funcionários (zona sudeste) tem segundo piso. Nele encontramos um escritório e uma sala de reuniões, podendo estes serem usados em conjunto ou separadamente. Estas duas salas, têm ainda, acesso a um terraço exterior privado, nas traseiras, virado para a ravina, sendo os grandes vãos principais de ambas virados para Lisboa.

Estes espaços são para uso da equipa administrativa do complexo habitacional.

### **VOLUME C**

Neste volume, o piso dois destina-se apenas aos quartos dos apartamentos e os respetivos terraços nas coberturas. Destes, os hóspedes têm uma visão quase 360º do Cais do Ginjal, sendo que, estando a um patamar mais elevado, a privacidade prevalece.





# 04

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



# 04

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estes espaços, complexos, ambíguos e por vezes misteriosos, pertencem a dois ambientes distintos: ao da terra e ao do mar.

A vasta possibilidade de intervenções, demonstrada pela Frente ribeirinha de Cascais, a Docklands em Londres, e outros projetos mencionados nesta tese, pretendem chamar de volta o contacto natural que sempre existiu entre a cidade e o rio/mar.

Estes e outros projetos, lançaram de certa forma, a possibilidade e a viabilidade, em continuar a desenvolver as frentes ribeirinhas enquanto lugares de permanência na cidade.

A frente ribeirinha de Almada é uma frente ativa no papel da cidade e da ligação entre as margens. Sendo comum o desenvolvimento de frentes de cidades mais ativas, como a de Lisboa, está na hora de darmos a essas mesmas cidades uma paisagem que valha a pena observar. A história, as vivências e as pessoas que lá viveram e ainda vivem, constroem este lugar único junto ao rio.

Processos e intervenções como a que proponho, são uma afirmação do que já existe e que deve ser continuado. Um movimento que tende a aumentar, e que deve ser, sobretudo, focado nas pessoas e no objetivo de criar um estilo de vida melhor, através do aproveitamento dos espaços que o passado nos deixou, inserindo-os ao mesmo tempo no contexto urbano.





**Imagem 00 60** Foto montagem da frente do Cais do Ginjal, vista a partir do rio Tejo. Fonte: Atelier Arq. Samuel Torres de Carvalho.



# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## LIVROS:

BOTTON, Alain de (2009). *A Arquitetura da Felicidade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

BUCHER, Ward (1996). *Dictionary of Building Preservation*. Nova Iorque: Preservation Press, J. Wiley.

**(3 “Reabilitação. reabilitação 1.** (pós-SGM) Reparar um edifício existente, fazendo alterações mínimas no tecido do mesmo; pode incluir **uso adaptativo, restauro.**

*Também conhecido como reabilitação. 2. (pós-PGM) O mesmo que **renovação**. Veja também **reconstrução, remodelação**. 3. (final 20c) "O ato ou processo de devolver uma propriedade a um estado de utilidade através do reparo ou alteração que possibilita um uso contemporâneo eficiente enquanto preserva as partes ou características da propriedade que são significativas para o seu valor histórico, arquitetónico e cultural". (Secretariado dos Padrões do Interior para Reabilitação)"*

**10 “Material,** (pre-20c) A substância da qual algo é composto ou construído; usado tanto como singular, como o material de pedra de uma parede, e plural, como o material de construção de uma casa.

**materiais 1.** Uma forma plural de **material**. **2.** Os elementos físicos que foram combinados ou depositados num determinado padrão ou configuração para formar uma propriedade histórica.”

**21** “Quase todas as instalações da Docklands sofreram extensos danos nos bombardeios que atingiram Londres na Segunda Guerra Mundial. Sem se terem recuperado completamente da devastação da guerra, as instalações portuárias de Londres foram logo suplantadas pelas operações em Tilbury (ainda administradas pelo PLA) e em outros portos de águas profundas que ofereciam acesso aos grandes navios de contentores e navios-tanque que dominavam o transporte marítimo internacional.”

**24 “Revitalização.** A melhoria econômica e social planejada, de um bairro comercial ou residencial ou outra área geográfica através de melhorias físicas e programas sociais e econômicos, como um **programa de rua principal**; normalmente inclui **reabilitação** e **novo desenvolvimento** de propriedades privadas e públicas.”

*Tradução da autora.)*

COSTA, João Pedro (2013). *Urbanismo e Adaptação às Alterações Climáticas, As Frentes de Água*. Lisboa: Livros Horizonte.

CRUZ, Maria Alfreda (1973). *A margem sul do estuário do Tejo – factores e formas de organização do espaço*. Lisboa.

CULLEN, Gordon (2006). *The Concise Townscape*. Londres: Architectural Press, Elsevier.

ECO, Umberto (2015). *Como se faz uma Tese, Em Ciências Humanas*. Lisboa: Editorial Presença.

FLOR, Augusto; MARQUES, Ivone; MORAIS, Violeta (2011). *SORENA. 44 anos entre Cacilhas e o Ginjal. Uma história com muitas estórias*. Almada: Tipografia Lobão, Lda.

FLORES, Alexandre M. (1987). *ALMADA ANTIGA E MODERNA – Roteiro Iconográfico – Vol. II: Freguesia de Cacilhas*. Almada: Câmara Municipal de Almada

GONÇALVES, Elisabete (2000). *Memórias do Ginjal*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada.

GUIMARÃES, João F (2006). *Cidade portuária, o porto e as suas constantes mutações no contexto europeu e norte-americano*. Lisboa: Parque Expo'98.

HOYLE, Brian (1990). *Port cities in context: the impact of water front regeneration*. Londres: Institute of British geographers – University of Southampton.

JANSON, Alban; TIGGES, Florian (2004). *Fundamental Concepts of Architecture, The Vocabulary of Spatial Situations*. Holanda: Birkhäuser - Basel.

MENDES, Maria Clara (1993). *Requalificação das antigas áreas*. Lisboa.

PIAN, Lilian de Almeida Dal (2005). *Revitalização de áreas portuárias: o caso de Docklands*. São Paulo: FAUUSP.

RIBEIRO, Orlando (2011). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Coimbra: Livraria Sá da Costa Editora, p.143.

SILVA, Fernando (1994). *GINJAL um núcleo histórico em análise*. In: *al-madan*, Julho, pp. 132 – 134.

SOUSA, R. H. Pereira de (2003). *Almada. Toponímia e História*. Almada: Câmara Municipal de Almada.

TÁVORA, Fernando (1999). *Da Organização do Espaço*. Porto: FAUP Publicações.

VEIGA, Luís Filipe Bayó (2010). *Cacilhas – Imagens d'antigamente*. Almada: Junta de Freguesia de Cacilhas. Irisgráfica, Lda.

ZEVI, Bruno (1977). *Saber Ver a Arquitectura*. Lisboa: Editora Arcádia.

ZUMTHOR, Peter (2006). *Pensar a Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, SA.

#### **TESES/ DISSERTAÇÕES:**

ALVES, Duarte de Seabra Cancela Fonseca (2017). *Domesticidade, Relações entre a Casa e a Rua*. Dissertação não publicada (Mestrado), Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

CALDEIRA, Joana Catarina Gomes (2017). *LISBOA 2100: Projectar a Frente Ribeirinha em cenários de alterações climáticas – A Adaptação e a Defesa da Frente Ribeirinha*. Dissertação não publicada (Mestrado), Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

FURTADO, Madalena Maria Grêlo de Jesus (2017). *Diálogo entre o Novo e o Existente Como Estratégia De Abordagem ao Projecto – Reabilitação do antigo asilo de Moncorvo e da igreja do convento de São Francisco*. Dissertação não publicada (Mestrado), Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

GIL, Ana Filipa da Costa (2010). *Projectar com o Lugar - Indústrias Criativas: Escola de Artes Cénicas do Ginjal*. Dissertação não publicada (Mestrado), Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

JORDÃO, Francisco Gonçalves (2017). *O Regresso à Margem – Reabilitar a Calheta de Sines, Um Porto de Memórias*. Dissertação não publicada (Mestrado), Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

LOPES, Catarina Lara Moço (2016). *A Cidade e o Rio – Um Ícone na Frente Ribeirinha de Santos*. Dissertação não publicada (Mestrado), Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

PEREIRA, Ricardo dos Santos (2015). *Reabilitação da frente ribeirinha: pensar um novo lugar em Belém: espaço público como elemento agregador da intervenção arquitetónica na frente ribeirinha de Belém*. Dissertação não publicada (Mestrado). Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

PIAN, Lilian de Almeida Dal (2005). *Revitalização de áreas portuárias: o caso de Docklands*. Dissertação publicada (Mestrado), Faculdade de Arquitectura e Urbanismos da Universidade de São Paulo.

SÁNCHEZ, José Manuel Pagés (2011). *Frente Ribeirinha e Cidade. Equipamentos públicos culturais como solução de conexão e regeneração*. Dissertação não publicada (Mestrado), Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

VINAGRE, Miguel Nuno Pereira (2017). *Do Obsoleto à Transformação – reflexão crítica sobre arquitectura industrial no Ginjal*. Dissertação não publicada (Mestrado). Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

**PÚBLICAÇÕES PERIÓDICAS ONLINE:**

**APRH** - Gestão Costeira Integrada - Journal of integrated coastal zone management; Glossary (2007). *Arriba Fossil* [online]. Disponível em <http://www.aprh.pt/rqci/glossario/arribafossil.html>. [consultado a 03.04.2018].

**Arch Daily Portugal (2014)**. *Descobrimo a carreira inesperada de Viollet-le-Duc* [online]. Disponível em <https://www.archdaily.com/573855/uncovering-viollet-le-duc-s-unexpected-career>. [consultado a 14.10.2018]

**Arch Daily Brasil (2016)**. *Museu Farol Santa Marta/ Aires Mateus* [online]. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/794821/museu-farol-santa-marta-aires-mateus>. [consultado a 14.10.2018]

**Arch Daily Brasil (2015)**. *Kullegaard vence concurso para o complexo portuário de Holbæk, Dinamarca* [online]. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/766981/kullegaard-vence-concurso-para-o-complexo-portuario-de-holbaek-dinamarca>. [consultado a 04.05.2018]

**Câmara Municipal de Cascais (s/data)**. *Plano de Pormenor para a zona ribeirinha de Cascais* [online]. Disponível em <https://www.cascais.pt/plano-de-pormenor-para-zona-ribeirinha-de-cascais>. [consultado a 14.10.2018]

**CARRIÇO, Marlene (2015)**. *CAIS DO GINJAL. DA FORTUNA Á DECADÊNCIA*. In: Observador Online [online]. 2 de maio. Disponível em <http://observador.pt/especiais/cais-do-ginjal-da-fortuna-decadencia/> [consultado a 14.03.2018]

**Corradino Mineo (2016)**. *IL PASTICCIACCIO BRUTTO DEL CAMPIDOGGIO* [online]. Disponível em <http://www.corradinomineo.it/il-pasticciaccio-brutto-del-campidoglio/>. [consultado a 04.06.2018]

**Correio da Manhã Jornal (2016).** *Recorde o incêndio no Chiado em 1988 - Fogo que destruiu baixa lisboeta foi há precisamente 28 anos* [online]. 25 de agosto. Disponível <https://www.cmjornal.pt/mais-cm/memoria-cm/detalhe/recorde-o-incendio-no-chiado-em-1988> [consultado a 04.06.2018]

**Encyclopaedia Britannica (2015).** *London Docklands* [online]. Disponível <https://www.britannica.com/place/London-Docklands> [consultado a 23.03.2018]

**ETHERINGTON, Rose (2008).** *CaixaForum Madrid by Herzog & de Meuron.* Disponível em <https://www.dezeen.com/2008/05/22/caixaforum-madrid-by-herzog-de-meuron/>. [consultado a 04.05.2018]

**FIGUEIRA, Jorge (s/data).** *A EXPO 98 DE LISBOA: Projeto e Legado* [online]. Disponível [https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs\\_revista\\_16/07\\_JF.pdf](https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_16/07_JF.pdf) [consultado a 10.03.2018]

**Geocaching (2007) - Cais do Ginjal [Cacilhas]** [online]. Disponível em [https://www.geocaching.com/geocache/GC16ZE4\\_cais-do-ginjal-cacilhas?guid=26ad8e7e-cd7b-4040-a224-364f64ca0d09](https://www.geocaching.com/geocache/GC16ZE4_cais-do-ginjal-cacilhas?guid=26ad8e7e-cd7b-4040-a224-364f64ca0d09). [consultado a 14.03.2018]

**HOLBAEK HAVNEBY (2015).** Disponível em <http://www.holbaekhavneby.dk/>. [consultado a 04.05.2018]

MACHADO, Catarina (2013). *Lisboa assinala hoje os 25 anos do incêndio que destruiu o Chiado.* In: Público [online]. 25 de agosto. Disponível <https://www.publico.pt/2013/08/25/jornal/lisboa-assinala-hoje-os-25-anos-do-incendio-que-destruiu-o-chiado-26994191> [consultado a 04.06.2018]

**MONIÉ, Frédéric e SILVA, Vivian (2018).** *PROJETO PORTO MARAVILHA DE REVITALIZAÇÃO DA ÁREA PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO ENTRE INOVAÇÕES E RETROCESSOS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO.* In: Transporte y Territorio [PDF offline]. Disponível em <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/rtt/article/view/1225/1186>. [consultado a 01.04.2018].

**M-almada – Câmara Municipal de Almada (s/data).** *Freguesia de Cacilhas* [online]. Disponível em [http://www.m-almada.pt/xportal/xmain?xpid=cmav2&xpgid=genericPage&genericContentPage\\_qry=BOUI=18322394&actualmenu=18322342](http://www.m-almada.pt/xportal/xmain?xpid=cmav2&xpgid=genericPage&genericContentPage_qry=BOUI=18322394&actualmenu=18322342). [consultado a 25.03.2018]

**Património Cultural (s/data).** *Carta de Atenas (1931) - Conclusões da Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos.* [PDF online]. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf>. [consultado a 14.10.2018]

**Património Cultural (s/data).** *Carta de Cracóvia 2000 - Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído.* [PDF online]. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf> [consultado a 21.10.2018]

**Património Cultural (s/data).** *Carta de Veneza – Sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios, 1964.* [PDF online]. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>. [consultado a 14.10.2018]

**Pensador (s/data).** *Poema O Mar dos meus Olhos* (Porto, 6/11/1919 – Lisboa, 2/7/2004) [online]. Disponível em [https://www.pensador.com/poemas\\_sophia\\_de\\_mello\\_breyner\\_mar/](https://www.pensador.com/poemas_sophia_de_mello_breyner_mar/) [consultado a 25.03.2018]

**RR - Radio Renascença (2016).** *Ponte 25 de Abril. Construção contou com 3.000 trabalhadores e custou 10 milhões de euros* [online]. Disponível em <http://rr.sapo.pt/noticia/60687/ponte-25-de-abril-construcao-contou-com-3000-trabalhadores-e-custou-10-milhoes-de-euros>. [consultado a 13.03.2018]

**SANTOS, Lina (2018).** *Cascais planeia Marina de luxo e Jardim que esconde o Jumbo*. In: Diário de Notícias [online]. 18 de janeiro. Disponível <https://www.dn.pt/portugal/interior/cascais-planeia-marina-de-luxo-e-jardim-que-esconde-o-jumbo-9055739.html> [consultado a 14.03.2018]

**Saraiva e Associados (s/data).** *Marina de Cascais* [online]. Disponível em <http://www.saraivaeassociados.com/pt-pt/project/marina-de-cascais/>. [consultado a 14.10.2018]

**SEBASTIÃO, Luís Filipe (2009).** *Byrne e Sinclair apostam em aço oxidado na nova pousada da Cidadela de Cascais*. In: Público [online]. 20 de fevereiro. Disponível <https://www.publico.pt/2009/02/20/culturaipsilon/noticia/byrne-e-sinclair-apostam-em-aco-oxidado-na-nova-pousada-da-cidadela-de-cascais-223896> [consultado a 14.03.2018]

**SOUTINHO, Alcino (s/data).** *Intervenção do Arquitecto Alcino Soutinho* [online]. Disponível <https://www.amadeosouza-cardoso.pt/pt/historia/intervencao-arq-alcino-soutinho> [consultado a 23.03.2018]

**MAPAS/ IMAGENS:**

ALMEIDA, Carlos (s/data). *Vista de uma das ruas do Chiado, após o incêndio de 1988* [online]. Publicado a 25.08.2016. Disponível em <https://www.cmjornal.pt/mais-cm/memoria-cm/detalhe/recorde-o-incendio-no-chiado-em-1988>. [consultado a 04.06.2018]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Carrinha de publicidade ao vinho produzido no Ginjal*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Planta do Cais do Ginjal e os componentes*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Planta de um dos armazéns de Teotónio Pereira, no Cais do Ginjal*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia do interior da Fábrica de Óleo de Fígado de Bacalhau, no Cais do Ginjal*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia do interior do antigo Clube Náutico do Ginjal*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia de um dos “becos” do Cais do Ginjal*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia de um dos armazéns do Cais do Ginjal*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia de uma das habitações junto ao cais*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia do pormenor de uma porta*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia de uma das hortas no cais, plantadas pelos que lá viviam*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia da fachada de um edifício do Ginjal*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia de uma das ruas criadas por entre os edifícios do Cais do Ginjal*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia ao Elevador da Boca do Vento, ainda em construção*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia tirada a partir do paredão do Ginjal, com vista para o rio*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia do pormenor de uma janela tradicional no cais*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia de um dos antigos guindastes do Cais do Ginjal*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia ao Cais do Ginjal, a partir do rio*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia tirada ao cais, a partir do agora Jardim Boca do Vento*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia dos trabalhadores da fábrica do vinho do Ginjal, a embarcarem*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia do interior de uma das fábricas do vinho do Ginjal*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia do Clube Náutico do Ginjal, a partir do Rio*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia da Praia das Lavadeiras, no Cais do Ginjal*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada (2017). *Fotografia da fachada de um dos armazéns do Cais do Ginjal*. Arquivo do Centro de Arqueologia de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo Fotográfico da Administração do Porto de Lisboa (2018). *Fotografia da Ponte 25 de Abril, no “início” da sua construção*. Arquivo Fotográfico da Administração do Porto de Lisboa [in situ]. [consultado a 18.03.2018]

Arquivo Fotográfico da Administração do Porto de Lisboa (2018). *Linha de Costa de Cacilhas. Largo Alfredo Dinis ao Elevador Panorâmico da Boca do Vento. 1958*. Fonte: Atelier do Arq. Samuel Torres de Carvalho. [12.03.2018]

Arquivo Fotográfico da Administração do Porto de Lisboa (2018). *Linha de Costa de Cacilhas. Largo Alfredo Dinis ao Elevador Panorâmico da Boca do Vento. 2011*. Fonte: Atelier do Arq. Samuel Torres de Carvalho. [12.03.2018]

Arquivo Fotográfico da Administração do Porto de Lisboa (2018). *Fotografia aérea sobre o Cais do Ginjal*. Arquivo Fotográfico da Administração do Porto de Lisboa [in situ]. [consultado a 18.03.2018]

Arquivo Nacional Torre do Tombo (s/data). *Fotografia de um carregador de peixe em Billingsgate, 1893* [online]. Disponível em <http://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/o-terramoto-de-1755-a-torre-do-tombo-e-manuel-da-maia/> [consultado a 21.10.2018]

Atelier Arq. Samuel Torres de Carvalho. (2018). *Foto montagem da frente do Cais do Ginjal, vista a partir do rio Tejo*. [consultado a 12.03.2018]

Arquivo Fotográfico do Museu da Cidade de Almada (2017). *Vista sobre o Ginjal a partir do Largo Boca do Vento*. Arquivo fotográfico do Museu da Cidade de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo Fotográfico do Museu da Cidade de Almada (2017). *Fotografia da “esquina” no fim do percurso do Cais do Ginjal em frente à Praia das Lavadeiras, onde hoje se encontra o restaurante “Atira-te ao Rio”*. Arquivo do Museu da Cidade de Almada [in situ]. [consultado a 15.04.2017]

Arquivo Histórico Municipal de Cascais (s/data). *Banhistas na Praia da Ribeira, c.1900 – Coleção Antiga do Município* [online]. Publicado a 22.01.2015. Disponível em <https://www.cascais.pt/dossier/650-anos>. [consultado a 23.10.2018]

Câmara Municipal de Cascais (s/data). *Imagem do projeto de Requalificação da Entrada Nascente de Cascais. Frente do novo supermercado Jumbo* [online]. In Arquivo Histórico Municipal de Cascais. [in situ]. [consultado a 23.10.2018]

Câmara Municipal de Cascais (s/data). *Imagem do projeto de Requalificação da Entrada Nascente de Cascais. Vista dos condomínios pelo novo jardim* [online]. In Arquivo Histórico Municipal de Cascais. [in situ]. [consultado a 23.10.2018]

Cité de l'Architecture Paris (s/data). *Poster da Exposição "Uncovering Viollet-le-Duc's "Unexpected" Career* [online]. Disponível em <https://www.archdaily.com/573855/uncovering-viollet-le-duc-s-unexpected-career>. [consultado a 14.10.2018]

FERNANDES, José Santos (s/data). *Banhistas na praia da Parede, c.1950 – Coleção José Santos Fernandes* [online]. In Arquivo Histórico Municipal de Cascais. Publicado a 22.01.2015. Disponível em <https://www.cascais.pt/dossier/650-anos>. [consultado a 23.10.2018]

FIGUEIRA, Jorge (s/data). *Vista aérea anterior à Expo'98* [online] In UFRGS. Disponível em [https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs\\_revista\\_16/07\\_JF.pdf](https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_16/07_JF.pdf) [consultado a 04.06.2018]

Google Maps (2017). *Linha de Costa de Cacilhas. Largo Alfredo Dinis ao Elevador Panorâmico da Boca do Vento. 2017*. [consultado a 15.06.2017]

GUERRA, Fernando (s/data). *Vista do interior do pátio do Museu Municipal Amadeo de Souza Cardoso, Amarante* [online]. In Archdaily Brasil. Publicado a 29.11.2013. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/01-156940/faleceu-esta-semana-o-arquiteto-portugues-alcino-soutinho>. [consultado a 04.06.2018]

LOPES, Catarina Lara Moço (2016). *Planta de análise morfológica do Estuário do Tejo, onde é possível observar as diferentes profundidades que compõem o rio* [online] Disponível em [https://issuu.com/catarinai.m.lopes/docs/documento\\_te\\_rico](https://issuu.com/catarinai.m.lopes/docs/documento_te_rico) [consultado a 04.06.2018]

MALAGAMBA, Duccio (s/data). *Detalhe da materialidade que compõem a cobertura do CaixaForum Madrid* [online]. Publicado a 07.03.2008. Disponível em <https://divisare.com/projects/16682-herzog-de-meuron-duccio-malagamba-caixaforum-madrid>. [consultado a 04.06.2018]

MALAGAMBA, Duccio (s/data). *Fachada do Centro de Artes CaixaForum, pela rua Calle Almadén, em Madrid* [online]. Publicado a 07.03.2008. Disponível em <https://divisare.com/projects/16682-herzog-de-meuron-duccio-malagamba-caixaforum-madrid>. [consultado a 04.06.2018]

Mapas D.G. Território – Direção-Geral do Território (2016). *Lisboa* [Imagem online]. Disponível em <http://mapas.dgterritorio.pt/viewer/index.html>. [consultado a 13.03.2018].

MARTIN, Paul (s/data). *Fotografia de um carregador de peixe em Billingsgate, 1893* [online]. In Museu de Londres. Disponível em <https://www.museumoflondon.org.uk/discover/fish-market-red-carpet-transforming-docklands> [consultado a 23.10.2018]

Museu de Londres (s/data). *Fotografia de quatro elefantes a regressar da tour Chipperfield's Circus da África do Sul, 1968* [online]. In Coleção PLA. Disponível em <https://www.museumoflondon.org.uk/discover/fish-market-red-carpet-transforming-docklands> [consultado a 23.10.2018]

NADAR, Félix (s/data). *Eugène Viollet-le-Duc* [online]. In Médiathèque de l'architecture & du patrimoine. Disponível em <https://www.archdaily.com/573855/uncovering-viollet-le-duc-s-unexpected-career>. [consultado a 14.10.2018]

PASSAPORTE, António (s/data). *Baía de Cascais, c.1950 – Coleção António Passaporte* [online]. In Arquivo Histórico Municipal de Cascais. Publicado a 22.01.2015. Disponível em <https://www.cascais.pt/dossier/650-anos>. [consultado a 23.10.2018]

PAULA, Jorge (s/data). *Vista aérea sobre o Chiado na altura do incêndio de 1988* [online]. Publicado a 25.08.2016. Disponível em <https://www.cmjornal.pt/mais-cm/memoria-cm/detalhe/recordo-o-incendio-no-chiado-em-1988>. [consultado a 04.06.2018]

Saraiva e Associados (s/data). *Vista aérea do novo projeto para a Marina de Cascais* [online]. Disponível em <http://www.saraivaeassociados.com/pt-pt/project/marina-de-cascais/>. [consultado a 14.10.2018]

Saraiva e Associados (s/data). *Vista do interior de um terraço, do novo projeto da Marina de Cascais* [online]. Disponível em <http://www.saraivaeassociados.com/pt-pt/project/marina-de-cascais/>. [consultado a 14.10.2018]

VEIGA, Luís Filipe Bayó. (2010). *Cacilhas – Imagens d’antigamente* (Livro). *Fotografia de uma banca de venda de flores, junto ao cais*. In Museu Naval de Cacilhas [in situ]. [consultado a 18.03.2018]

VEIGA, Luís Filipe Bayó. (2010). *Cacilhas – Imagens d’antigamente* (Livro). *Fotografia do que seria um dia normal no Cais do Ginjal, junto ao cais dos barcos*. In Museu Naval de Cacilhas [in situ]. [consultado a 18.03.2018]

Viveroma (s/data). *Fotografia da Piazza del Campidoglio de frente para a estátua equestre de Marco Aurélio, Roma, Itália* [online] Disponível em <https://www.viveroma.net/fotos/plaza-del-campidoglio>. [consultado a 04.06.2018]

Wordpress (s/data). *Plano-Piloto para Lisboa, pós terramoto, por Eugénio dos Santos e Carlos Mardel (1755-1758)* [online] Disponível em <https://baixapombalinafabiosilva.wordpress.com/plano-de-reconstrucao/> [consultado a 21.10.2018]



# **ANEXOS**

## **ANEXOS I**

### **COMPLEMENTOS AO TRABALHO TEÓRICO.....151**

Plantas Históricas.....152

Imagens Históricas.....153

## **ANEXOS II**

### **COMPLEMENTOS AO TRABALHO PRÁTICO.....163**

Registo Fotográfico. Imagens da autora, 2016/18.....164

Referências de projeto complementares.....186

Relatório da Exposição: Plano Pormenor do Cais do Ginjal,  
pelo Arq. Samuel Torres.....189

## **ANEXOS III**

### **PROCESSO DE TRABALHO.....193**

Esboços e Desenhos.....195

Maquetes de Estudo.....198

Maquetes Finais.....201

## **ANEXOS IV**

### **APRESENTAÇÃO GRÁFICA DO PROJETO FINAL DE MESTRADO ... 205**

#### **Desenhos Finais**

- 01.** Planta de Enquadramento Urbano. Existente.
- 02.** Planta Cobertura | Piso 1. Existente. Esc. 1:250
- 03.** Planta Piso 0 | Cortes. Existente. Esc. 1:250
- 04.** Alçados. Existente. Esc. 1:250
- 05.** Planta Cobertura | Piso 1. Vermelhos e Amarelos. Esc. 1:250
- 06.** Planta Piso 0 | Cortes. Vermelhos e Amarelos. Esc. 1:250
- 07.** Alçados. Vermelhos e Amarelos. Esc. 1:250
- 08.** Planta Cobertura | Piso 1. Proposta. Esc. 1:250
- 09.** Planta Piso 0 | Cortes. Proposta. Esc. 1:250
- 10.** Alçados. Proposta. Esc. 1:250
- 11.** Planta de Cobertura | Organização Espacial. Apartamentos (Novo). Esc. 1:250
- 12.** Planta Piso 1 | Piso 0. Apartamentos (Novo). Esc. 1:250
- 13.** Planta de Enquadramento Urbano. Proposta Urbano.
- 14.** Planta de Cobertura. Proposta com Envolvente.
- 15.** Alçado Urbano. Proposta com Envolvente.
- 16.** Alçado Urbano. Proposta com Envolvente.
- 17.** Planta Piso 2. Proposta com Envolvente.
- 18.** Planta Piso 1. Proposta com Envolvente.

- 19.** Planta Piso 0. Proposta com Envolvente.
- 20.** Planta Piso 2 (fração aumentada do projeto). Proposta com Envolvente.
- 21.** Planta Piso 1 (fração aumentada do projeto). Proposta com Envolvente.
- 22.** Planta Piso 0 (fração aumentada do projeto). Proposta com Envolvente.
- 23.** Corte Longitudinal ab (fração aumentada do projeto). Proposta com Envolvente.
- 24.** Corte Longitudinal a'b' (fração aumentada do projeto). Proposta com Envolvente.
- 25.** Planta Cobertura e Corte/Alçado Longitudinal do Jardim. Proposta Envolvente.
- 26.** Corte Transversal cd. Proposta com Envolvente.

### **Imagens 3D Finais**

### **Painéis Finais**



**ANEXOS I**

**COMPLEMENTOS AO TRABALHO TEÓRICO**

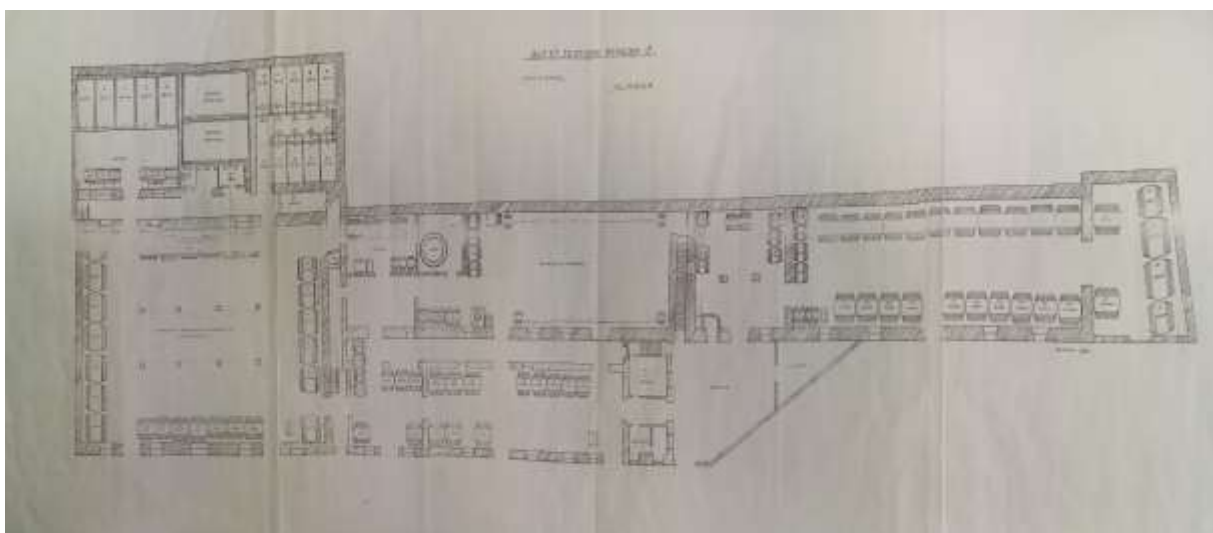
Plantas Históricas

Imagens Históricas

## Plantas Históricas



**Imagem 00 61** Planta do Cais do Ginjal e os componentes. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018.



**Imagem 00 62** Planta de um dos armazéns de Teotónio Pereira, no Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018.

## Imagens Históricas

**Imagem 00 63** Fotografia do interior da Fábrica de Óleo de Fígado de Bacalhau, no Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em cima, à esquerda)



**Imagem 00 64** Fotografia do interior do antigo Clube Náutico do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em cima, à direita)



**Imagem 00 65** Fotografia de um dos “becos” do Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em baixo)



**Imagem 00 66** Fotografia de um dos armazéns do Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (à esquerda)

**Imagem 00 67** Fotografia de uma das habitações junto ao cais. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (à direita)





**Imagem 00 68** Fotografia do pormenor de uma porta. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em cima)



**Imagem 00 69** Fotografia de uma das hortas no cais, plantadas pelos que lá vivem. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (no centro)



**Imagem 00 70** Fotografia da fachada de um edifício do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em baixo)



**Imagem 00 71** Fotografia de uma das ruas criadas por entre os edifícios do Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018.

**Imagem 00 72** Fotografia ao Elevador da Boca do Vento, ainda em construção. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em cima, à esquerda)



**Imagem 00 73** Fotografia tirada a partir do paredão do Ginjal, com vista para o rio. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em cima, à direita)



**Imagem 00 74** Fotografia do pormenor de uma janela tradicional no cais. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em baixo)





**Imagem 00 75** Fotografia de um dos antigos guindastes do Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em cima)



**Imagem 00 76** Fotografia ao Cais do Ginjal, a partir do rio. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (no centro)

**Imagem 00 77** Fotografia tirada ao cais, a partir do agora Jardim Boca do Vento. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em baixo)

**Imagem 00 78** Fotografia ao Cais do Ginjal, a partir do rio. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em cima)



**Imagem 00 79** Fotografia ao Cais do Ginjal, a partir do rio. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (no centro)



**Imagem 00 80** Fotografia ao Cais do Ginjal, a partir do rio. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (em baixo)



**Imagem 00 81** Fotografia de um dos antigos guindastes do Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (à esquerda)

**Imagem 00 82** Fotografia de uma das ruas criadas por entre os edifícios do Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (à direita)



**Imagem 00 83** Fotografia tirada a partir do paredão do Ginjal, com vista para o rio. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (à esquerda)

**Imagem 00 84** Fotografia de um dos antigos guindastes do Cais do Ginjal. Arquivo Fotográfico do Centro de Arqueologia de Almada. Ano desconhecido. Consultado em Março 2018. (à direita)





**ANEXOS II**

**COMPLEMENTOS AO TRABALHO PRÁTICO**

Registo Fotográfico. Imagens da autora, 2016/18

Referências de projeto complementares

Relatório da Exposição: Plano Pormenor do Cais do Ginjal,

pelo Arq. Samuel Torres

Registo Fotográfico. Imagens da autora, 2016/18



**Imagem 00 85** Fotografia de um edifício em ruínas. Fotografia da autora. Março 2017. (em cima)



**Imagem 00 86** Fotografia do interior de um edifício em ruínas. Fotografia da autora. Março 2017. (no centro)



**Imagem 00 87** Fotografia do restaurante "Floresta do Ginjal". Fotografia da autora. Março 2017. (em baixo, à esquerda)



**Imagem 00 88** Fotografia à fachada de um dos armazéns abandonados do cais. Fotografia da autora. Março 2017. (em baixo, à direita)



**Imagem 00 89** Fotografia à fachada de um dos edifícios abandonados do cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à esquerda)



**Imagem 00 90** Fotografia à fachada de um dos edifícios abandonados do cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à direita).



**Imagem 00 91** Fotografia ao interior do lago onde antigamente se encontrava a cantina dos trabalhadores do cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo)



**Imagem 00 92**

Fotografia tirada a partir do paredão do Ginjal, com vista para o rio. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima)



**Imagem 00 93**

Fotografia à fachada de um dos edifícios abandonados do cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à esquerda)



**Imagem 00 94**

Fotografia à fachada de um dos edifícios abandonados do cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à direita)



**Imagem 00 95**

Fotografia ao resto das memórias dos pescadores no cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à direita)

**Imagem 00 96** Fotografia à fachada de um dos edifícios e aos seus azulejos. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).



**Imagem 00 97** Fotografia à fachada de um edifício e a porta que dá para um dos “becos” criados por entre os edifícios do cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à esquerda)

**Imagem 00 98** Fotografia à fachada de um dos edifícios abandonados do cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à direita)





**Imagem 00 99** Fotografia de uma das ruas criadas por entre os edifícios do Cais do Ginjal. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).

**Imagem 00 100** Fotografia ao interior de um dos edifícios abandonados do cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (no centro).

**Imagem 00 101** Fotografia a um urso de peluche abandonado, no interior de um dos edifícios abandonados. Fotografia da autora. Outubro 2016. (no centro).

**Imagem 00 102** Fotografia de uma das ruas criadas por entre os edifícios do Cais do Ginjal. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo).



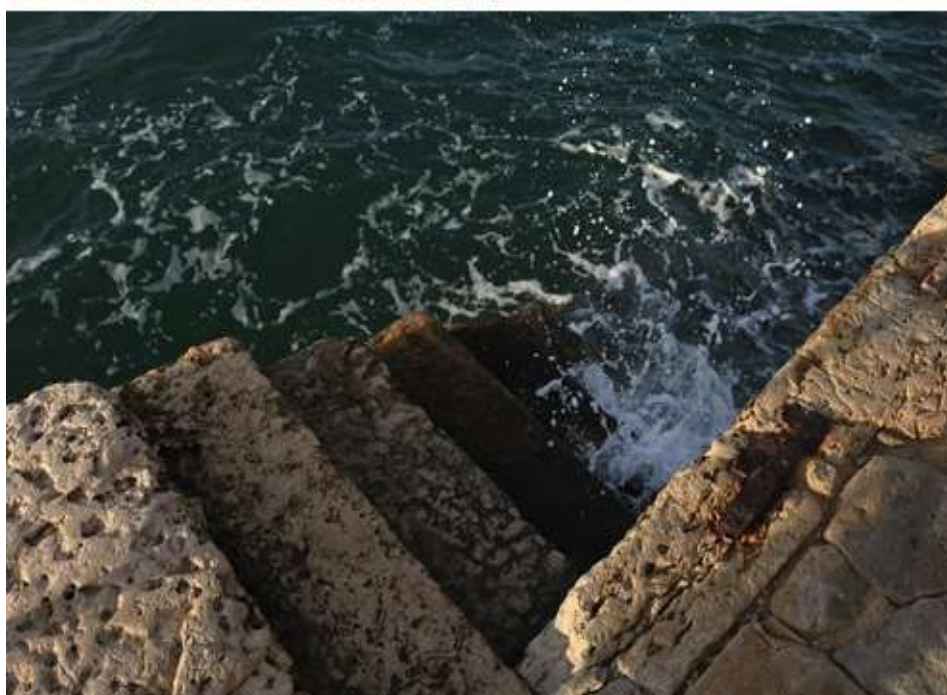


**Imagem 00 103**

Fotografia da fachada de um edifício abandonado. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à esquerda).

**Imagem 00 104**

Fotografia da fachada interior de um dos edifícios do cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à direita).



**Imagem 00 105**

Fotografia a uma das escadas que dão para o rio, junto ao cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo).



**Imagem 00 106** Fotografia do edifício de intervenção, no cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).

**Imagem 00 107** Fotografia do edifício de intervenção, no cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (no centro).

**Imagem 00 108** Fotografia do edifício de intervenção, no cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo).

**Imagem 00 109** Fotografia de um pormenor da fachada do edifício de intervenção, no cais. Fotografia da autora. Outubro 2016.





**Imagem 00 110** Fotografia do edifício que se encontra na envolvente imediata do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).

**Imagem 00 111** Fotografia de um pequeno edifício que ajudava a reparação dos barcos na "Praça do Ginjal". Fotografia da autora. Outubro 2016. (no centro).

**Imagem 00 112** Fotografia da envolvente junto ao talude no cais. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo).



**Imagem 00 113** Fotografia da envolvente do espaço de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).



**Imagem 00 114** Fotografia da envolvente do espaço de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (no centro).



**Imagem 00 115** Fotografia da envolvente do espaço de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo).



**Imagem 00 116** Fotografia do interior do piso térreo do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).

**Imagem 00 117** Fotografia do interior do piso térreo do edifício de intervenção.. Fotografia da autora. Outubro 2016. (no centro).

**Imagem 00 118** Fotografia do interior do piso térreo do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo).

**Imagem 00 119** Fotografia do interior do piso térreo do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).



**Imagem 00 120** Fotografia do interior do piso térreo do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à esquerda).

**Imagem 00 121** Fotografia do interior do piso térreo do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à direita).





**Imagem 00 122** Fotografia do interior do piso térreo do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à esquerda).

**Imagem 00 123** Fotografia do interior do piso térreo do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à direita).

**Imagem 00 124** Fotografia do interior do piso térreo do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo).





**Imagem 00 125** Fotografia da envolvente exterior, vista do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).



**Imagem 00 126** Fotografia da envolvente exterior, vista do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à esquerda).



**Imagem 00 127** Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à direita).



**Imagem 00 128** Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).

**Imagem 00 129** Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (no centro).

**Imagem 00 130** Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo).



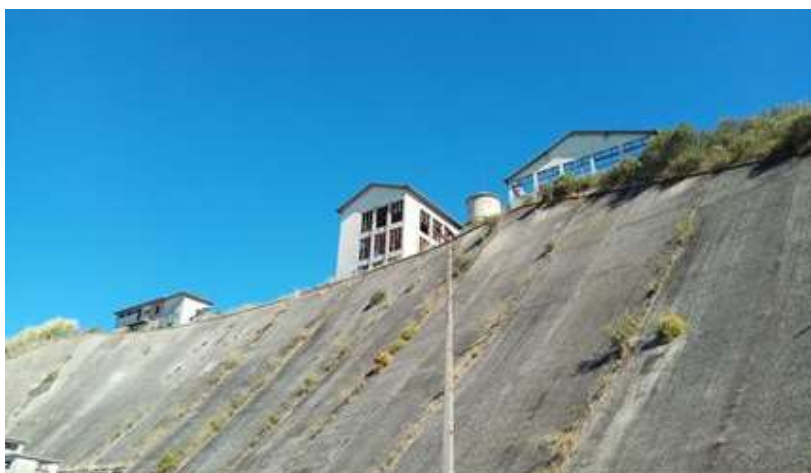
**Imagem 00 131** Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à esquerda).



**Imagem 00 132** Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à direita).



**Imagem 00 133** Fotografia da envolvente exterior, vista do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo).



**Imagem 00 134** Fotografia da Fábrica de Óleo de Fígado de Bacalhau, vista do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).



**Imagem 00 135** Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (no centro).



**Imagem 00 136** Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo).

**Imagem 00 137** Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à esquerda).

**Imagem 00 138** Fotografia do pormenor do corrimão da escada interior, no edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à esquerda).

**Imagem 00 139** Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (à direita).





**Imagem 00 140** Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (à esquerda).

**Imagem 00 141** Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima, à direita).

**Imagem 00 142** Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à direita).



**Imagem 00 143** Fotografia da vista sobre o rio e Lisboa, a partir de uma janela do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (à esquerda).

**Imagem 00 144** Fotografia da vista sobre o rio e Lisboa, a partir de uma janela do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (à direita).





**Imagem 00 145** Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).

**Imagem 00 146** Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (no centro).

**Imagem 00 147** Fotografia da envolvente exterior, vista do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo).

**Imagem 00 148** Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em cima).

**Imagem 00 149** Fotografia do interior do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à esquerda).

**Imagem 00 150** Fotografia da vista sobre o rio e a Ponte 25 de Abril, a partir de uma janela do primeiro piso do edifício de intervenção. Fotografia da autora. Outubro 2016. (em baixo, à direita).



## **Referências de projeto complementares**

### **Holbæk HavneBy**

Projeto realizado pelos arquitetos Kasper Kullegaard e Nicolas Munkø, do escritório dinamarquês Kullegaard, foi o vencedor do concurso para o complexo portuário de Holbæk, na Dinamarca, em 2015.

Este porto sofreu uma transformação radical nos últimos anos tornando-se agora num centro ativo, que alberga variados restaurantes/cafés e, também, eventos culturais e eventos de entretenimento.

O projeto está dividido em dois níveis, demarcando o programa público e privado.

O nível inferior dá lugar a espaços comerciais, envolvidos por uma base de betão com aberturas envidraçadas, que potencializam a interação com o público e permitem a inclusão de áreas de oficinas e outras atividades públicas.

Acima dessas funções, marcado por painéis de zinco, está o programa privado. Este é composto por habitações sociais, apartamentos e terraços jardim. No primeiro piso existem cinco condomínios, que possuem varanda própria, enquanto que no segundo existem mais doze, cada um com o seu próprio terraço. Os terraços são grandes e próprios, tendo ligação direta com as acomodações. O acesso aos apartamentos é feito através de uma escada no jardim compartilhado no terraço.

Os materiais, betão, zinco e madeira, foram selecionados de forma a refletir o ambiente do antigo porto e são complementados por zonas de jardim exteriores que ajudam a criar um ambiente mais íntimo e acolhedor. Os edifícios em si, estão diretamente ao lado da orla e do antigo porto e tentam de forma orgânica criar uma conexão com a arquitetura envolvente.

**Imagem 00 151** Render exterior do projeto de intervenção Holbæk HavneBy e a sua envolvente. **Autoria de Kullegaard e Dimension Design.** Consultado em Maio de 2018. (à direita)

**Imagem 00 152** Render dos terraços. Vista do interior dos mesmos para o exterior. **Autoria de Kullegaard e Dimension Design.** Consultado em Maio de 2018. (em baixo)



## Ponte Vecchio

Esta ponte em arco medieval foi projetada por Taddeo Gaddi e concluída mais tarde por Giorgio Vasari. Passa sobre o Rio Arno, em Florença, e é famosa por ter uma quantidade significativa de lojas ao longo de todo o tabuleiro.

Formada por três arcos, em que o maior deles tem 30 metros de diâmetro, alberga lojas e mercados abertos ao ar livre. Ao longo da ponte, existem vários cadeados, especialmente no gradeamento em torno da estátua de Benvenuto Cellini. Esta tradição está ligada à antiga ideia do amor e dos amantes que trancavam o cadeado e lançavam a chave ao rio, tornando-se eternamente ligados. Graças a essa tradição e ao turismo abundante dos dias de hoje, milhares de cadeados têm de ser removidos com alguma frequência, pois começaram a destabilizar a estrutura da ponte. Existe hoje uma multa de 50 euros para quem for apanhado a colocar cadeados na ponte.



*Imagem 00 153 Ponte Vecchio, Florença, Itália.  
Fonte: Cicloturismo.  
Consultado em Junho 2018.*

**Relatório da Exposição: Plano Pormenor do Cais do Ginjal,  
pelo Arq. Samuel Torres**

A proposta de **Plano de Pormenor**, do arquiteto Samuel Torres de Carvalho e da sua equipa, pretende revitalizar e reabilitar toda a zona do Ginjal, do Jardim do Rio ao terminal fluvial de Cacilhas. Este projeto esteve em exposição e aberto a um período de discussão pública, no átrio do Fórum Municipal Romeu Correia, desde o início de Fevereiro até dia 19 do mesmo mês.

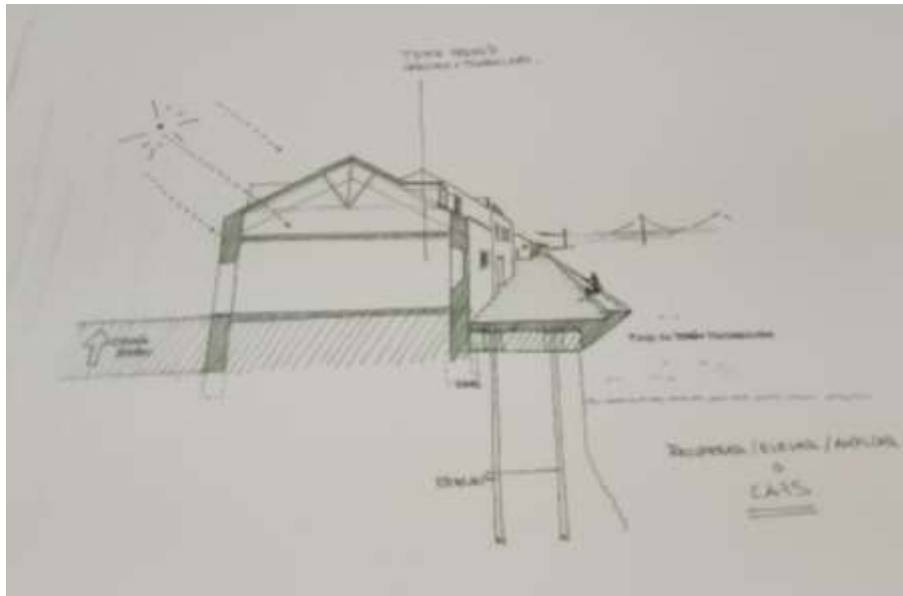
Esta é uma intervenção profunda, que promove desde espaços de habitação, hotelaria, comércio, serviços, apartamentos turísticos e espaços públicos – mercados das artes e diversos equipamentos de apoio.

“Preservar a memória do Cais do Ginjal, dando-lhe um coração novo”. É desta forma que o arquiteto Samuel Torres de Carvalho descreve sucintamente o seu trabalho sobre o Ginjal.

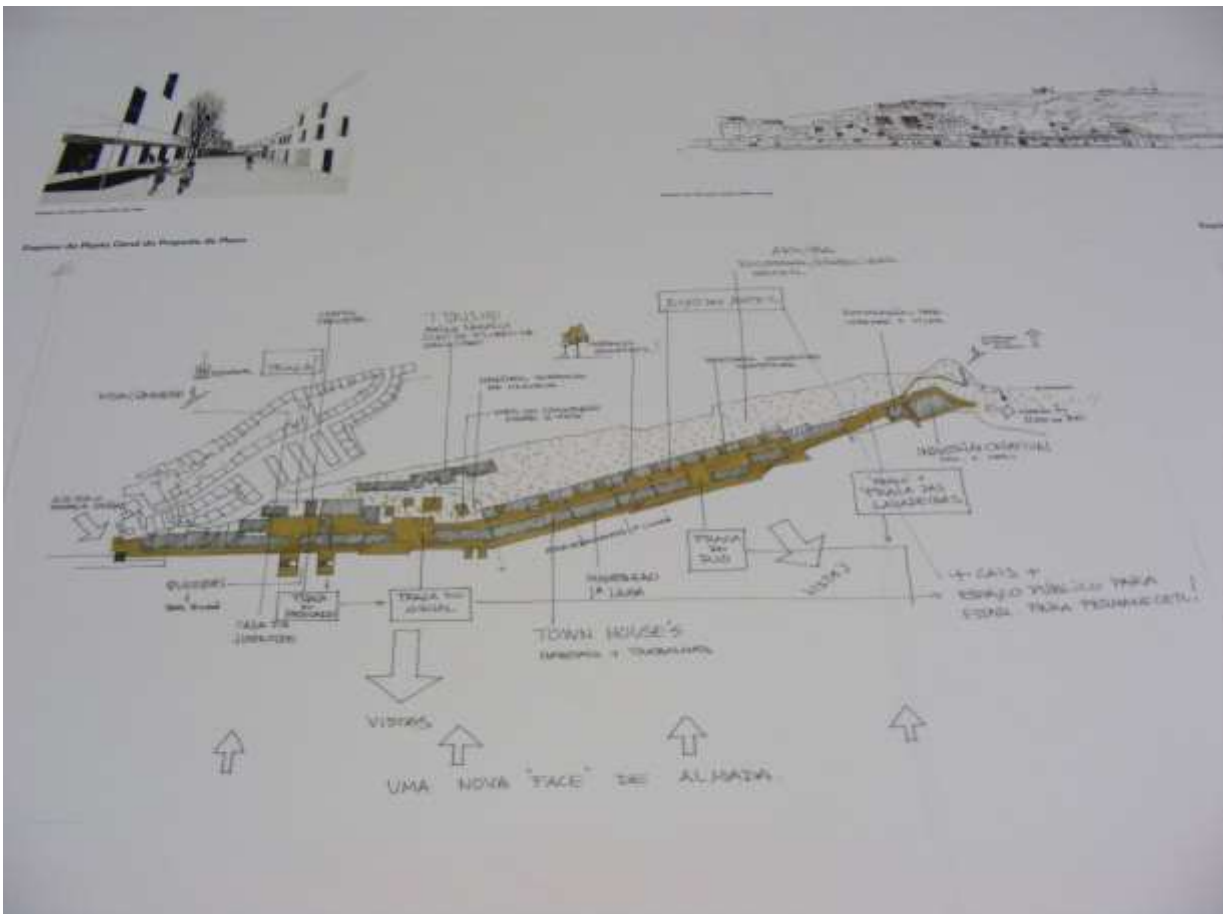
Desde o elevar e alargar da plataforma junto ao rio, à criação de várias praças e largos ao longo de todo o Cais do Ginjal, este projeto cria novas valências para no Cais.

O resultado, é uma proposta que respeita a memória do lugar, que aumenta o espaço público e que se adapta às necessidades modernas.

Como uma forma válida de pesquisa, no que toca ao estudo de um projeto geral para toda a frente do Cais do Ginjal e, tentar perceber as necessidades e os pontos de vista de um Arquiteto sobre o espaço, esta exposição foi de grane ajuda.



**Imagem 00 154** Fotografia a um dos desenhos do arquiteto Samuel Torres, sobre a nova proposta para o Ginjal. Fotografia da autora. Fevereiro 2018. (em cima).



**Imagem 00 155** Fotografia de uma planta esquemática do programa. Fotografia da autora. Fevereiro 2018. (em baixo).

**Imagem 00 156** Fotografia a uma das zonas da maquete de apresentação do arquiteto. Fotografia da autora. Fevereiro 2018.





**ANEXOS III**

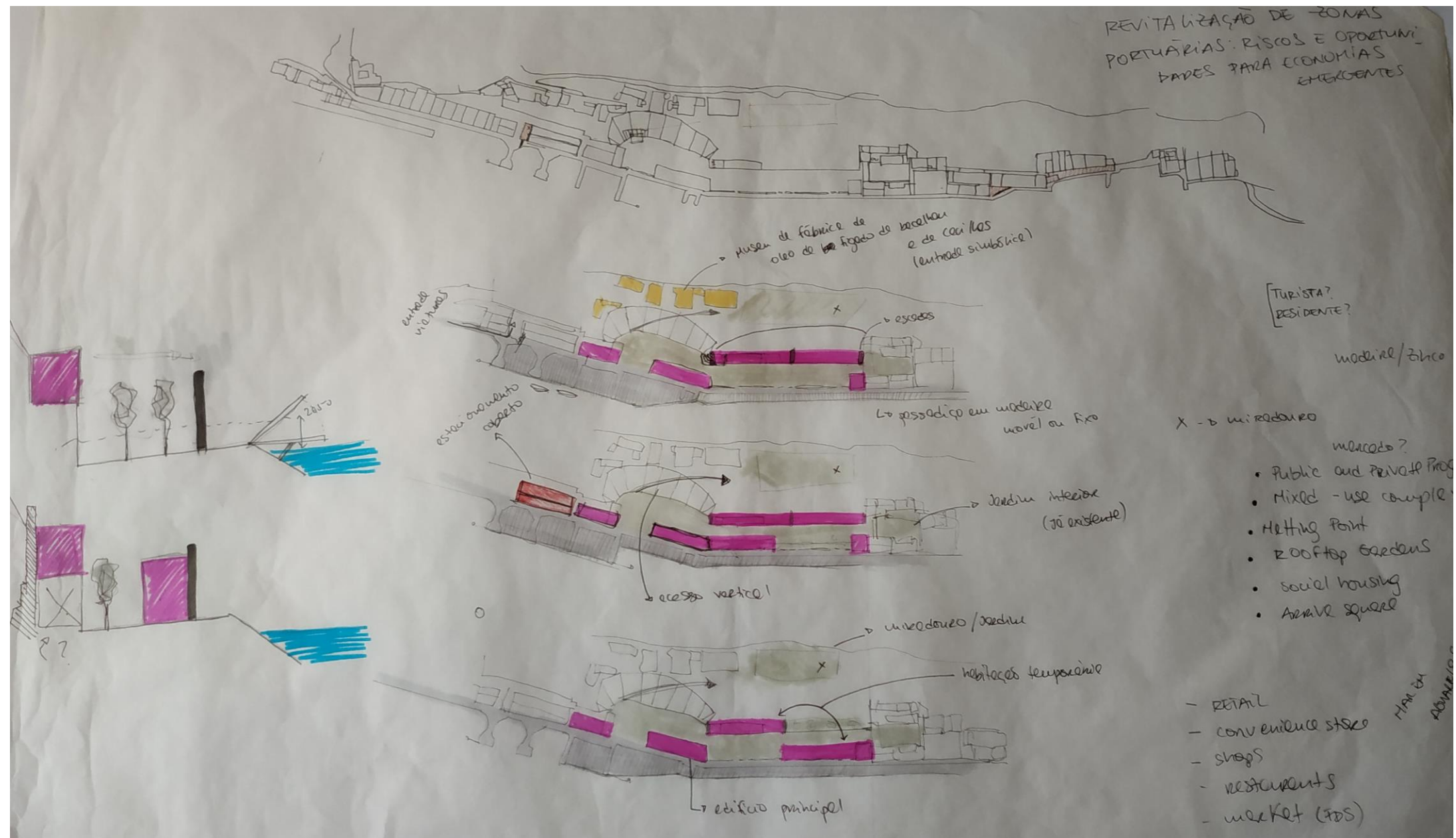
**PROCESSO DE TRABALHO**

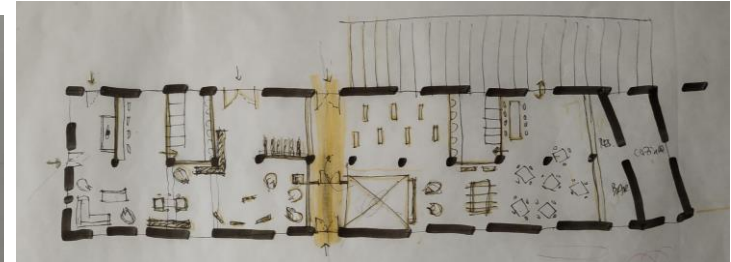
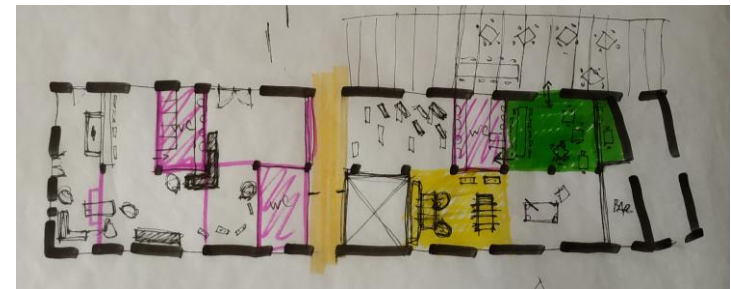
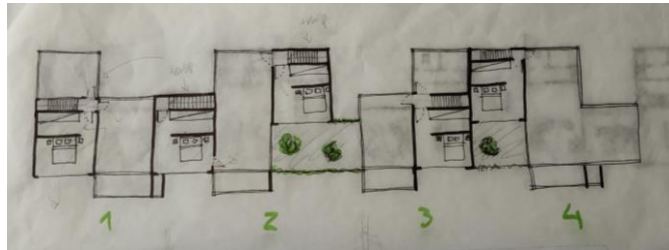
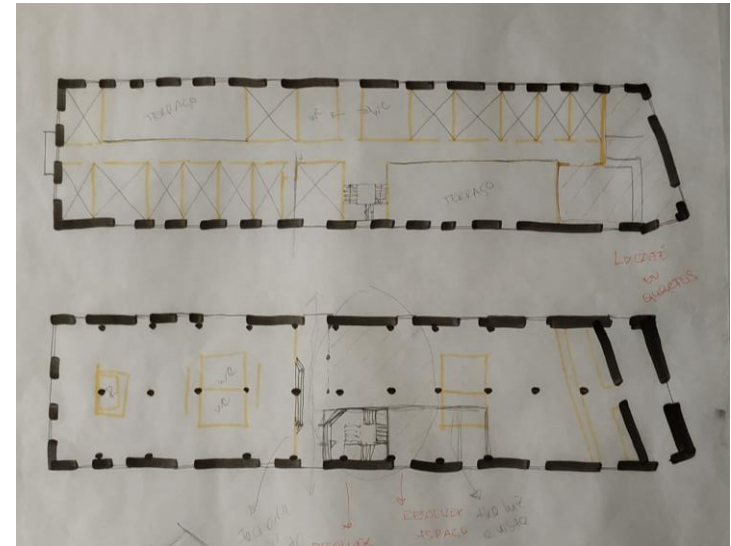
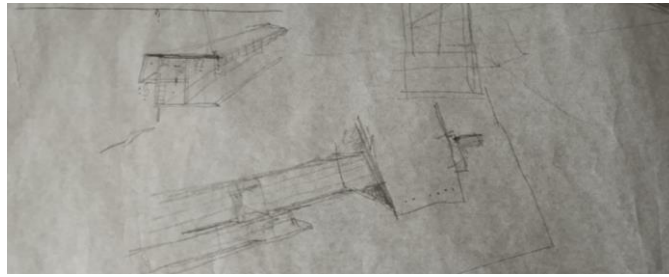
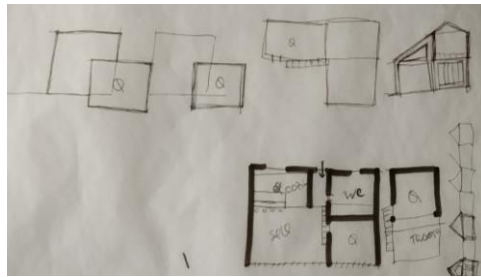
Esboços e Desenhos

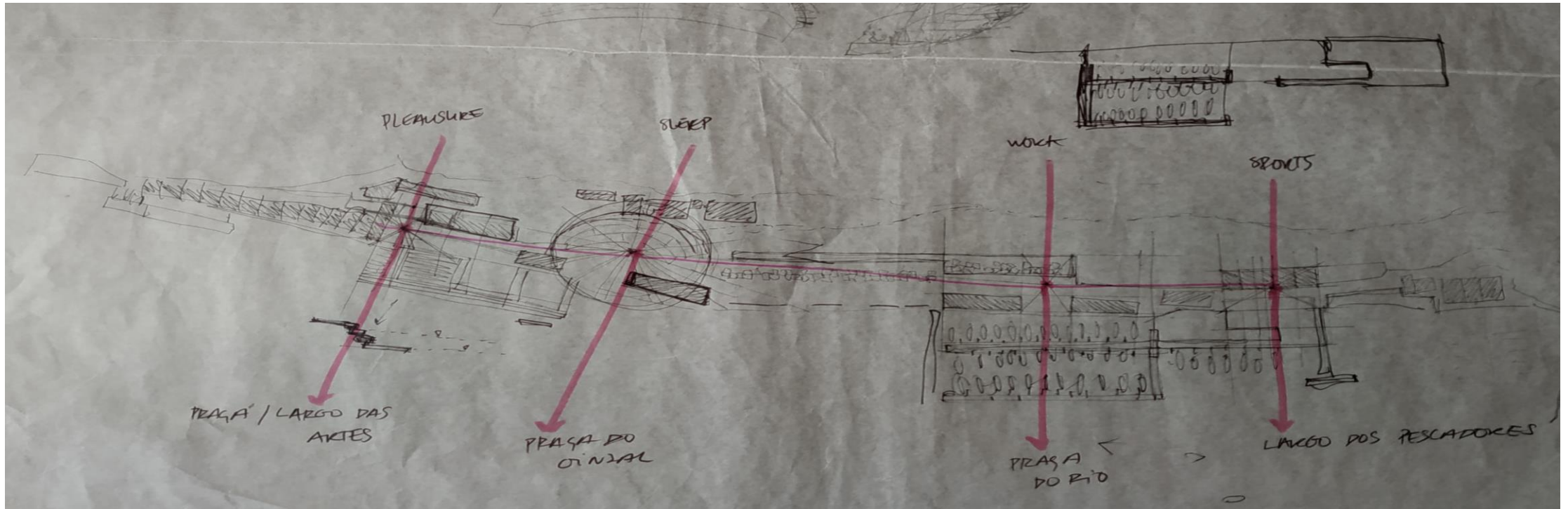
Maquetes de Estudo

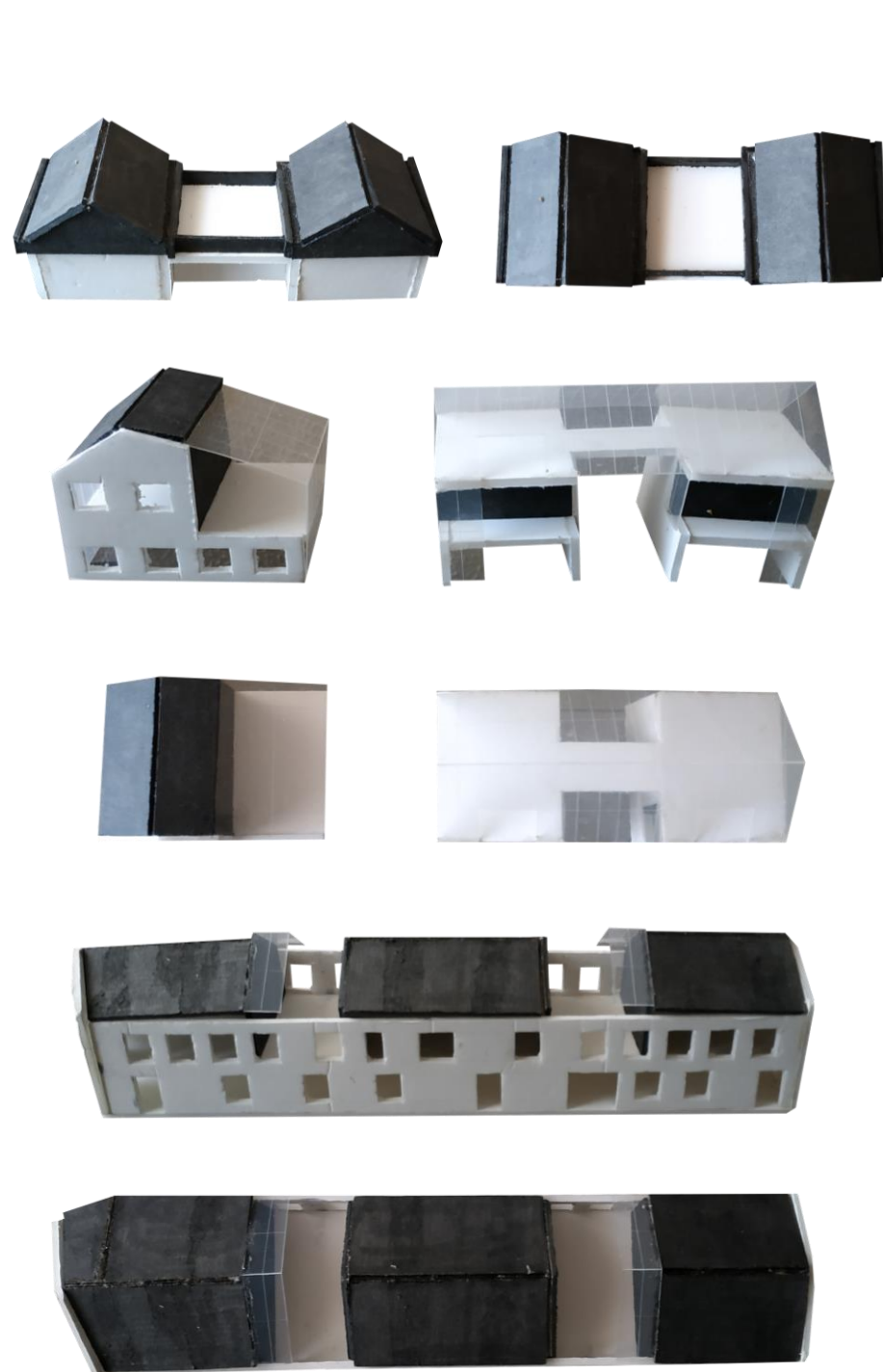
Maquetes Finais

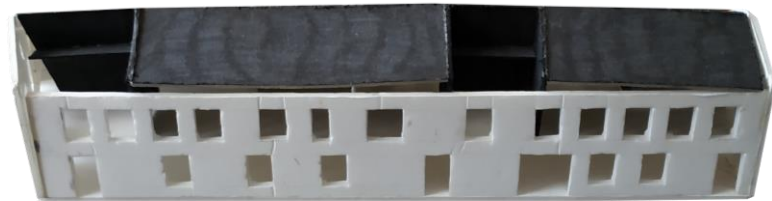


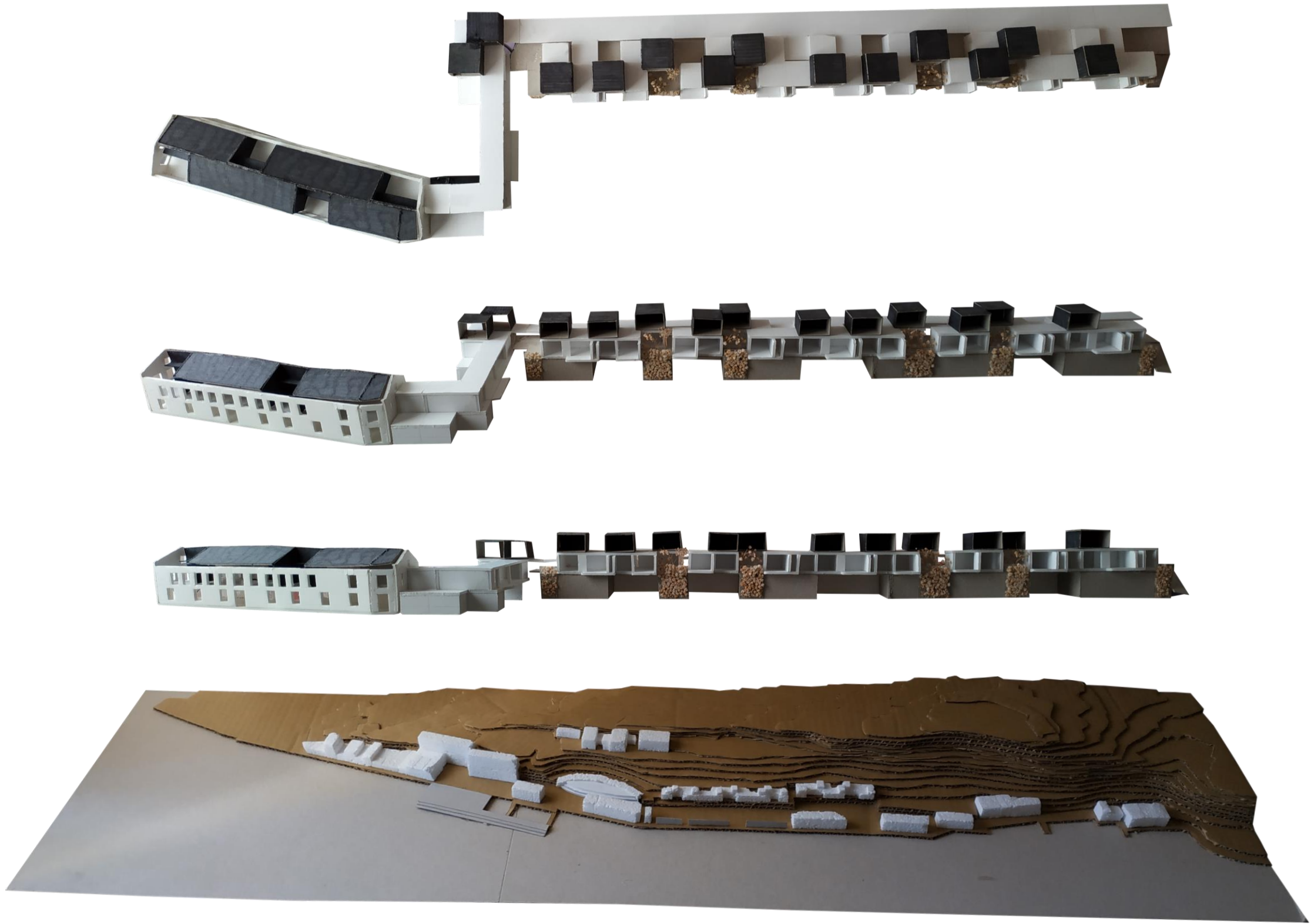




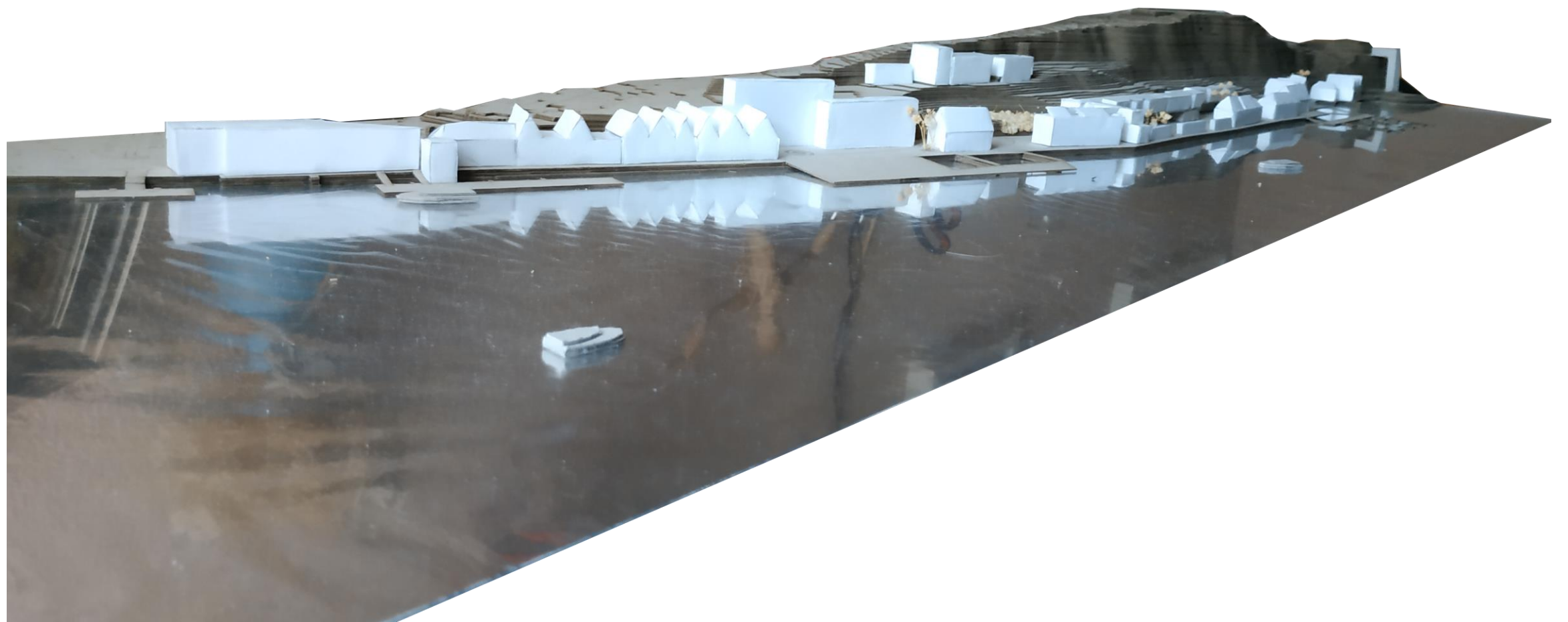


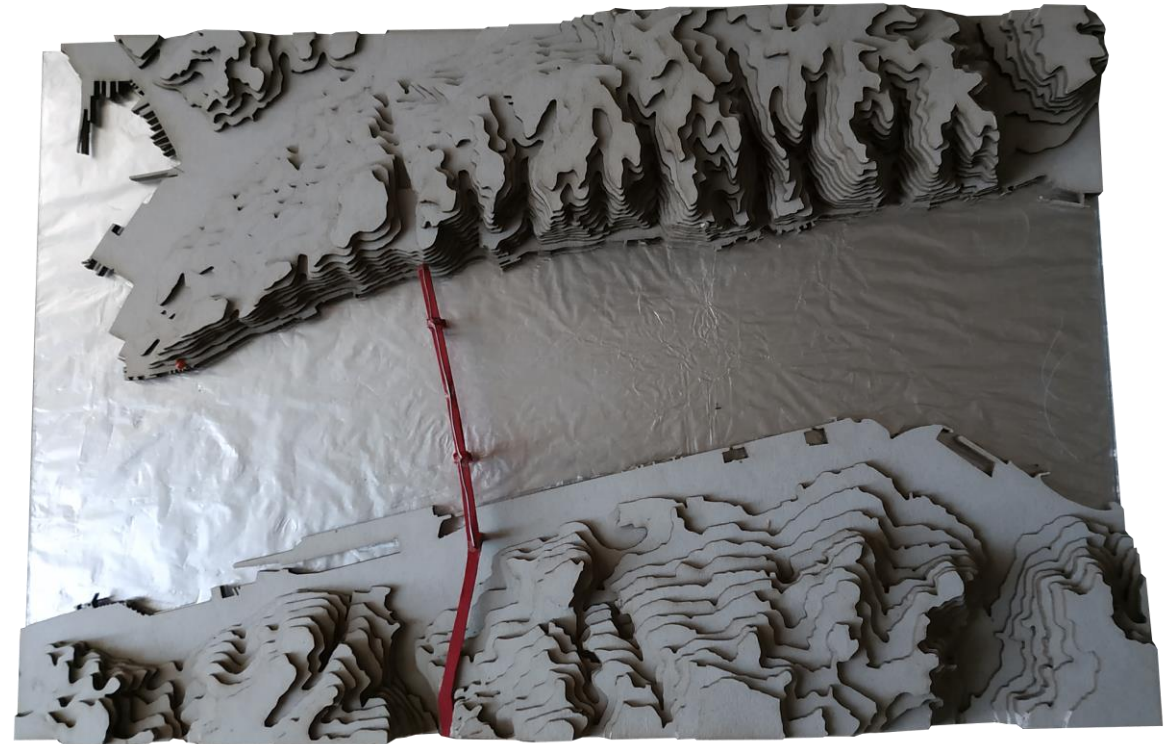












## **ANEXOS IV**

### **APRESENTAÇÃO GRÁFICA DO PROJETO FINAL DE MESTRADO**

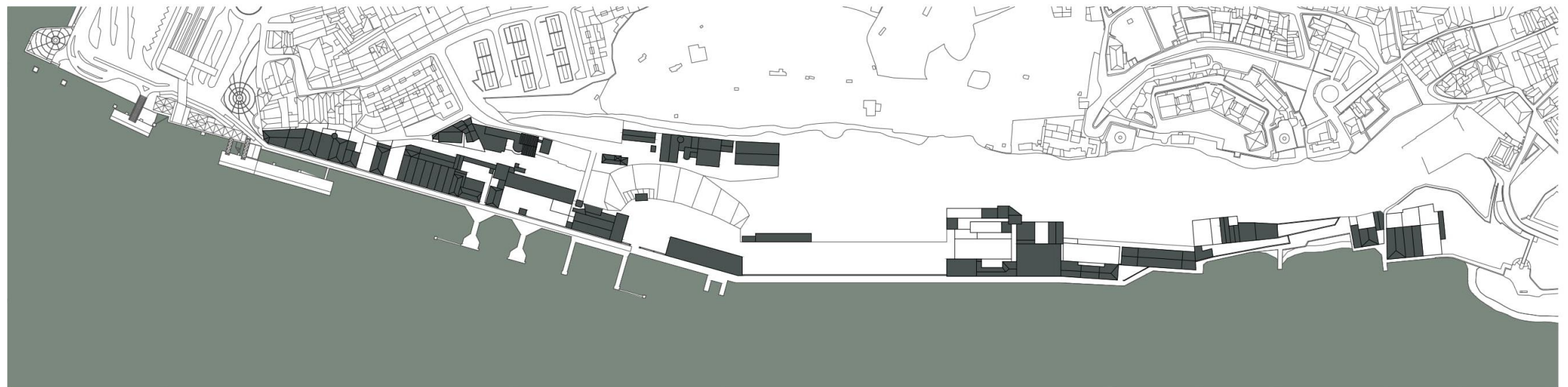
#### **Desenhos Finais**

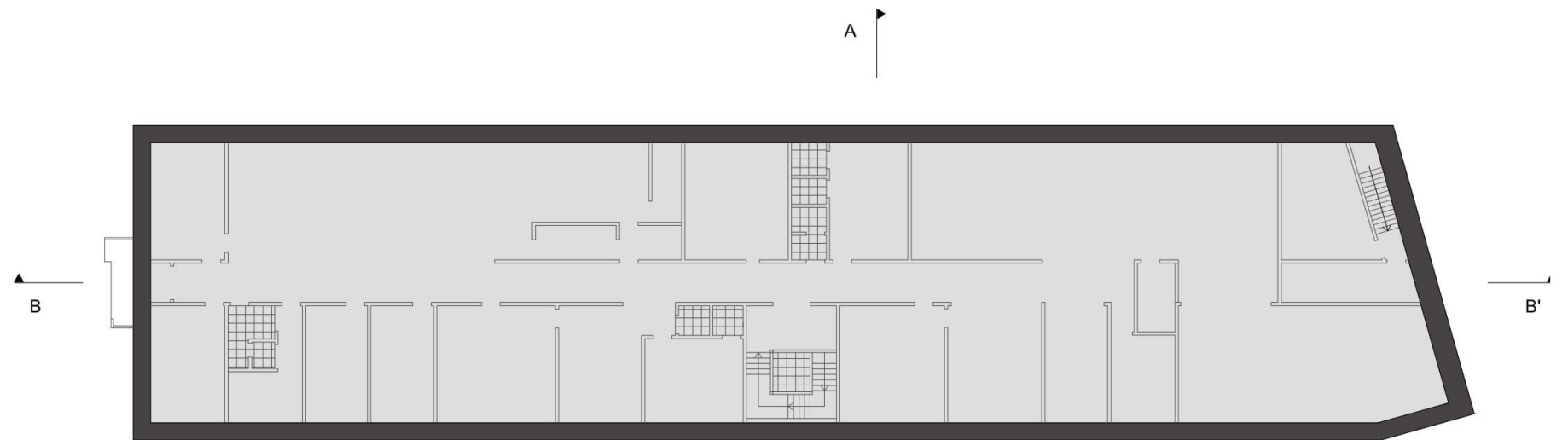
- 01.** Planta de Enquadramento Urbano. Existente.
- 02.** Planta Cobertura | Piso 1. Existente. Esc. 1:250
- 03.** Planta Piso 0 | Cortes. Existente. Esc. 1:250
- 04.** Alçados. Existente. Esc. 1:250
- 05.** Planta Cobertura | Piso 1. Vermelhos e Amarelos. Esc. 1:250
- 06.** Planta Piso 0 | Cortes. Vermelhos e Amarelos. Esc. 1:250
- 07.** Alçados. Vermelhos e Amarelos. Esc. 1:250
- 08.** Planta Cobertura | Piso 1. Proposta. Esc. 1:250
- 09.** Planta Piso 0 | Cortes. Proposta. Esc. 1:250
- 10.** Alçados. Proposta. Esc. 1:250
- 11.** Planta de Cobertura | Organização Espacial. Apartamentos (Novo). Esc. 1:250
- 12.** Planta Piso 1 | Piso 0. Apartamentos (Novo). Esc. 1:250
- 13.** Planta de Enquadramento Urbano. Proposta Urbano.
- 14.** Planta de Cobertura. Proposta com Envolvente.
- 15.** Alçado Urbano. Proposta com Envolvente.
- 16.** Alçado Urbano. Proposta com Envolvente.

17. Planta Piso 2. Proposta com Envolvente.
18. Planta Piso 1. Proposta com Envolvente.
19. Planta Piso 0. Proposta com Envolvente.
20. Planta Piso 2 (fração aumentada do projeto). Proposta com Envolvente.
21. Planta Piso 1 (fração aumentada do projeto). Proposta com Envolvente.
22. Planta Piso 0 (fração aumentada do projeto). Proposta com Envolvente.
23. Corte Longitudinal ab (fração aumentada do projeto). Proposta com Envolvente.
24. Corte Longitudinal a'b' (fração aumentada do projeto). Proposta com Envolvente.
25. Planta Cobertura e Corte/Alçado Longitudinal do Jardim. Proposta Envolvente.
26. Corte Transversal cd. Proposta com Envolvente.

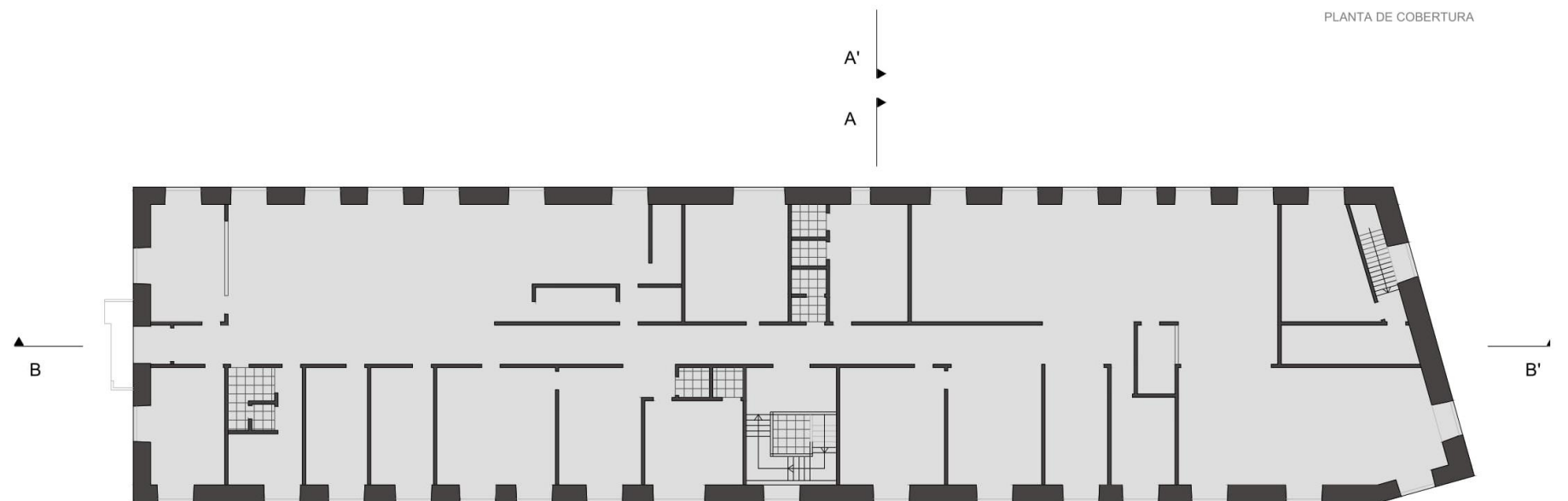
### **Imagens 3D Finais**

### **Painéis Finais**

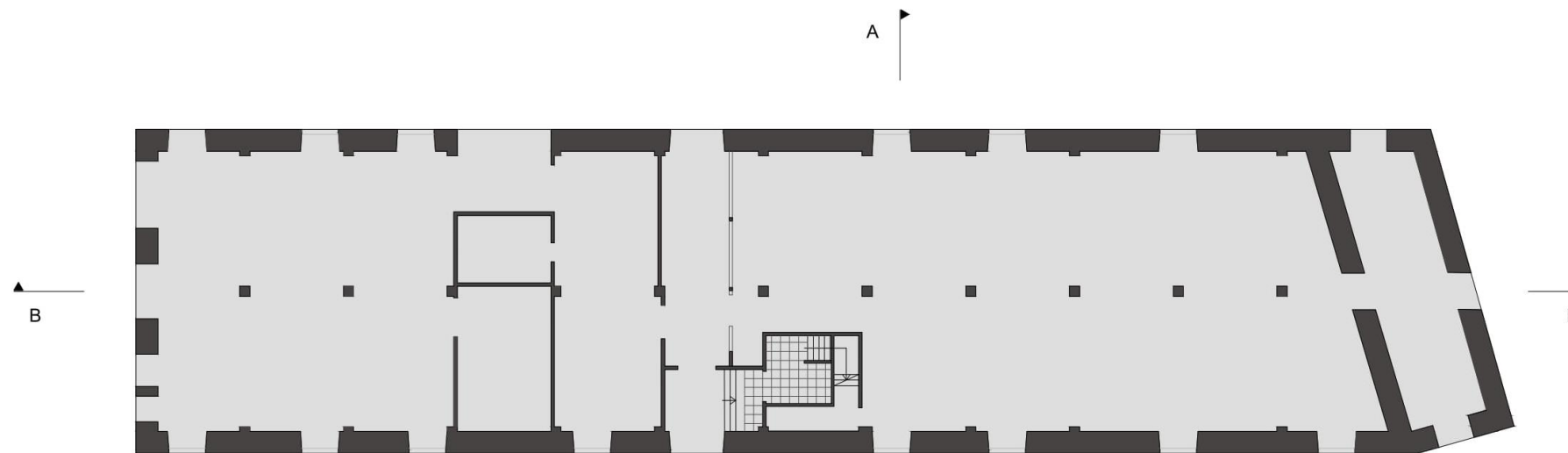




PLANTA DE COBERTURA



PLANTA PISO 1



PLANTA PISO 0

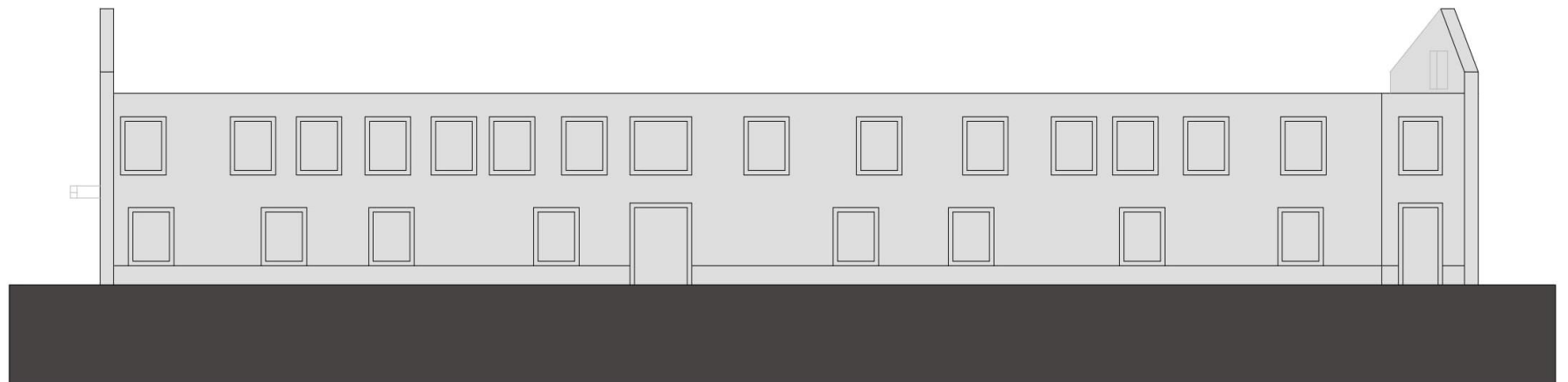


CORTE TRANSVERSAL A-A'

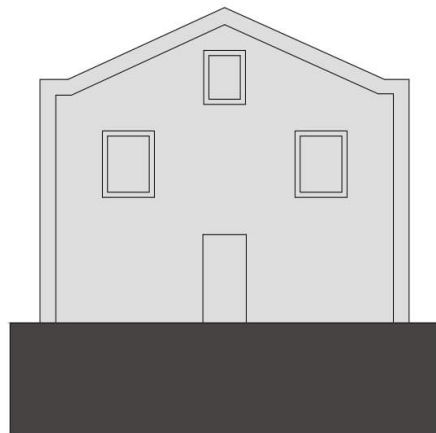
CORTE LONGITUDINAL B-B'



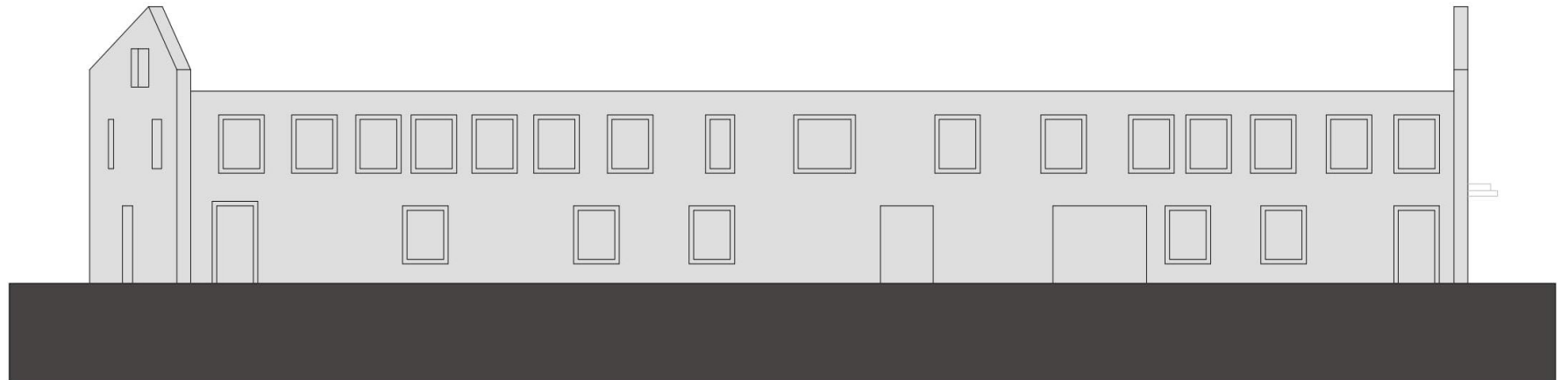
ALÇADO NORTE



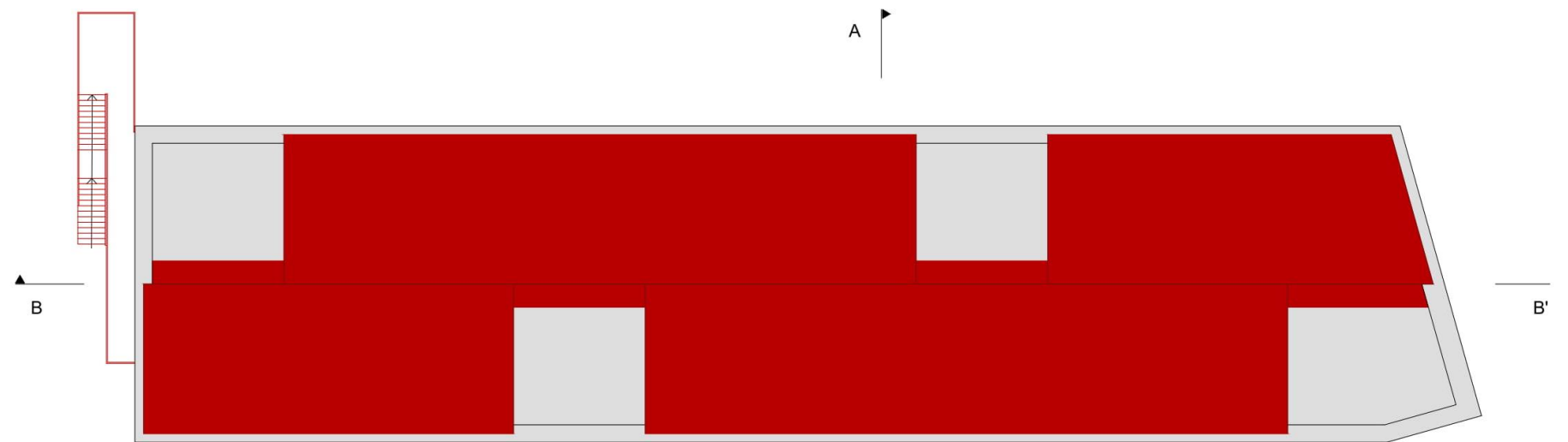
ALÇADO OESTE



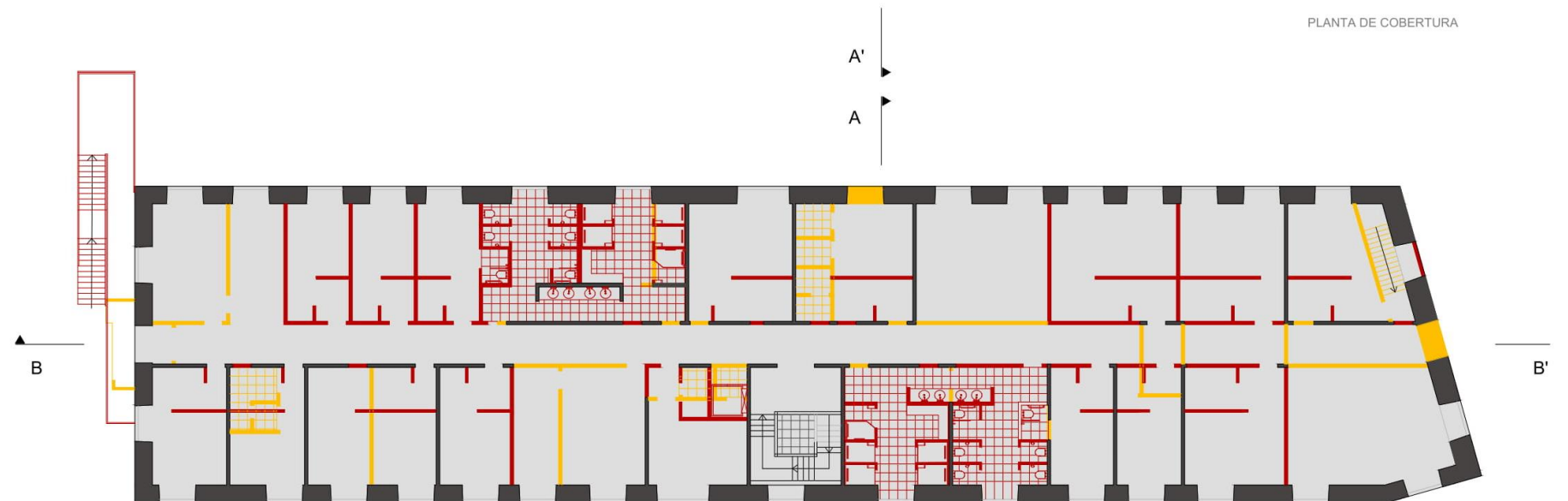
ALÇADO SUL



ALÇADO ESTE



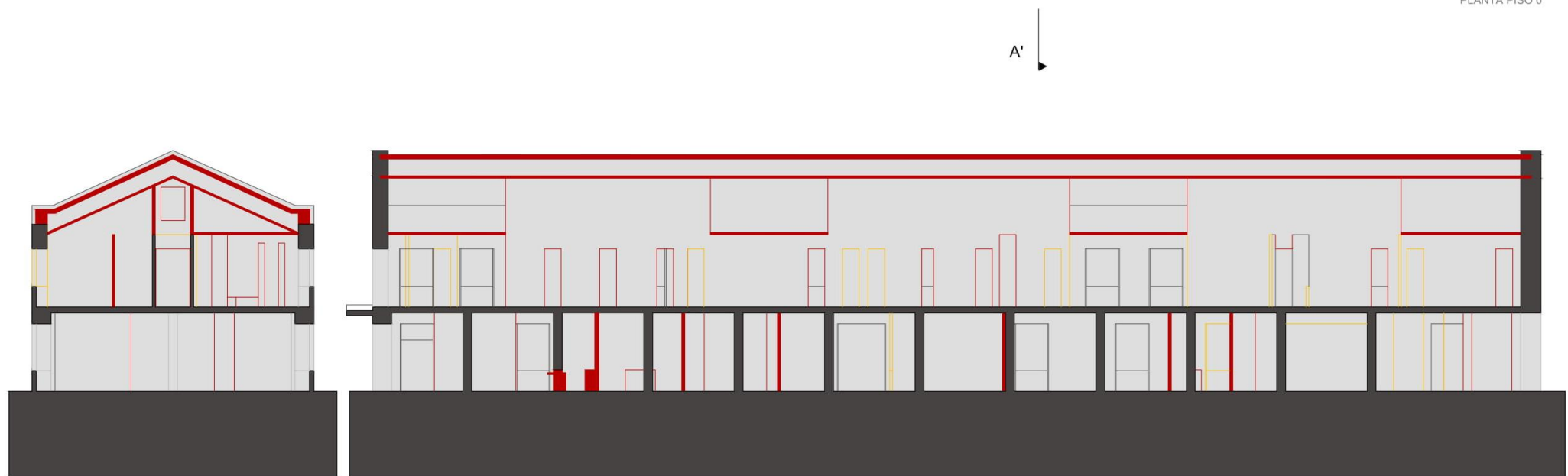
PLANTA DE COBERTURA



PLANTA PISO 1

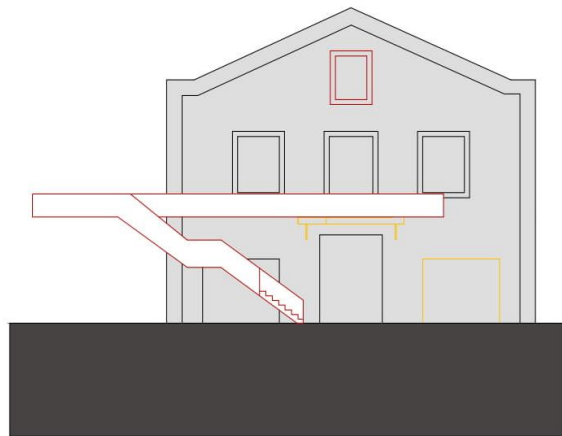


PLANTA PISO 0

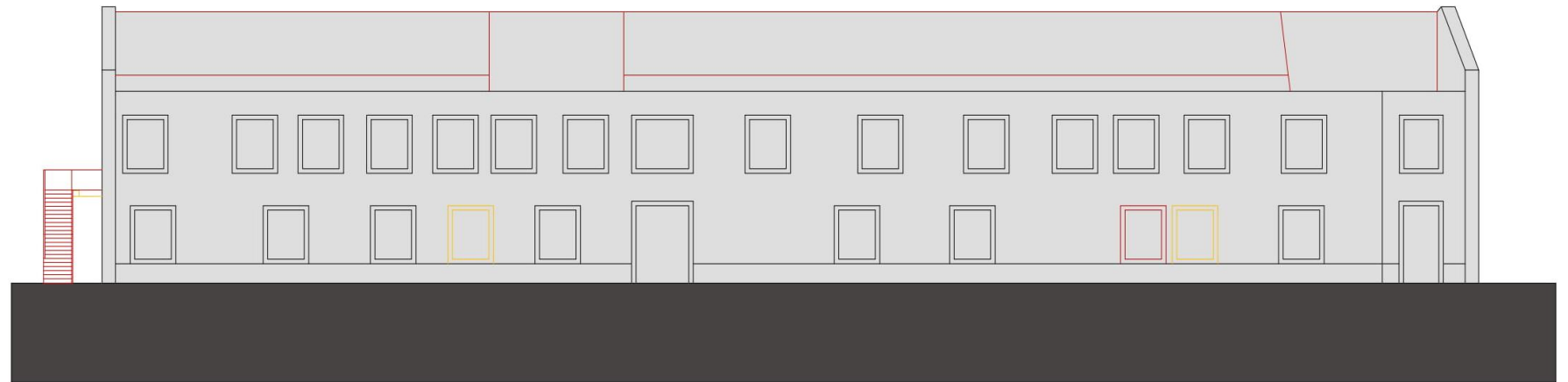


CORTE TRANSVERSAL A-A'

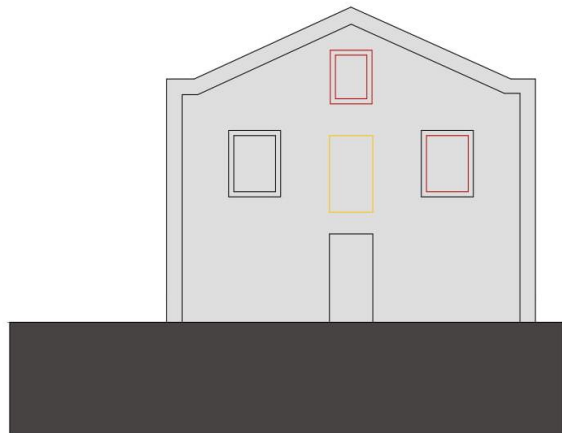
CORTE LONGITUDINAL B-B'



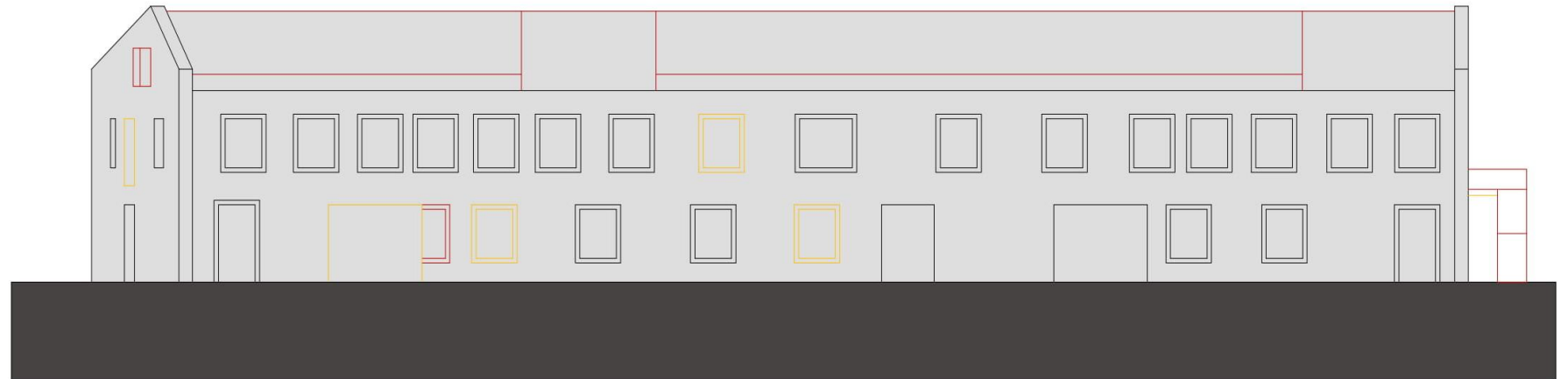
ALÇADO NORTE



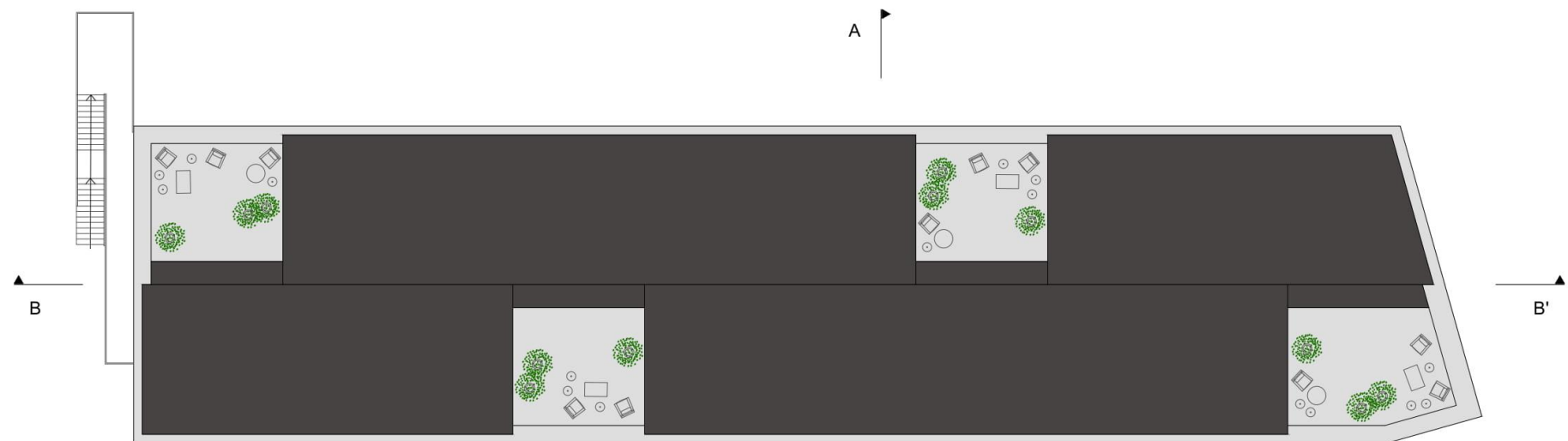
ALÇADO OESTE



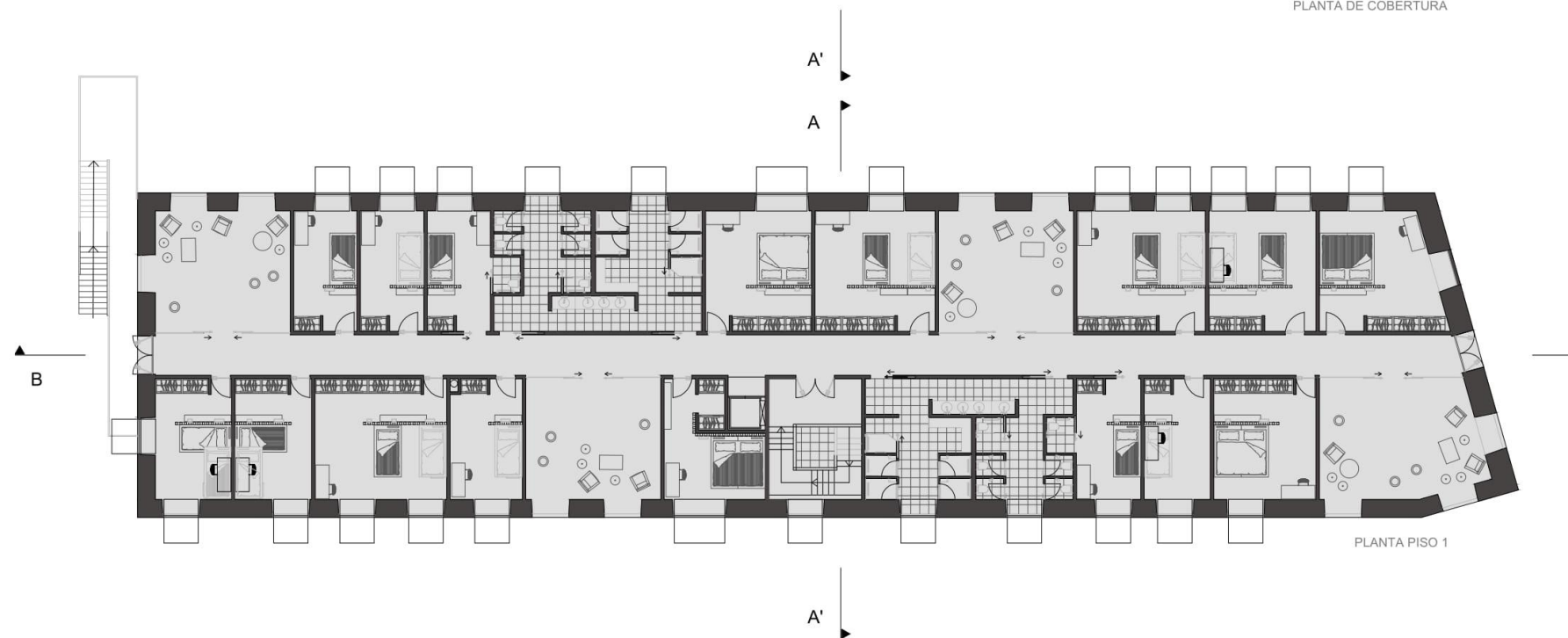
ALÇADO SUL



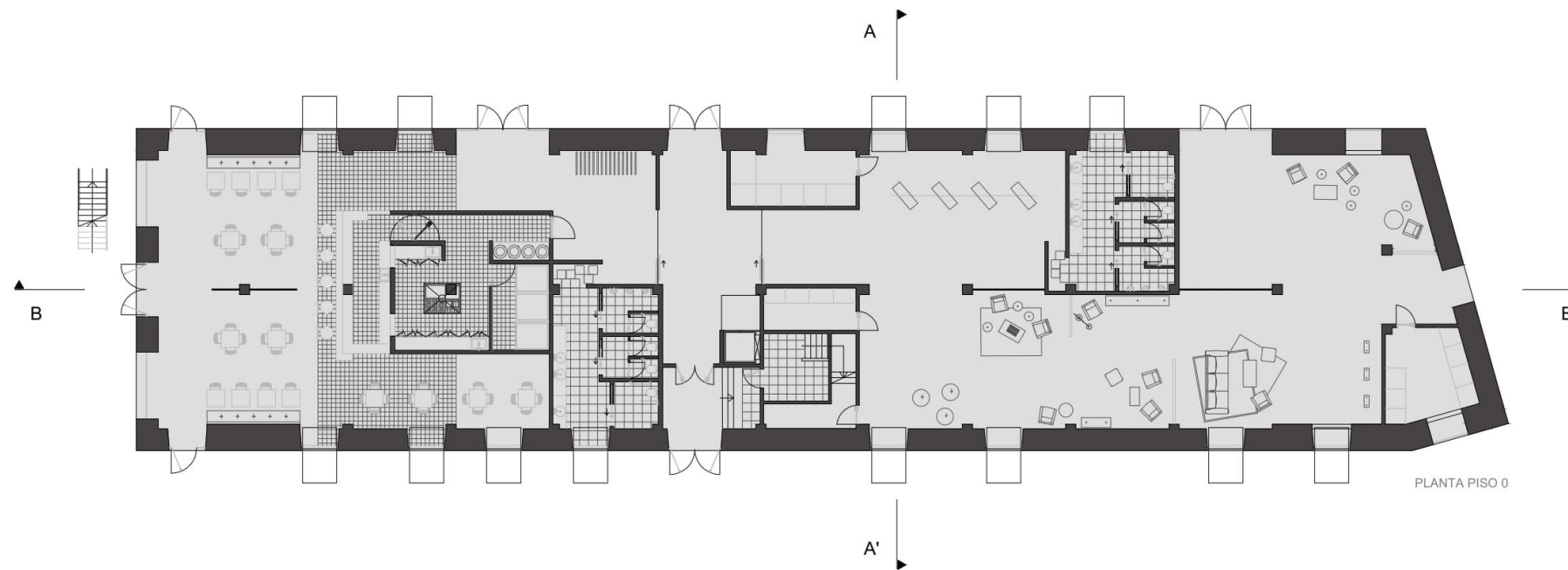
ALÇADO ESTE



PLANTA DE COBERTURA



PLANTA PISO 1



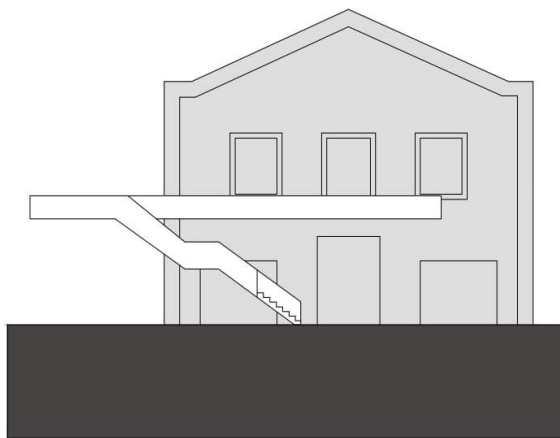
PLANTA PISO 0



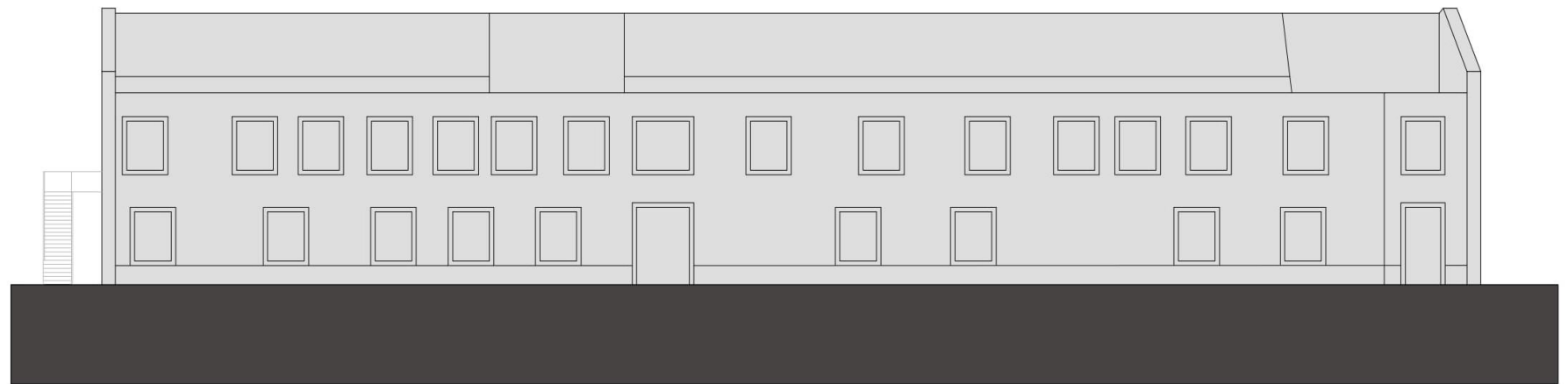
CORTE TRANSVERSAL A-A'



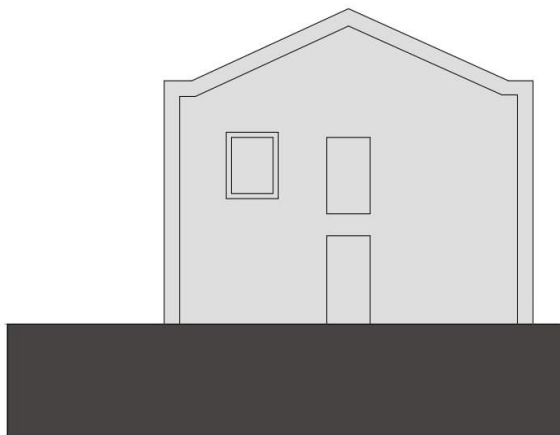
CORTE LONGITUDINAL B-B'



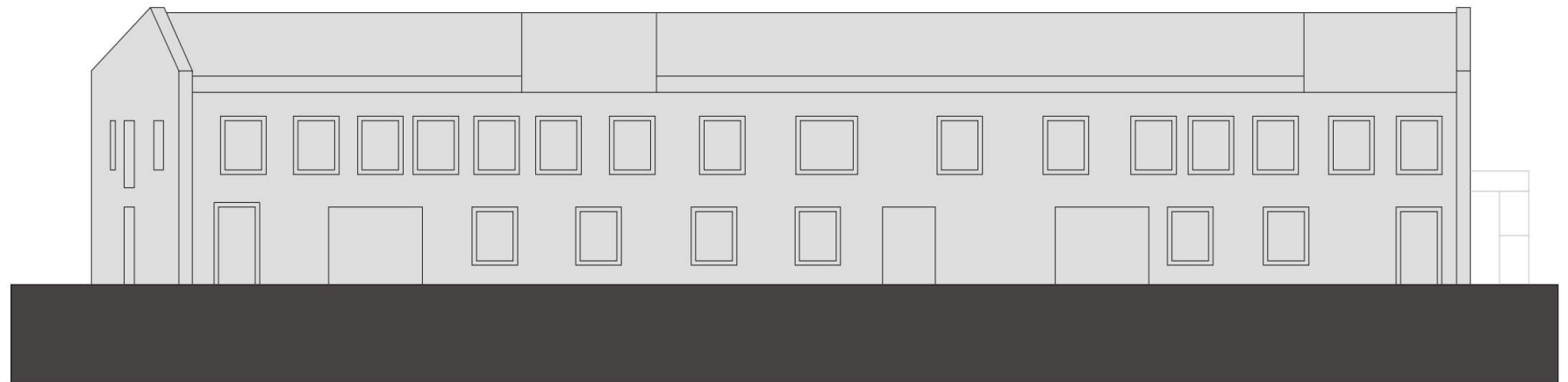
ALÇADO NORTE



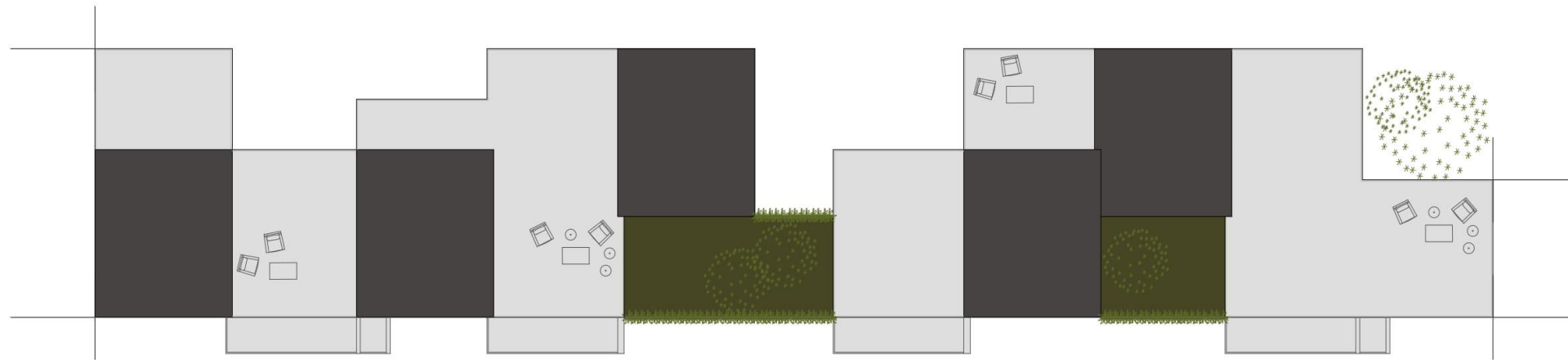
ALÇADO OESTE



ALÇADO SUL

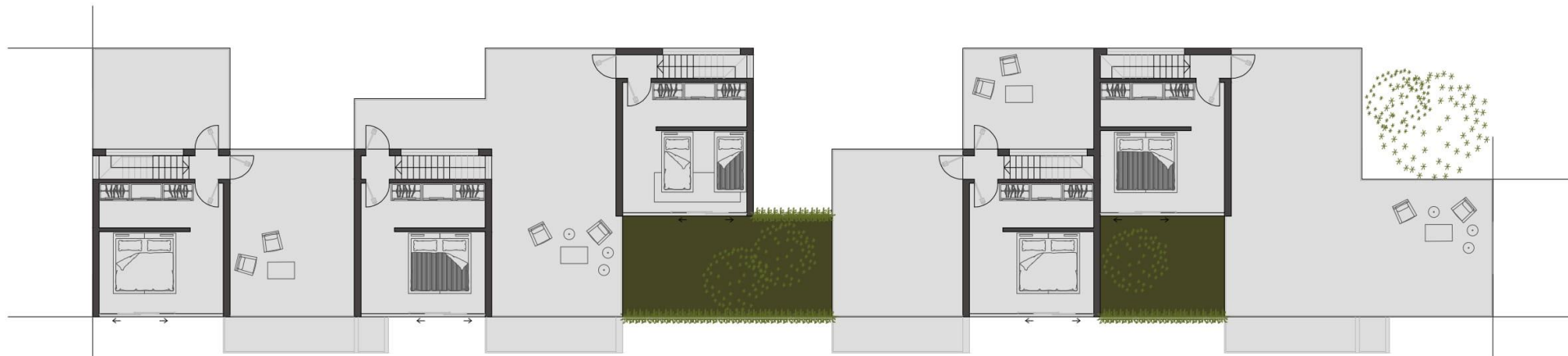


ALÇADO ESTE

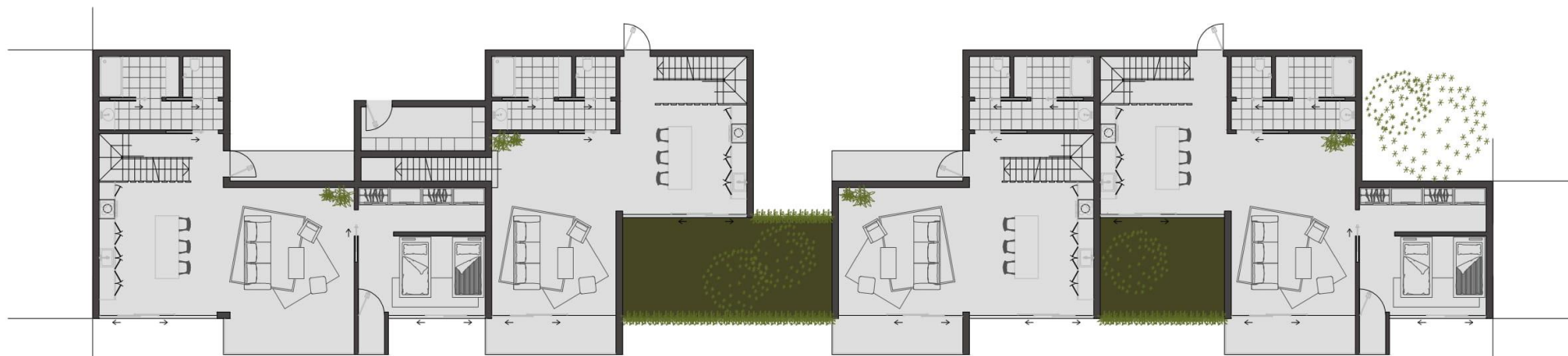


PLANTA DE COBERTURA  
MÓDULO DE APARTAMENTOS (4)





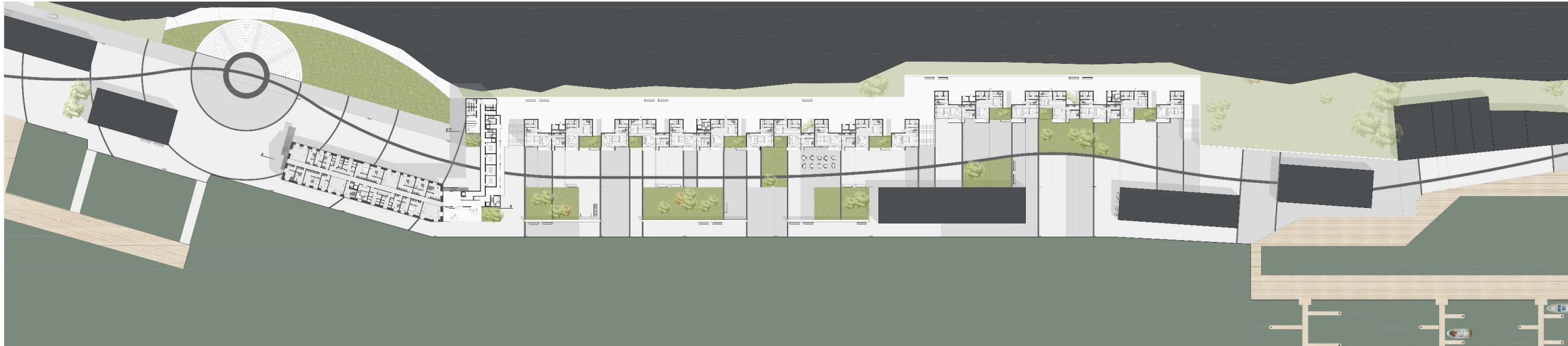
PLANTA PISO 1



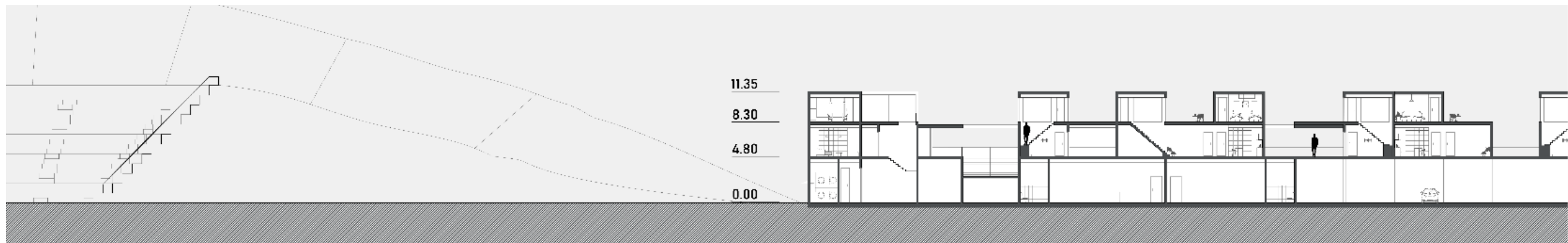
PLANTA PISO 0























































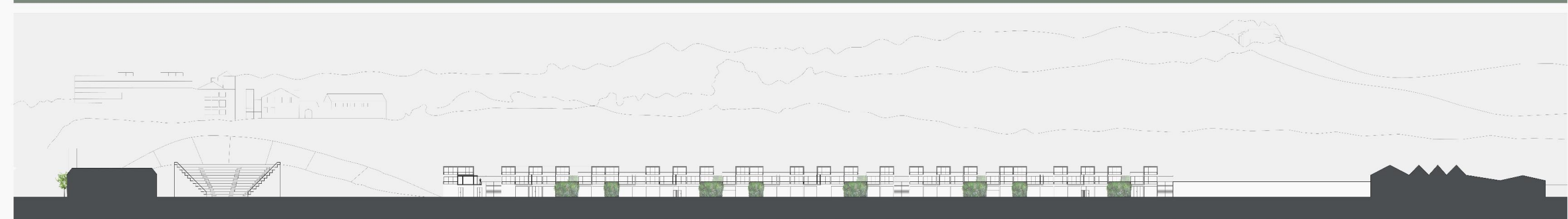


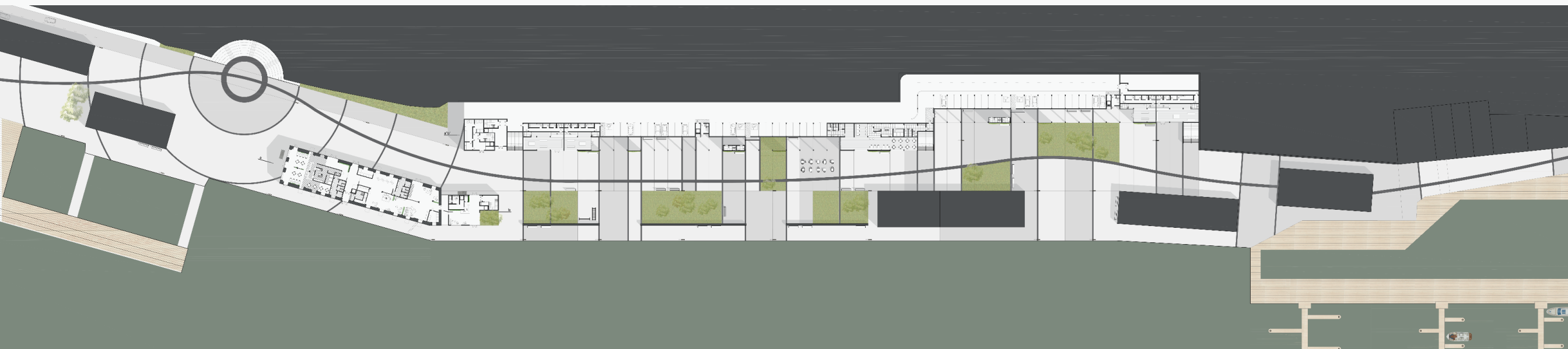


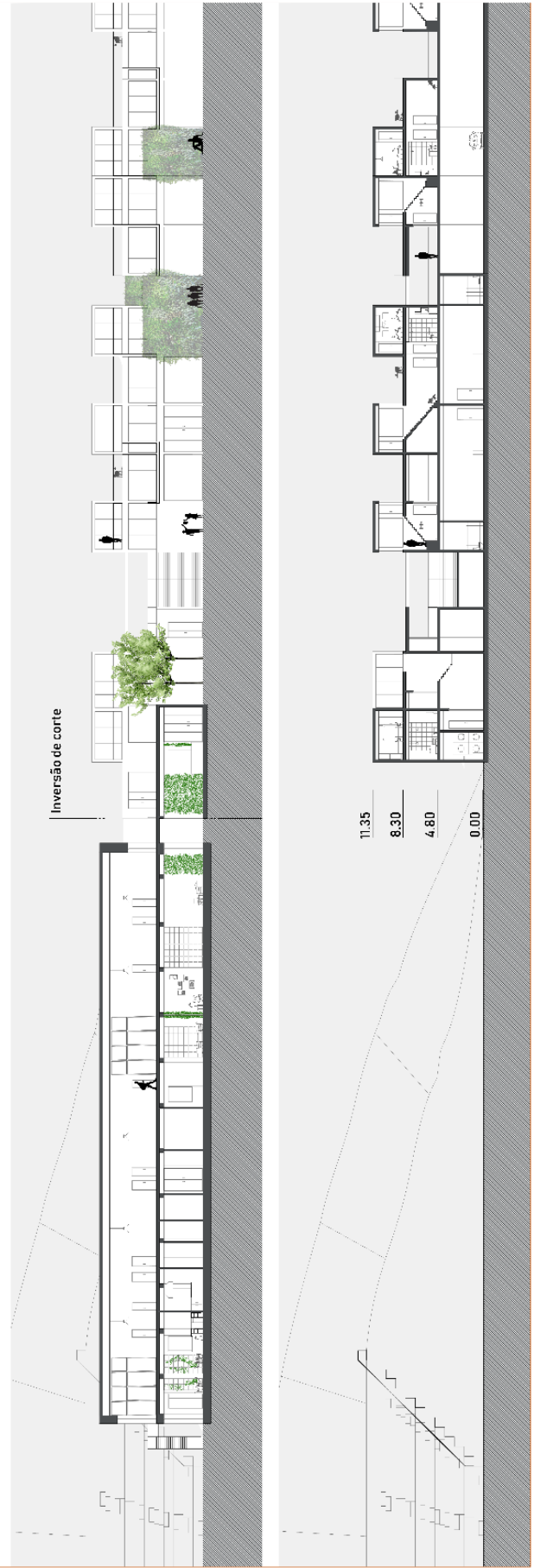
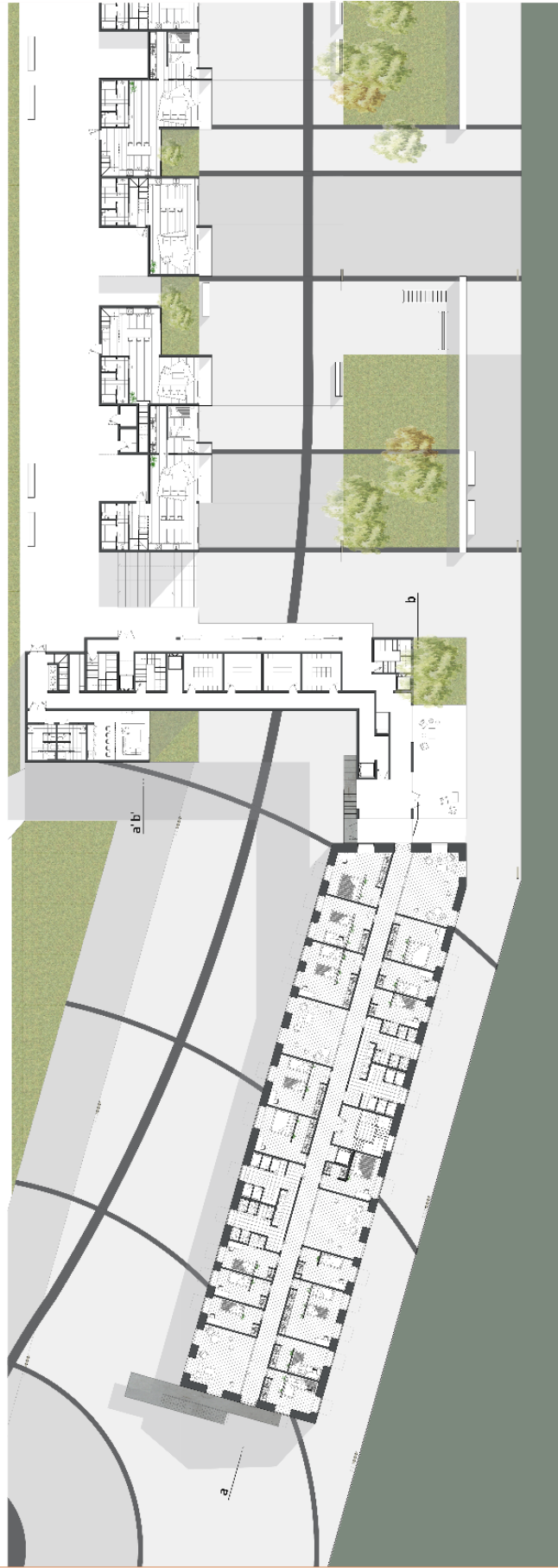
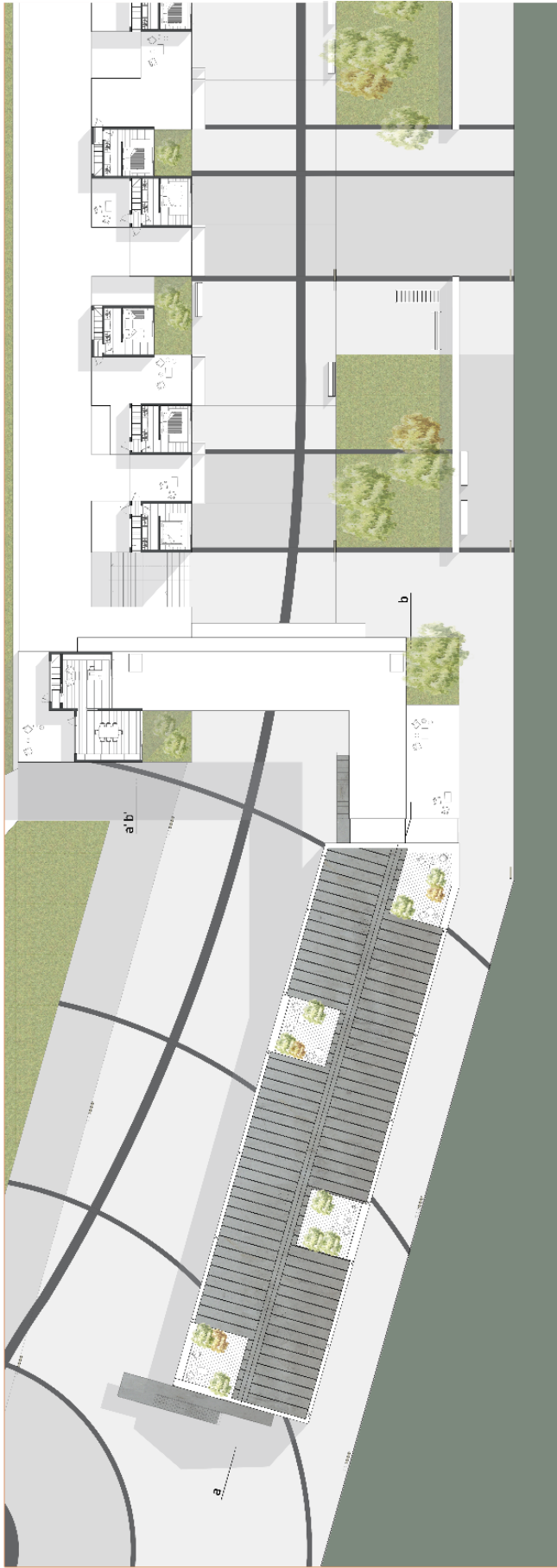


Painéis finais

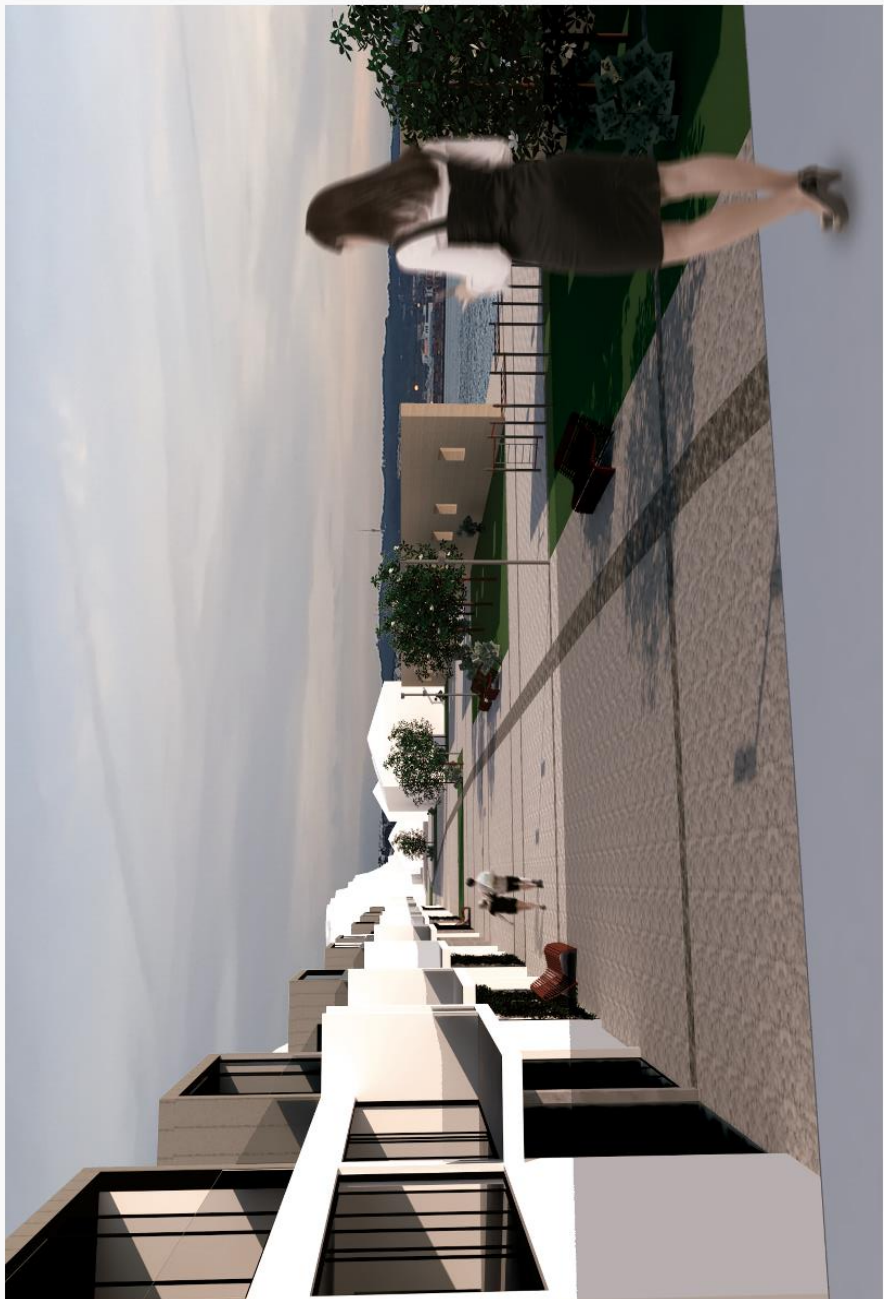


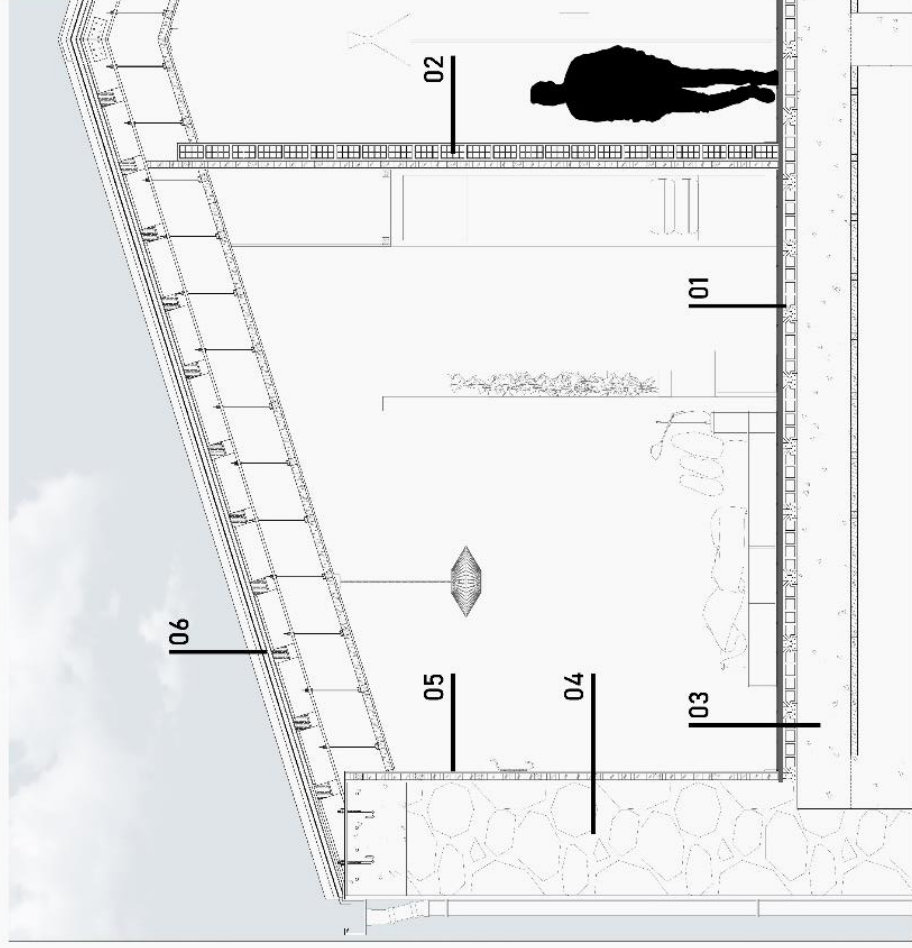












**01 PAVIMENTO PISO I**

Constituintes: Vigotas (11x12x4,5m); Abobadilhas de Tijolo (0,48x0,25x0,12m); Malha metálica e betonilha (esp 0,04m)  
 Revestimento: subcamada resiliente e soalho flutuante de madeira (1,40x0,25x0,01m).

**02 ALVENARIA DE TIJOLO**

Constituintes: Tijolo de 11 (0,11x0,20x0,30m); argamassa de cimento.

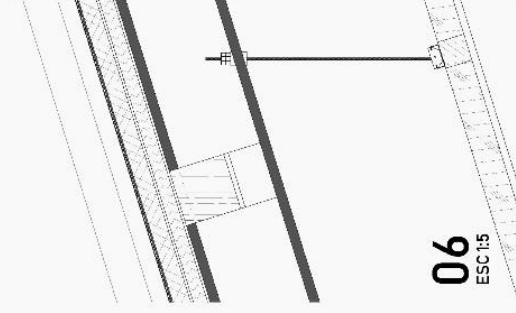
**03 VIGA E PILAR DE SUPORTE EM BETÃO ARMADO**

**04 ALVENARIA DE PEDRA**

Revestimento exterior: reboco; estuque com acabamento em pintura.

**05 PLACA GYPCORK (1,20x2,50x0,0725m)**

Constituintes: placa de gesso laminado branco Gyptec; aglomerado de cortiça expandida Amorim Isolamentos.



**06**

ESC 1:5

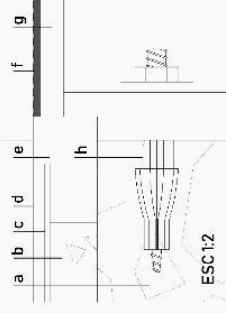
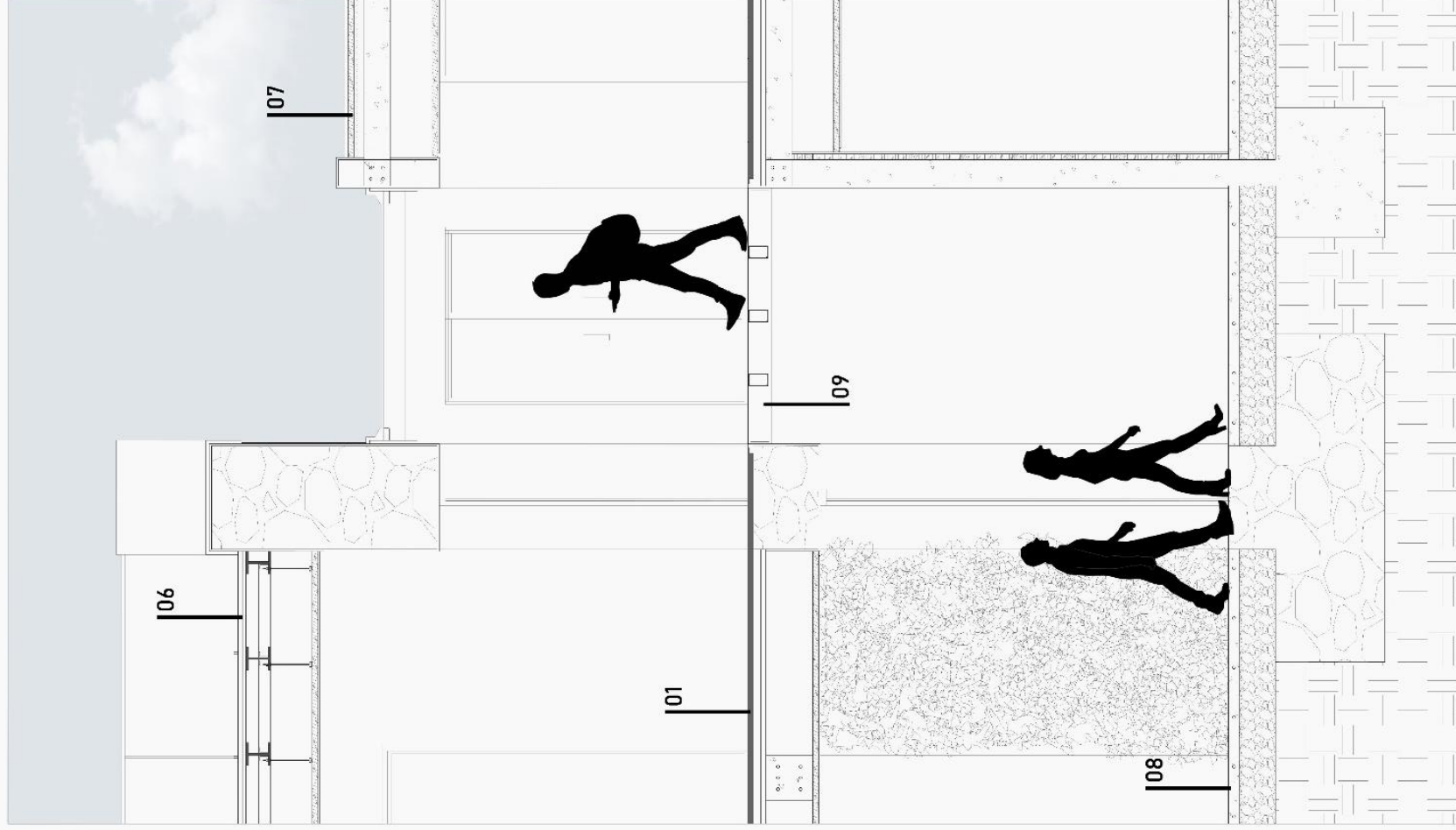
**COBERTURA DE DUAS ÁGUAS**

- Constituintes: (de cima para baixo)
- Placa de Zinco, esp 0,001m
- Tela impermeável, esp 0,002m
- OSB, esp 0,003m
- Painel Sandwich (isolamento térmico e acústico) esp 0,075m
- Estrutura metálica, larg 0,22m
- Zona teto falso com guias metálicas e varões de rosca.
- Placa Gypcork, 1,20x2,50x0,0725m

**07 COBERTURA PLANA**

Constituintes: laje estrutural de betão (0,45x0,45m); camada de forma (esp 0,10m); Isolamento térmico em aglomerado de cortiça expandida (0,0575m); impermeabilização (0,03m).

**08 PAVIMENTO EM BETÃO ARMADO.**  
 Acabamento com resina de poliuretano (impermeabilizante).



ESC 1:2

**09**

ESC 1:2

**UNIÃO PAVIMENTO EXISTENTE COM ESTRUTURA NOVA**

- Constituintes:
- (a) Alvenaria de pedra.
  - (b) Betonilha, esp 0,004m
  - (c) Subcamada resiliente
  - (d) Soalho flutuante de madeira
  - (e) L em inox. Junta de separação.
  - (f) Chapa de ferro nervurada, 1,00x4,00x0,006m
  - (g) Estrutura de ferro. Perfil em L.
  - (h) Bucha química
  - (i) Perfil de ferro (soldado ao perfil em L), 0,19x0,12x0,008m





